

MARIA DE LOURDES GALVÃO

A EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM TELÊMACO BORBA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção ao Grau de Especialista em Economia do Trabalho, Departamento de Economia, Centro de Pesquisas Econômicas/CEPEC, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Armando Vaz
Sampaio

CURITIBA
2003

Pouco conhecimento faz com as criaturas se sintam orgulhosas.

*Muito conhecimento, que se sintam humildes.
É assim que as espigas sem grãos erguem desdenhosamente a cabeça para o céu, enquanto que, as cheias a baixam para a terra sua mãe.*

Leonardo da Vinci

RESUMO

Este trabalho propõe-se a apresentar um estudo que visa caracterizar e analisar a industrialização de Telêmaco Borba, dependente durante décadas da indústria Klabin S/A. No entanto, devido às rápidas mudanças no cenário econômico mundial, a Klabin para responder eficientemente a nova realidade de transformações, a fim de sobreviver, foi obrigada em parceria com a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba a buscar novas alternativas para o desenvolvimento local com objetivo de criar mecanismos para a geração de empregos e renda, que proporcionassem melhoria de qualidade de vida e bem estar da sua população. Então, através da exploração do rico potencial madeireiro da região, como recurso sustentador desse desenvolvimento, iniciou-se uma nova fase de industrialização de Telêmaco Borba, a qual gradativamente veio impondo nova dinâmica e crescimento econômico e social para o município. Nesse cenário, e considerando o novo formato de desenvolvimento que se intensificou, a partir de 1993, o trabalho considerará entretanto, as modificações ocorridas pela instalação de novas indústrias, notadamente as do setor madeireiro no âmbito do distrito industrial de Telêmaco Borba e sua contribuição para a minimização da dependência da Klabin e conseqüente consolidação de um pólo industrial madeireiro forte, detentor de especiais vantagens que o colocam em clara evidência e superioridade a nível nacional, como um dos maiores centros produtivos de madeira certificada. Pretende-se contribuir ainda, através da apresentação dos resultados da pesquisa de opinião dos funcionários e empresários das indústrias do distrito industrial, onde se procurou elaborar um diagnóstico, ou seja, um perfil atualizados do setor, destacando aspectos relevantes e fatores críticos que necessitem de atenção especial e solução perante os empresários e órgão públicos competentes, visando proporcionar condições favoráveis ao contínuo desenvolvimento do município em bases sólidas e permanentes.

Palavras-chave: Competitividade; Distrito Industrial; Indústria Madeireira; Desenvolvimento Regional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E INDUSTRIAL	17
3 CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA E SETORIAL	28
3.1 TIPOS DE AGRUPAMENTOS INDUSTRIAIS.....	29
3.1.1 Redes de Firmas.....	31
3.1.2 Cluster.....	31
3.1.2.1 Clusters e a nova dinâmica organizacional.....	32
3.1.2.2 A importância dos clusters.....	33
3.1.2.3 Os clusters e a produtividade.....	34
3.1.2.4 Os clusters, a inovação e a criação de novas empresas.....	35
3.1.2.5 Influência dos clusters sobre suas empresas.....	35
3.1.3 Distritos Industriais.....	37
3.1.3.1 Distritos industriais italianos.....	39
3.1.3.2 O Papel do governo no contexto dos distritos industriais.....	40
4 EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO.....	44
4.1 INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA.....	44
4.2 A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO SUDESTE.....	46
4.3 A DESCENTRALIZAÇÃO INDUSTRIAL.....	47
4.4 INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ.....	48
4.5 HISTÓRICO SÓCIO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE TELÊMACO BORBA..	50
4.6 TELÊMACO BORBA: A CAPITAL DO PAPEL E DA MADEIRA.....	53
4.6.1 Recursos Naturais – Madeira	54
4.6.2 Recursos Naturais – Eucalipto.....	54

4.6.3 Recursos Naturais – Pinus.....	55
4.7 CERTIFICAÇÃO FLORESTAL E FOMENTO FLORESTAL.....	57
4.7.1 Certificação Florestal.....	57
4.7.2 Fomento.....	61
5 METODOLOGIA.....	63
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	66
6.1 DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA.....	66
6.1.1 Consumo de Toras.....	68
6.1.2 Cadeia Produtiva.....	71
6.1.3 Empregos.....	75
6.1.4 Impostos.....	77
6.1.5 Características do Distrito Industrial de Telêmaco Borba.....	78
6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS – FUNCIONÁRIO.....	81
6.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS – EMPRESÁRIOS.....	91
7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	116
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	123
ANEXOS.....	128
ANEXO A: Projeto do Pólo Moveleiro.....	128
ANEXO B: Passos para Implantação de um Cluster.....	133
ANEXO C: Repasses do ICMS	138
ANEXO D: Formulários de pesquisa de opinião.....	139

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Faixa etária dos entrevistados.....	81
Tabela nº 2: Nível de escolaridade dos entrevistados.....	82
Tabela nº 3: Tempo de serviço dos entrevistados na empresa.....	83
Tabela nº 4: Benefícios e incentivos que a empresa oferece aos entrevistados.....	84
Tabela nº 5: Remuneração desejada pelos entrevistados.....	85
Tabela nº 6: Motivos que levam os funcionários a sofrer acidentes de trabalho.....	86
Tabela nº 7: Situações desmotivadoras nas funções desempenhadas pelos funcionários	87
Tabela nº 8: Grau de satisfação em relação a jornada de trabalho dos entrevistados.....	88
Tabela nº 9: Dificuldades de infraestrutura encontrada no Distrito Industrial.....	90
Tabela nº 10: Faixa etária dos empresários entrevistados.....	91
Tabela nº 11: Grau de escolaridade dos empresários entrevistados.....	92
Tabela nº 12: Ramos de atividades das empresas pesquisadas.....	93
Tabela nº 13: Quantidade de filiais das empresas entrevistadas.....	94
Tabela nº 14: Motivos da instalação das empresas no Distrito Industrial.....	95
Tabela nº 15: Estrutura administrativa das empresas entrevistadas.....	96
Tabela nº 16: Faturamento médio das empresas pesquisadas.....	97
Tabela nº 17: Abrangência de mercado das empresas entrevistadas.....	98
Tabela nº 18: Destino das exportações das empresas entrevistadas.....	99
Tabela nº 19: Período de capacitação dos funcionários nas empresas entrevistadas.....	100
Tabela nº 20: Opinião dos empresários sobre terceirização.....	101
Tabela nº 21: Destino dos investimentos das empresas entrevistadas.....	102
Tabela nº 22: Grau de Rotatividade dos funcionários nas empresas entrevistadas.....	104

Tabela nº 23: Áreas de maior necessidade de treinamento.....	105
Tabela nº 24: Dificuldades administrativas.....	106
Tabela nº 25: Dificuldades do município de Telêmaco Borba.....	108
Tabela nº 26: Dificuldades encontradas no Distrito Industrial, segundo os empresários..	109
Tabela nº27: Porcentagem da utilização da capac. instalada das empresas entrevistadas.	111
Tabela nº 28: Proveniência da matéria-prima utilizada pelas empresas entrevistadas.....	112
Tabela nº 29: Índice de Acidentes de Trabalho.....	113
Tabela nº 30: Fatores que levam os funcionários a sofrerem acidentes de trabalho.....	113
Tabela nº 31: Grau de satisfação em relação ao atendimento prestado pelo SUS em casos de Acidentes, segundo opinião dos empresários.....	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Consumo de Toras do Distrito Industrial de Telêmaco Borba.....	70
Gráfico nº 2: Evolução da Geração de Empregos das Empresas Madeireiras.....	75
Gráfico nº 3: Evolução do Número de Empresas de Telêmaco Borba.....	77
Gráfico nº 4: Faixa etária dos entrevistados.....	81
Gráfico nº 5: Nível de escolaridade dos entrevistados.....	82
Gráfico nº 6: Tempo de serviço dos entrevistados na empresa.....	83
Gráfico nº 7: Benefícios e Incentivos que a empresa oferece aos entrevistados.....	84
Gráfico nº 8: Opinião sobre remuneração que atendem as necessidades dos entrevistados.....	85
Gráfico nº 9: Motivos que levam os funcionários aos acidentes de trabalho.....	87
Gráfico nº 10: Situações que desmotivam os entrevistados.....	88
Gráfico nº 11: Grau de Satisfação em relação a jornada de trabalho dos entrevistados.....	89
Gráfico nº 12: Dificuldades encontradas no Distrito Industrial segundo opinião dos entrevistados.....	90
Gráfico nº 13: Faixa etária dos empresários entrevistados.....	91
Gráfico nº 14: Grau de escolaridade dos empresários entrevistados.....	92
Gráfico nº 15: Ramos de atividades das empresas entrevistadas.....	94
Gráfico nº 16: Número de filiais das empresas entrevistadas.....	95
Gráfico nº 17: Motivos da instalação das empresas do Distrito Industrial.....	96
Gráfico nº 18: Estrutura administrativa das empresas entrevistadas.....	97
Gráfico nº 19: Faturamento médio anual das empresas pesquisadas.....	98
Gráfico nº 20: Abrangência do mercado das empresas entrevistadas.....	99

Gráfico nº 21: Destino das exportações das empresas entrevistadas.....	100
Gráfico nº 22: Época de capacitação dos funcionários.....	101
Gráfico nº 23: Opinião dos empresários sobre terceirização.....	102
Gráfico nº 24: Destino dos investimentos das empresas entrevistadas.....	103
Gráfico nº 25: Grau de Rotatividade dos funcionários nas empresas entrevistadas	104
Gráfico nº 26: Áreas com maior necessidade de treinamento.....	106
Gráfico nº 27: Dificuldades administrativas.....	107
Gráfico nº 28: Dificuldades do município de Telêmaco Borba.....	108
Gráfico nº 29: Dificuldades do Distrito Industrial, segundo empresários.....	110
Gráfico nº 30: Porcentagem da capacidade utilizada pelas empresas entrevistadas.....	111
Gráfico nº 31: Proveniência da matéria-prima.....	112
Gráfico nº 32: Índice de Acidentes de Trabalho.....	113
Gráfico nº 33: Motivos de Acidentes de Trabalho.....	114
Gráfico nº 34: Grau de satisfação em relação ao atendimento prestado pelo SUS em casos de Acidentes, segundo opinião dos empresários.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1: Relação das Indústrias do Distrito Industrial de Telêmaco Borba.....	69
Quadro nº 2: Produção de Madeira da Indústria Klabin.....	71
Quadro nº 3: Classificação dos Produtos Sólidos da Madeira.....	73
Quadro nº 4: Empresas do Distrito Industrial X Geração de Empregos.....	76
Quadro nº 5: Evolução da Arrecadação de Impostos das Empresas do Distrito.....	78

LISTA DE FOTOS

Foto nº 1: Vista das Indústrias Klabin.....	52
Foto nº 2: Vista Aérea de Telêmaco Borba.....	53
Foto nº 3: Reflorestamento de Eucalipto.....	55
Foto nº 4: Eucaliptus Grandis.....	55
Foto nº 5: Plantio de Pinus.....	55
Foto nº 6: Vista Parcial do Distrito Industrial.....	68

LISTA DE FIGURAS

Figura nº 1: Cadeia Produtiva da Madeira.....	72
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

Os últimos anos testemunharam uma profunda reestruturação produtiva, em praticamente todos os setores da atividade humana. Diversos estudos tem apresentado a globalização, a abertura econômica e a introdução de novos paradigmas tecnológicos como alguns dos aspectos que influenciaram a reestruturação das empresas e trouxeram grandes impactos nas dinâmicas regionais.

As rápidas transformações ocorridas no cenário econômico global direcionaram para uma necessidade de ganho de eficiência e aumento de competitividade por parte das empresas, que de forma abrupta, tiveram que enfrentar os novos desafios e se adaptar a nova realidade e as tendências mundiais.

Essas transformações trouxeram forte recessão e exigiram de todas as empresas a tomar medidas energéticas e urgentes. Nesse cenário, a Klabin foi obrigada a passar por uma reestruturação para que pudesse continuar competitiva no mercado, para tanto rapidamente incorporou as mudanças necessárias, as quais causaram grande ônus em todas as suas unidades.

A Klabin maior fábrica de papel da América Latina e única grande empresa de Telêmaco Borba, praticamente era a sustentadora da cidade, que em 1977 fornecia aproximadamente 12.000 empregos para uma população de cerca de 40.000 habitantes.

Percebeu-se uma grande preocupação da empresa em fortalecer o município por meio de ações concretas, pois município de Telêmaco Borba foi criado em função da instalação da indústria Klabin, nasceu primeiro a empresa e depois a cidade, Telêmaco Borba, em torno dela. Esta situação gerou durante muitos anos a dependência total do município para com a empresa. O paternalismo prevalecia sempre e causava comodismo,

pois durante toda sua trajetória de sucesso, ficou marcada por inúmeras ações que evidenciaram seu arraigado compromisso social, fez com que a Klabin consciente de seu papel de formadora da cidade, buscasse novos caminhos para o desenvolvimento do município e em parceria com lideranças políticas tomou algumas iniciativas com a finalidade de desencadear um processo de desenvolvimento industrial, que trouxesse empregos e crescimento para a economia local.

Em virtude disso através de esforços conjuntos entre Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba e Klabin buscou-se alternativas, através de ações e medidas destinadas a consolidar um novo perfil econômico e social, criando precondições e instrumentos para integrar, diversificar e promover o crescimento da economia local.

Pode-se verificar que primeiramente, houve uma preocupação das autoridades municipais de se realizar um estudo com o objetivo de caracterizar o potencial do município, estudo este feito pela UEPG em 1993, que veio comprovar a vocação da região que é a madeira, principalmente pelo elevado volume sustentável de matéria prima florestal.

Evidentemente que a abertura para que novas indústrias viessem a se instalar em Telêmaco Borba, foi o fator alavancador do desenvolvimento industrial do município, proporcionando um verdadeiro salto, potencializando o crescimento econômico e social e modificando a configuração ou o perfil econômico, impondo-lhe nova dinâmica e destaque a nível nacional, pelo aproveitamento do rico potencial madeireiro da região.

Por outro lado, cabe apontar que as ações reestruturantes elaboradas pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, conferiram ao município um processo de ajustamento produtivo que criou condições diferenciadas das já existentes, o qual pode-se notar que o cenário econômico do município veio se modificando gradativamente e em ritmo muito mais acelerado e promissor do que se observou no período industrial anterior a 1993.

Diante disso a escolha do tema deste trabalho é conhecer o processo de industrialização de Telêmaco Borba, dependente durante muitos anos de uma grande

empresa a Klabin S/A e analisar a II fase da industrialização que se intensificou na década de 90, com a instalação de várias empresas madeireiras, estimuladas por sua vez pela garantia de matéria-prima de boa qualidade pela Klabin.

O objetivo deste trabalho é apontar os principais fatores determinantes do processo de crescimento industrial observado no município de Telêmaco Borba, e analisar historicamente as transformações ocorridas, bem como os impactos sócio-econômicos nos últimos anos, impulsionado pela instalação de novas indústrias no âmbito do Distrito Industrial, mais especificamente a partir de 1993, notadamente as do setor madeireiro.

Este trabalho dedica-se ainda a expor um estudo realizado através de pesquisa de campo junto aos empresários e funcionários do distrito industrial de Telêmaco Borba.

Os dados que ilustram a presente pesquisa têm o propósito de averiguar o número de indústrias instaladas, número de empregos gerados, produtividade, comercialização, produtos fabricados e seu destino, o percentual de impostos gerados, analisar as características das indústrias instaladas no distrito industrial, tecer considerações sobre a viabilidade do Pólo Moveleiro, entre outros apresentados no capítulo IV. Busca-se ainda, avaliar o perfil, postura, visão empresarial, dificuldades, anseios, expectativas, bem como a apresentação de sugestões de melhorias que venham a beneficiar não somente cada indústria isoladamente, mas sim toda a coletividade do distrito.

Este trabalho considerará entretanto, as indústrias do distrito industrial de Telêmaco Borba, com o intuito de traçar inicialmente um diagnóstico do setor, visando levantar dados que demonstrem a atual realidade das indústrias locais em comparação com o cenário nacional, bem como evidenciar os problemas que afetam o dia-dia das empresas do distrito e destacar os aspectos que necessitem de providências urgentes, para que possam ser tomadas as medidas adequadas para o distrito industrial como um todo, para que este possa fazer frente aos desafios que lhe são impostos, no acirrado mercado.

Preconiza-se ainda, que os resultados da pesquisa científica sirvam para nortear a tomada de decisões de órgãos públicos, associações, comércio e demais entidades que dependem da industrialização do município.

Ademais, cumpre ressaltar que, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba e Klabin S/A, embora não participassem da pesquisa de campo, foram por inúmeras vezes consultadas, constituindo-se em valiosa fonte de informações, as quais contribuíram para enriquecer o estudo através de informações técnicas e reais do panorama industrial e dos impactos sócio-econômicos causados no âmbito do desenvolvimento local.

Para lograr esses objetivos, parte das seguintes hipóteses:

- a) O esforço conjunto entre Klabin e Poder Público em buscar novas alternativas para a industrialização de Telêmaco Borba, impulsionaram o desenvolvimento do setor madeireiro e minimizaram os impactos da reestruturação ocorrida na Klabin;
- b) o município de Telêmaco Borba tem apresentado transformações em suas atividades econômicas, ocasionando mudança de perfil econômico;
- c) o Projeto do Pólo Moveleiro será realmente a alavanca para impulsionar o crescimento contínuo do município.

2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E INDUSTRIAL

As modificações ocorridas nos processos produtivos desde os anos 80 e, com maior força nos anos 90, aliadas ao persistente declínio de regiões fortemente industrializadas (BENKO & LIPIETZ, 1995), e a rápida ascensão econômica de novas regiões (STORPER & SCOTT, 1995), forçaram profundas transformações nas teorias e políticas de desenvolvimento regional nesta última década, pela volta das economias regionais.

Vários foram os fatores que colaboraram para este acontecimento como a crise fiscal do Estado, associada aos processos de descentralização, impulsionam uma tendência de valorização dos governos locais como agentes de renovação das políticas públicas. Tendência esta, também reforçada pelo processo de reconfiguração dos padrões de produção e pelo aprofundamento da internacionalização dos fluxos de capital. Os dois últimos processos, que expressam um alto desenvolvimento tecnológico, acarretou um aumento substancial do desemprego, de caráter estrutural, o qual pressiona os governos locais a buscar alternativas para enfrentar o problema.

Segundo Jorge Renato de Souza Filho em seus estudos sobre Desenvolvimento Regional Endógeno, Capital Social e Cooperação apresentou que os desequilíbrios regionais preexistentes e estes, agora advindos da reorganização produtiva internacional, passaram a ser basicamente estudadas sob duas categorias analíticas distintas: a sustentabilidade e a endogenia.

O desenvolvimento sustentável centra sua atenção para a relação dos homens com a natureza, preconizando a utilização racionalizada dos estoques de recursos naturais. A grande preocupação de seus estudiosos está voltada às gerações futuras e a necessidade de políticas que preconizem um desenvolvimento harmonioso e, prioritariamente, sustentável nos períodos posteriores (GUIMARÃES, 1994).

Todavia, é a teoria do desenvolvimento endógeno que focaliza, com toda atenção, a questão regional apresentando as maiores contribuições para a problemática das desigualdades regionais e os melhores instrumentos de políticas para sua correção. Durante a década de 1990, a principal questão do modelo de desenvolvimento endógeno concentrou em tentar entender porque o nível de crescimento variava entre as diversas regiões e nações, mesmo elas dispondo das mesmas condições estruturais de produção, como capital financeiro, mão-de-obra ou tecnologia. A solução foi procurar encontrar, entre estes fatores, aqueles determinados dentro da região.

Neste caminho, a contribuição da teoria endogenista foi identificar que fatores de produção atualmente decisivos, como o capital social, o capital humano, o conhecimento, a pesquisa e desenvolvimento, a informação e as instituições, eram determinados dentro da região e não de forma exógena, com até então era entendido. Com isso logo se conclui que a região dotada destes fatores ou estrategicamente direcionada para desenvolvê-los internamente teria as melhores condições de atingir um desenvolvimento acelerado e equilibrado.

O desenvolvimento regional endógeno predominante na década de 1990 pôde então ser definido conforme proposto por Amaral Filho:

... um processo interno de ampliação contínua da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Este processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto, e da renda local ou da região, em um modelo de desenvolvimento regional definido. (AMARAL FILHO, 1996, p. 37-38)

A capacidade da sociedade de liderar e conduzir o seu próprio desenvolvimento regional, condicionando-o à mobilização dos fatores produtivos disponíveis em sua área a ao seu potencial endógeno, traduz a forma de desenvolvimento denominado endógeno.

Um grande avanço da moderna teoria regional endógena é considerar a importância da sociedade e das relações sociais no processo de desenvolvimento da região. Mais do que isso, na visão de Boisier (1997), a sociedade civil, e nela compreendida as formas locais de solidariedade, integração social e cooperação, pode ser considerada o principal agente da modernização e da transformação sócio-econômica em uma região.

A idéia do desenvolvimento endógeno moderno baseia-se na execução de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas, visando sempre à consolidação de um desenvolvimento originalmente local, criando condições sociais e econômicas para a geração e atração de novas atividades produtivas, dentro da perspectiva de uma economia aberta. (AMARAL FILHO, 1996).

Tomando por discussão ainda o desenvolvimento regional, nos baseamos nos argumentos de Amaral Filho (1996, p. 36):

Nos últimos anos, as teorias sobre desenvolvimento regional sofreram grandes transformações provocadas, de um lado, pela crise e pelo declínio de muitas regiões tradicionalmente industriais e o surgimento de novos paradigmas de industrialização e de desenvolvimento local e, de outro, pelos novos paradigmas surgidos no âmbito da própria teoria macroeconômica do desenvolvimento, cujo destaque corre à conta da teoria de crescimento endógeno.

A discussão do processo de desenvolvimento endógeno, nos mostra a idéia de que a forma e a composição do desenvolvimento endógeno se deve ser agrícola, industrial ou terciário, devem variar de região para região ou de local para local, e dependem das estruturas socioeconômicas e culturais, institucionais e político decisórias prevaletentes nos respectivos espaços. Portanto, uma região ou local que adota novas alternativas e tendências devera apropriá-las de acordo com a realidade, não apenas imitando-as de outras regiões, mas sim alocando às suas necessidades.

A busca incessante pelo desenvolvimento não deve ser imediatista, mas sim uma tarefa sistemática, detalhista e pragmática, que vise o desenvolvimento econômico regional ou local. Portanto, não apenas de um governo, mas de sucessivas administrações públicas.

O processo de desenvolvimento endógeno, acelera a ampliação dos números de empregos, aumento na produção/produto e conseqüente aumento da renda local ou da região.

Nossa preocupação com a questão de desenvolvimento econômico local está atrelada à idéia de que o papel da administração municipal passa a ser maior na promoção do desenvolvimento econômico local.

Na três últimas décadas do milênio renasce o reconhecimento da relevância de empresas de pequeno porte, principalmente por sua capacidade de gerar empregos, e mobilizar o desenvolvimento regional contribuindo para melhorar a distribuição de renda e compensar desequilíbrios. Reconhece-se também que as pequenas empresas tem importante capacidade de gerar e incorporar inovações, atuar nas áreas de tecnologias de ponta, assim como de gerar divisas.

Assim, ao se falar de desenvolvimento local, refere-se a práticas que têm como palco à localidade, vista enquanto uma região, cidade, ou outras unidades menores, e como responsáveis por este desenvolvimento, empreendedores, organizações e grupos do lugar, estejam eles situados nas esferas pública ou privada.

Seguindo na linha da figuração, observa-se que as peças encenadas por esses atores (as práticas) dizem respeito à gestão ou co-gestão de projetos potencializadores da economia local, visando à geração de emprego e renda, a criação/fortalecimento de pequenas e médias empresas e/ou a implementação de estratégias de integração competitiva no mercado global. Incluem-se, também, nesse rol o fortalecimento de atividades econômicas e de serviços de caráter informal, assentadas em redes de parentesco, vizinhança e outras redes submersas (LOIOLA E MOURA, 1995).

Retomamos ao enfoque de grande relevância que diz respeito ao desenvolvimento local, na visão de Sili:

O desenvolvimento local é um meio para alcançar outros fins ... é a problemática vista pelo vigor da crise econômica desde as décadas de 70 e 80. A concepção de desenvolvimento local como paradigma da sociedade ocidental, tem como fim em si mesmo e como meio, são plataformas que formam parte da sociedade e dos dirigentes sócio políticos em todos os níveis territoriais. (MARCELO HENRIQUE SILI, 1992, p. 63)

O núcleo principal das discussões em torno do desenvolvimento, de natureza socioeconômica, parece estar atrelado a alguns fatores fundamentais, os quais podemos indicar, segundo Marshall Wolfe:

1) a visão dentro de uma ordem internacional representada pela participação na produção de bens de consumo; 2) a estrutura social associada as relações de poder; 3) a valorização da sociedade no futuro; 4) a administração realizada de forma coerente com a realidade local e; 5) as opções sobre a passagem do presente desagradável para uma nova e promissora situação futura. (MARSHALL WOLFE, 1976, p. 17)

Ao enquadrarmos a idéia de Wolfe a realidade de nossa área de estudo, mostramos que os aspectos apresentados vão de encontro ao proposto pelo desenvolvimento que a sociedade local almeja, isto é, desenvolver os setores econômicos e sociais, buscando o sucesso igualitário a todos os cidadãos do município. Indicamos ainda que numa visão internacional, o desenvolvimento adota como elemento central “elevar a produção per capita, especialmente através da industrialização”... (WOLFE, 1976, p.22)

Estudos especializados, realizados com base no planejamento, podem ajudar as lideranças políticas a atuarem no plano da administração pública e na tomada de decisões mais racionais, em que serão apontadas as formas mais viáveis de desenvolvimento derivadas das necessidades e capacidade possíveis de cada sociedade, buscando atender aos reais anseios da sua população.

O processo de desenvolvimento no Brasil, segundo Mattos:

Para poder analisar a situação, os problemas e as perspectivas dos programas de desenvolvimento e política urbanas e regionais na América Latina, resulta a necessidade de situar claramente as origens das atividades, dos fundamentos que marcaram seu nascimento e as trocas que tem afetado sua posterior evolução. (CARLOS A. MATTOS, 1998, P. 16)

Entendemos que o desenvolvimento econômico de um lugar deverá permear também os interesses sociais da comunidade. Desenvolvimento é, então, associar o crescimento econômico, social e cultural de uma área qualquer, considerando-se ainda os aspectos da natureza que comporta a região.

Na sociedade atual, muitos são os critérios adotados para a classificação de desenvolvimento, alguns bastantes políticos, outros de cunho administrativo, e mais recentemente aqueles ligados à preocupação ambiental. Percebe-se então, que, desenvolvimento apenas por ideários econômicos não surtem mais efeitos, o desenvolvimento deve ser amplo, possibilitando o crescimento sem agredir o meio ambiente, pois a sociedade envolvida futuramente cobrará de seus administradores pontos que não foram atingidos com veemência, todos eles ligados ao ambiente local.

A instalação de novas indústrias e o fomento a criação de um Pólo Moveleiro permite ao município assumir uma nova realidade, no sentido de poder oferecer mais empregos e incrementar sua economia, propiciando então o desenvolvimento almejado pela administração municipal, quanto pela população local.

Segundo Claudete de Castro Silva Vitte:

O desenvolvimento local, como tema, apresenta importância para a análise geográfica. É no espaço que se materializam os resultados das políticas implementadas por vários agentes... O Estado pode controlar e direcionar as ações destes agentes, sendo que as ações de desenvolvimento local, no decorrer do tempo, podem alterar o conteúdo e o significado do espaço. (CLAUDETE DE CASTRO SILVA VITTE, 1999, p. 01)

Entendemos assim que, o desenvolvimento dos setores econômicos que melhor se adaptam à situação do município, ou seja, a indústria vem de encontro às necessidades sociais do local, através da criação de novos empregos, melhoria na condição de vida,

estabilidade e permanência do cidadão no município, desta forma remodelando a sociedade, uma vez que todo desenvolvimento sugere mudanças sociais.

Seja qual for estilo de desenvolvimento que temos como base para uma reflexão sobre análise de desenvolvimento local, devemos considerar que todos exigem mudanças de grande alcance entre o relacionamento das pessoas, da comunidade e do Estado.

De acordo com Wolfe:

Quando o desenvolvimento e a modernização são colocados como objetivos nacionais, cumpre examinar cuidadosamente os agrupamentos sociais preexistentes e historicamente determinados.... Entretanto, na medida em que são eficazes e autônomas, as organizações locais compelem as autoridades a conceder mais recursos à infra-estrutura e à habilitação urbana do que normalmente lhes seriam destinados. (WOLFE, 1976, p. 139)

Dessa forma, a participação municipal se torna imprescindível para o desenvolvimento local e sua participação passa a ganhar maior repercussão.

Segundo Franklin D. Coelho (1996, p. 09) “desenvolve-se uma exacerbação do processo de competição espacial a partir das especializações produtivas em cada local”. Assim, cada localidade tem que se esforçar para tornar-se competitiva frente à concorrência de outros municípios.

A afirmação do autor, nos leva a entender que as formas espaciais e o desenvolvimento econômico observado em diversos municípios e regiões são o resultado de um processo competitivo das forças produtivas, incentivadas pelas próprias administrações públicas a que são submetidos determinados lugares. Essa competitividade, seja em parâmetro local ou regional, constrói uma trama de articulações. “Diante do quadro de tensão entre o global e o local em que temos vivido neste processo de reestruturação econômica, crescem as especializações produtivas no nível do espaço e aceleram-se as iniciativas voltadas para a produtividade espacial como dado na escolha das localidades” (COELHO, 1996, p. 10).

Este crescimento de especializações produtivas e seletividades locais podem ser averiguados no âmbito das inovações tecnológicas que se assentam onde há infra-estrutura que as permitam. A infra-estrutura hoje é vista também como a integração de pontos do território pelas novas redes de telecomunicações, quebrando as contiguidades regionais. Conforme afirma Franklin D. Coelho, ao discutir a reestruturação econômica crescente em vista das especializações, estas: “materializadas em função de decisão e estratégias ... As localizações geográficas se tornam mais seletivas, as vantagens locais são fortalecidas e os lugares cada vez mais diferenciados pelo seu conteúdo – recursos naturais, mão-de-obra, infra-estrutura de transportes, energia ou telecomunicações”. (COELHO, 1996, p. 109)

À medida que nos referimos à participação de vários atores, devemos salientar que surge uma nova concepção de gestão municipal. O novo papel dos prefeitos aparece numa forma renovada de administração, agora com função empreendedora, ou seja, agente que busca novas alternativas econômicas, além de gerar parcerias e recursos, bem como promover o desenvolvimento, fator fundamental para o crescimento econômico dos municípios.

Assim, as administrações municipais têm caminhado em busca de um desenvolvimento local. Para alcançar tal fim, Franklin D. Coelho, propõe que os municípios devem:

- Considerar que o desenvolvimento local consiste em potencializar o desenvolvimento sócio-econômico tomando como base principal a mobilização de recursos humanos e financeiros locais, significando uma reorganização institucional que permita a acumulação local de pequenos empreendimentos, do associativismo e do direcionamento da ação local à integração do mercado popular com o circuito de acumulação que surge com a reestruturação econômica;
- participar de estruturas políticas sócio-econômicas regionais que integrem circuitos produtivos agrários e urbanos;
- criar e fortalecer iniciativas locais para melhorar a infra-estrutura produtiva permitindo aumentar suas escalas econômicas;
- fortalecer o governo local como promotor de desenvolvimento e facilitador da participação organizada da comunidade. (COELHO, 1996, p. 10-11)

Suscitamos que a aplicação destes indicadores nos projetos desenvolvimentistas do município, possa trazer resultados de grande importância e sustentabilidade, isto devido ao aumento de empregos na região, e por conseguinte, o crescimento dos demais setores econômicos, como, por exemplo, o comércio, além da permanência do morador na cidade.

Acredita-se ainda, que essas considerações, ou melhor, que esses caminhos aprofundem e complementem nossa compreensão sobre a definição de desenvolvimento local, que, conforme Coelho (1996, p.11), significa “um plano de ação coordenado, descentralizado e focalizado, destinando a evitar e melhorar – de maneira sustentável – as condições de vida dos habitantes de uma localidade, e no qual o desenvolvimento estimula a ampla participação de todos os atores”.

Conforme citado em Silva Vitte:

No que estamos considerando como práticas empreendedoras, a administração local investe para desenvolver os recursos que a cidade oferece, tendo como objetivo principal enfrentar problemas sociais. Ações estratégicas identificam vantagens comparativas e buscam incrementar os recursos humanos, fiscais e gerenciais, valorizando os previamente existentes. Busca experiências de gestão inovadoras e responsáveis, garantindo a qualidade de vida, a garantia de empregos para a maioria e o incentivo à solidariedade. (citado em SILVA VITTE, 1999, p. 02)

Compreende-se então que, ao buscar o desenvolvimento da região, a administração local, deverá atender as necessidades sociais da sua população, atualmente tais necessidades referem-se ao emprego, ou seja, ao aumento de vagas no mercado de trabalho, pois é certo que, ao fornecer empregos à sua população, a cidade incrementa outros setores.

Desenvolver economicamente a região ou a localidade é de suma importância aos administradores públicos. No entanto, alguns aspectos devem ser observados a fim de não comprometerem o bem estar social da população local, como bem esclarece Silva Vitte :

Muitas municipalidades adotam o que chamaríamos de práticas empreendedimentistas, nas quais a opção é por uma competição danosa e pela mercantilização da cidade, com a alocação dos recursos locais favorecendo o atendimento das necessidades de empresas. Nelas, subsídios públicos indiscriminados, isenções fiscais não justificadas e achatamento salarial

são defendidos como necessários para gerar mais empregos e riqueza para a cidade. Mas muitas vezes esses subsídios estatais se dão às expensas do consumo coletivo local, em detrimento dos gastos sociais. (SILVA VITTE, 1999, p. 02)

Ao buscar desenvolvimento econômico, os governos precisam preocupar-se também com desenvolvimento social, que em nosso entender aglomera interesses urbanos como por exemplo infra-estrutura, tais como: habitação, educação, saneamento, entre outros, visando também atender ao crescimento populacional desregulado gerado por uma industrialização não planejada de maneira efetiva e estruturada, problema conhecido de inúmeras outras cidades brasileiras. Portanto, o planejamento urbano é necessário ao se planejar o crescimento industrial e por conseguinte o crescimento econômico local.

Ao discutir-se o desenvolvimento local, é necessário ressaltar que este processo não pode ser analisado somente no funcionamento do sistema produtivo. É também importante estudar e crescer-se das transformações culturais ocorridas localmente, a partir da aplicação do processo.

Entende-se, que entre os fatores culturais do desenvolvimento local, surgem preocupações principais: a identidade, a integração e o reconhecimento de sua terra natal, pois muitas vezes as transformações ocorridas são tão intensas que o indivíduo perde sua própria identidade como cidadão local. A compreensão de tais preocupações, utilizamos os descritos de OTH (1997, p. 108-109), para quem:

- A identidade: as coletividades, as regiões e cidades têm necessidade de uma referência cultural forte na qual se combinem cultura, história, arte, urbanidade e economia. É a este preço que elas podem adquirir uma especificidade que as distingue das outras, de sair do “anonimato” e tornarem-se atrativas para as empresas que valorizam a procura por uma melhor localização. A consideração da identidade do território é, portanto, muito mais que o território como o “intercultural” por excelência.
- A qualidade de vida: se resume a uma programação cultural suficientemente densa para permitir a todos os habitantes de aí encontrar um interesse. Ter um lugar para viver, um mínimo de estética, pode dar a certas categorias de população a vontade de viver muito mais numa região que noutra.
- A integração: concerne, ao mesmo tempo, à intercomunidade e às relações entre o “público” e o “privado”. Já é de conhecimento geral que a cultura pode ser alavanca para esse tipo de relação
- O emprego: começa a se observar um certo número de pequenas e médias empresas e pequenas e médias indústrias, que entra no domínio da mestiçagem cultural, particularmente no domínio do turismo cultural de lazer.

Sendo então, que a reunião desses fatores concerne numa preocupação em estabelecer ao indivíduo o reconhecimento de sua importância para o crescimento de sua cidade, não somente a geração de empregos, que viabilizam sua estrutura econômica mais confortável, mas também participando da vida sócio-cultural local, o que serve como integração para um desenvolvimento mais amplo.

E é este desenvolvimento, ou seja, o desenvolver não apenas economicamente, mas também socialmente o local, que deveria ser o ponto de partida para qualquer administração e governo.

3 CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA E SETORIAL

A importância do meio envolvente espacial, é reconhecida por Michael Porter , ao sustentar que a vantagem competitiva é criada e sustentada através de um processo altamente localizado.

A redução dos custos de comunicação e transportes e a diminuição de barreiras ao comércio e concorrência internacional tornam significativas as vantagens de localização para a inovação da indústria, porque as empresas com verdadeiras vantagens competitivas podem penetrar com mais facilidade noutros mercados As vantagens competitivas são cada vez mais determinadas pela diferença de conhecimentos, saberes e taxas de inovação inerentes à perícia dos recursos humanos e rotinas organizacionais, cujos processos de criação são intensamente locais. (MICHAEL PORTER, 1990, p. 158)

A idéia de que há ganhos na formação de aglomerações setoriais em determinado espaço geográfico foi introduzida na economia industrial por Alfred Marshall em sua análise dos distritos industriais britânicos.

O autor mostra que, as empresas podem ser mais eficientes e competitivas, quando concentradas em pequenos negócios similares em localidades específicas, criando o conceito de economia externa. Marshall concebia a indústria localizada” como aquela concentrada em certas localidades em virtude de suas condições físicas especiais e do patrocínio de uma “corte”, cujas demandas atrairiam operários especializados de outras regiões, aumentando ao mesmo tempo a qualificação da mão-de-obra local (ALFRED MARSHALL,1996). A proximidade de pessoas com a mesma profissão especializada traria-lhes vantagens desde que a indústria fixada em um lugar ali permanecesse por longo espaço de tempo. Como diz Marshall, nestes casos os “segredos da profissão ficam soltos no ar” e os aperfeiçoamentos tecnológicos e organizacionais podem ser facilmente absorvidos (MARSHALL, 1996).

O conceito de externalidades de Marshall, é essencial para entender as vantagens de eficiência que pequenas empresas conquistam quando agrupadas. As externalidades são de grande importância para os distritos industriais contemporâneos, onde o fundamental é a busca pela ação conjunta. Essa pode ser de dois tipos: firmas individuais cooperando e grupos de firmas juntando forças em associações, consórcios produtivos. A ocorrência da ação conjunta é que vai determinar a possibilidade de inserção no panorama competitivo em patamares melhor posicionados, promovendo os chamados ganhos de eficiência e elevando a competitividade.

Em vários países do mundo, grupos de empresas estão se aglomerando em certos locais ou regiões, e passando a desenvolver fortes relações baseadas na complementaridade, na interdependência, na cooperação e na troca de informações.

3.1 TIPOS DE AGRUPAMENTOS INDUSTRIAIS

Para John Humphery & Hubert Schmitz (1997) e Roberta Rabellotti (1995) um grupo de produtores fazendo coisas semelhantes na mesma localidade, trazem benefícios estáticos, ajudando-os a se especializarem, atraindo fornecedores e compradores e gera um “pool” de operários especializados. Os benefícios mais dinâmicos ocorrem com a rápida difusão de novas idéias para geração da inovação, a participação de grupos produtores locais em feiras comerciais no exterior e na busca de novos mercados para seus produtos. Para estes autores, a obtenção de eficiência coletiva através de concentração de empresas de mesma localidade, pode ocorrer através de três formas distintas:

- a) **Pólos** - definidos como uma concentração setorial e geográfica de empresas, contando com os benefícios estáticos descritos acima;

- b) **Distrito Industrial** - caracterizado como um agrupamento de empresas, geralmente pequenas, que além das vantagens do pólo, possui formas implícitas ou explícitas de colaboração entre diversos outros agentes econômicos locais, favorecendo a produção local e a prática da inovação;
- c) **Redes** - o conceito de redes, neste sentido, difere dos anteriores, na medida em que, o aprendizado mútuo e a inovação coletiva podem ocorrer mesmo quando não existem grandes agrupamentos de empresas, ou seja, a formação de Redes entre pequenas e médias empresas não está necessariamente condicionada a elas estarem numa mesma localidade.

Pode-se dizer que, os três tipos de concentração geográfica podem trazer vantagens competitivas, no entanto torna-se urgente que os formuladores de políticas de desenvolvimento regional, que contem com a participação das pequenas e micro empresas, atentem para características e demandas da região, procurando conhecer as potencialidades regionais, os problemas, interesses e necessidades das empresas locais e ao mesmo tempo, buscando conhecer outras experiências neste sentido para poder criar mecanismos de ajustes às características políticas, econômicas e sociais da região.

O conceito de eficiência coletiva, então, abrange tanto os efeitos das externalidades quanto os da busca pela ação conjunta e procura captar a idéia de que competitividade não pode ser entendida através do foco em firmas individuais. Assim, a eficiência coletiva pode ser entendida como “vantagem competitiva derivada de externalidades locais e ação conjunta”. Com o conhecimento desses conceitos, é possível estabelecer mais claramente as diferenças entre redes de firmas, clusters e distritos industriais.

3.1.1 Redes de Firmas

Se o cluster pode existir sem que haja a eficiência coletiva característica dos distritos, então esse exemplo seria justamente o contrário: cooperação entre firmas, aprendizado mútuo e inovação coletiva podem existir mesmo que não haja clusters de firmas, mesmo que não haja o aspecto espacial. Redes de PMEs não precisam necessariamente estar posicionadas no mesmo lugar, podendo mesmo assim apresentar eficiência coletiva. As externalidades tendem a ser pequenas, mas os ganhos através da ação conjunta podem ser substanciais.

3.1.2 Cluster

A história econômica recente revela que o empreendedorismo floresce e ganha projeção global quando se desenvolve num tecido econômico que assume o desenho do que Michael Porter, no princípio dos anos 90, começou a designar por clusters, ou seja aglomerações territoriais de competências em determinadas áreas industriais e de conhecimento.

Em termos qualitativos, cluster se caracteriza por ter como base produtiva pequenas firmas com alguma especialização. Ou seja, entre as empresas se estabelecem relações de concorrência/complementação/cooperação que definem o distrito industrial como uma área especializada. Paralelamente a especialização (que pode ser natural ou adquirida), os modernos distritos industriais se caracterizam por registrar uma singular inserção nos cenários mundiais. Para concorrer nestes, é necessário um contínuo processo de inovação

tecnológica. As parcerias com universidades locais, políticas públicas específicas, entre outros, são alternativas que permitem gerar mudanças tecnológicas que, logicamente, às micro e pequenas firmas isoladas e sem estratégia seriam incapazes de produzir.

3.1.2.1 Clusters e a nova dinâmica organizacional

Segundo Michael Porter (1998), os clusters podem ser compreendidos como concentrações geográficas de empresas de determinado setor de atividade – sob a forma de grupos, agrupamentos ou aglomerados – e organizações correlatas, de fornecedores de insumos a instituições de ensino e clientes. As fronteiras de um cluster são definidas por elos e pela interdependência entre os diversos setores e instituições, o que permite que sua abrangência transcenda às fronteiras estaduais ou mesmo nacionais, apesar do confinamento dentro de fronteiras políticas (JOSÉ EDUARDO CASSIOLATO, 1992). Em rápidas palavras Clusters referem-se a um agrupamento espontâneo de empresas similares em uma mesma região e que por apresentarem-se agrupadas entre si, desenvolvem condições propícias para a geração de vantagens competitivas superiores as de suas concorrentes isoladas.

Esta teoria sustenta, que empresas em uma mesma cadeia econômica, trabalhando em harmonia em uma mesma região são mais produtivas e inovativas, com mais facilidade de atrair investimentos e fortalecimento do próprio cluster.

Segundo Michael Porter (1998), faz-se necessário frisar que os clusters são uma forma alternativa de organização da cadeia de valor, promovendo tanto a concorrência como a cooperação. A concorrência convive com a colaboração, pois as duas ocorrem em

dimensões diferentes e entre participantes distintos. As relações existentes entre os clusters e as instituições a eles relacionadas oferecem vantagens competitivas no tocante à eficiência e flexibilidade.

3.1.2.2 A importância dos clusters

Pode-se dizer que, atualmente, a concorrência está associada à produtividade e não mais ao acesso a insumos ou economia de escala. Além disso, a produtividade depende de como as empresas concorrem e não mais das áreas em que concorrem, cabendo ressaltar que as empresas passaram a ser fortemente influenciadas pelo ambiente empresarial local (MICHAEL PORTER, 1998).

Nesse contexto, Michael Porter (1998) afirma que os clusters afetam a capacidade de competição aumentando a produtividade das empresas concentradas nas regiões em foco, indicando a direção e o ritmo da inovação que sustenta o crescimento da produtividade e estimulando a formação de novas empresas, o que vem a expandir e reforçar o próprio cluster.

3.1.2.3 Os clusters e a produtividade

Fazer parte de um cluster confere às empresas maior produtividade na compra de insumos e contratação de mão-de-obra, além de um melhor acesso a informações, tecnologias instituições (MICHAEL PORTER, 1998).

Com relação à mão-de-obra, pode-se dizer que as empresas pertencentes a um cluster têm à sua disposição profissionais especializados e experientes, o que acarreta uma diminuição dos custos de recrutamento (JOSÉ EDUARDO CASSIOLATO, 1992). A questão dos insumos, por sua vez, está relacionada à sólida base de fornecedores de que dispõem os clusters bem desenvolvidos, levando-os a uma aquisição mais eficiente de insumos. A eficiência está centrada na diminuição dos estoques – pois a aquisição ocorre no próprio local – e na conseqüente redução dos custos totais de transação, na eliminação dos atrasos nas entregas e em uma comunicação mais eficiente com os fornecedores em virtude da proximidade (MICHAEL PORTER, 1998). No tocante ao acesso a informações especializadas, Michael Porter (1998) afirma que os clusters acumulam grande quantidade de informações, com acesso preferencial aos seus membros. Além disso, os relacionamentos pessoais e os laços com a comunidade promovem a confiança e facilitam o fluxo de informações.

Um cluster também abrange atividades correlatas que transcendem o simples relacionamento entre seus principais atores. Pode-se dizer que o grande número de ligações entre os membros de um cluster faz com que o todo seja mais do que a soma das partes, levando à complementação de produtos – por membros mutuamente dependentes – para atender às necessidades dos clientes e, também, a coordenação de atividades entre as empresas de forma a otimizar a produtividade coletiva (MICHAEL PORTER, 1998).

3.1.2.4 Os clusters, a inovação e a criação de novas empresas

Os clusters desempenham um papel importante na capacidade de inovação das empresas, pois os consumidores mais exigentes costumam fazer parte deles, o que confere às empresas uma melhor visão do mercado, uma vez que podem descobrir necessidades e tendências dos clientes com uma velocidade superior a de empresas que atuem isoladamente (HELENA M. M. LASTRES, 1997).

Além disso, segundo a mesma autora, o relacionamento permanente com outras entidades do cluster contribui para que as empresas saibam, antecipadamente, como a tecnologia está evoluindo, qual a disponibilidade de componentes e máquinas, quais os novos conceitos de serviço, entre outros.

Segundo Michael Porter (1998), os clusters não só tornam mais visíveis as oportunidades de inovação, como também proporcionam capacidade e flexibilidade para rápidas ações. Dessa forma, as empresas que fazem parte de um cluster podem adquirir com maior rapidez tudo o que necessitam para implementar suas inovações.

3.1.2.5 Influência dos clusters sobre suas empresas

Segundo Michael Porter (1998), um cluster dinâmico pode ajudar qualquer empresa, de qualquer setor, a concorrer por intermédio das capacidades e das tecnologias mais avançadas. Segundo esse autor, há necessidade de que sejam construídas relações sólidas com compradores, fornecedores e outras instituições. Dessa forma, o conceito de cluster

implica a discussão de quatro questões: a escolha e localização geográfica, o envolvimento na região, a forma de aprimoramento do cluster e a forma de se trabalhar coletivamente.

A primeira dessas questões diz respeito a como escolher a localização geográfica de um cluster. Segundo Helena M. M. Lastres (1997), essas decisões devem basear-se no custo total do sistema e no potencial para inovação e não apenas no custo dos insumos. O conhecimento acumulado sobre clusters indica que cada linha de produto precisa de uma base de operações e os clusters mais dinâmicos oferecem as melhores localizações geográficas (PORTER, 1998). Como exemplo, pode-se citar a transferência das bases de operações de empresas multinacionais para clusters vigorosos, de forma a conseguirem enfrentar a concorrência global.

A segunda questão trata da forma como o cluster deve se envolver na região. Segundo Porter (1998), o fator social de união dos clusters facilita o acesso a importantes recursos e informações, requerendo relacionamentos pessoais, contatos individuais e interesses comuns. Segundo esse autor, a simples concentração geográfica de empresas cria a possibilidade de valor econômico mas não o garante. A maximização dos benefícios de envolvimento em um cluster ocorre por meio de participação ativa das empresas e estabelecimento de presença significativa na região, o que requer investimento substancial na área e promoção de um relacionamento permanente com órgãos governamentais e instituições locais.

O terceiro fator é o aprimoramento do cluster que deve ser visto como uma prioridade por seus integrantes e que tem como objetivo criar uma sólida base de funções e instituições de apoio que beneficiem todos os seus membros. Nessa etapa, a busca de incentivos órgãos públicos municipais – para a melhoria da qualificação da mão-de-obra etc – e o apoio de instituições de ensino são relevantes.

O último aspecto diz respeito à forma de trabalho coletivo. Segundo Michael Porter (1998), o modo de operação dos clusters sugere uma nova agenda de ações coletivas para o

setor privado. O investimento em bens públicos é considerado normalmente uma obrigação do governo. O conceito de clusters, entretanto, vem mudar essa percepção apontando o papel das associações comerciais como líderes na troca de idéias e centros de ação coletiva para a superação dos obstáculos à produtividade e ao crescimento. Esses centros assumem liderança nas atividades como montagem de instalações de testes, programas de treinamento, pesquisa em parceria com universidades, coleta de informações relacionadas aos clusters, promoção de fóruns sobre problemas comuns de gestão, investigação de soluções sobre questões ambientais e gestão de consórcio de compras.

Cabe enfatizar que a maioria das associações comerciais atuais são limitadas, representando apenas setores e não configurando clusters. Além disso, segundo Michael Porter (1998), seu escopo é nacional e não local e associações nacionais raramente dão conta de questões locais que afetam a produtividade dos clusters.

3.1.3 Distritos Industriais

A expressão “distrito industrial” foi utilizada por Giacomo Becattini, e Hubert Schmitz (1996), para identificar as bem sucedidas aglomerações de pequenas empresas da Terceira Itália. Essa experiência inspirou pesquisas em distritos industriais em diversas regiões de países desenvolvidos, primeiramente em regiões da Europa e depois também no Japão e nos Estados Unidos.

Trabalhos como os de Piore e Sabel (1984) difundiram, em língua inglesa, a experiência italiana como um modelo particular de desenvolvimento industrial, no qual a emergência de ligações e cooperação entre pequenas e médias empresas (PME's) leva a economias de escala e de escopo. Ao contrário de serem prejudicadas pelo tamanho

pequeno, elas ganham em flexibilidade e rapidez de resposta, tornando-se capazes de ser mais competitivas do que a grande firma.

Ainda, segundo os autores citados:

Distrito Industrial é o sistema que representa os principais rivais dos modelos tradicionais baseados no modo de organização fordista, porque supõe um aglomerado de pequenas e médias empresas funcionando de maneira flexível e estreitamente integrado entre elas e ao ambiente social e cultural, alimentando-se de intensas economias externas formais e informais. (PIORE & SABEL, 1984).

Segundo o professor Carlos Alberto Ramos, da Universidade de Brasília, existe um certo consenso na literatura sobre as vantagens em adotar estratégias cujos eixos são denominados “distritos industriais” ou “clusters”. Amplamente ancorados no pensamento econômico, Alfred Marshall, no século passado, foi o primeiro a identificá-los e torná-los objeto de estudo. Esse autor, um dos primeiros pensadores da moderna teoria econômica, os identificou em certas aldeias da Europa Medieval, em espaços bem delimitados da Rússia, chegando a individualizá-los em certos períodos históricos do oriente.

Uma característica importante do distrito industrial é a sua concepção como um conjunto econômico e social.

A emergência do modelo de desenvolvimento industrial baseado na produção em massa (uso de equipamentos específicos e trabalhadores semi-especializados para produzir produtos estandarizados) gerou, até aos anos 60, um consenso bastante alargado de que a forma mais efetiva de produção seria baseada na grande empresa que poderia, com as vantagens de economias de escala, substituir a produção das empresas mais pequenas. Os sistemas de pequenas e médias empresas, base dos distritos industriais, perderam a importância como forma de desenvolvimento e a região como unidade de análise, passou a ser secundarizada.

Os distritos industriais voltaram a ganhar relevância a partir dos anos 80. A experiência internacional começou a evidenciar que certas regiões, não obstante um contexto pouco favorável ao crescimento, vinham se destacando no cenário mundial. Dois casos são popularmente conhecidos : o Vale do Silício, na Califórnia, e a Terceira Itália, constituída pelas regiões de Emilia-Romana, Tuscany, Úmbria, Marche, Veneto, entre outros, no norte da Itália. Sustentada sobre um aparelho industrial de micro e pequenas empresas, esses dois casos clássicos pareciam desmentir um arraigado argumento que supunha que dinamismo, modernização tecnológica e concorrência nos mercados externos seriam monopólio das grandes firmas.

3.1.3.1 Distritos industriais italianos

A Itália é considerada como a Terra dos Distritos Industriais. Os “Distritos Industriais Italianos” estão localizados no nordeste-centro, próximo ao triângulo industrial de Gênova, Turim e Milão, e se difundiram rapidamente nas décadas de 1960-70. Para alguns autores, como Piore e Sabel (1989) eles anunciam uma nova fase do capitalismo industrial, enquanto que para Bagnasco (1993), sua existência deve-se a um conjunto de situações favoráveis fortemente ancorados no seu local de atuação. Embora haja divergências quanto ao seu significado para a economia industrial, parece haver consenso entre os estudiosos em relação as suas características e o ambiente que permitiu seu desenvolvimento.

A capacidade das pequenas e médias empresas italianas, ou as indústrias nela baseadas, cresceram rapidamente nos anos setenta e oitenta, associada à concentração de firmas em determinados setores e localidades. Nos países em desenvolvimento, a necessidade de se elevar à competitividade das pequenas e médias empresas, ganhou força

na medida em que a liberação do comércio e a desregulamentação aumentaram as pressões competitivas e reduziram subsídios e outros tipos de proteção direta do estado.

As principais características interiores destes distritos são a sua flexibilidade, em grande parte baseada nas pequenas e médias empresas que funcionam à base de sub-contratação, capacidade de inovação, atribuída à criatividade do pessoal diretamente ligado no processo de produção e de valores socialmente legitimado pelo orgulho pessoal em estar na vanguarda tecnológica, e sua forte articulação com a população local que faz com que o trabalho seja repassado por uma dimensão ética de compromisso personalizado entre trabalhadores e empregadores das pequenas e médias empresas.

3.1.3.2 O papel do governo no contexto dos distritos

O Estado tem sua atuação direcionada à percepção das capacidades e potencialidades locais, a partir de políticas de coordenação e promoção das iniciativas sociais. Maria L. Maciel, também observa a necessidade de uma reorientação da ação estatal.

Esse papel coordenador do Estado remete-nos inelutavelmente para o papel mais crucial das formas de organização da sociedade civil no processo de geração, distribuição e apropriação do conhecimento e das inovações dele advindas. Redes de colaboração formadas por empresários, sindicatos, organizações comunitárias, instituições científicas e de informação são composições flexíveis de agentes da sociedade civil para uma nova articulação entre Estado e sociedade. Este é mais um aspecto do deslocamento dos espaços da administração pública (MARIA L. MACIEL, 1996, p. 152).

Levando em consideração estes pressupostos, é possível compreender que uma estratégia política de desenvolvimento regional não pode se ater somente em ações como linhas de crédito, incentivos fiscais ou de investimentos na formação bruta de capital fixo. Ela deve também, e fundamentalmente, procurar manter, ampliar e estimular a integração

em sua comunidade, fortalecendo a auto-organização social e estimulando a prática de soluções colaborativas para problemas comuns.

Mas, para isso, é preciso também formar, mesmo que em um longo espaço de tempo, comunidades voltadas à colaboração e a participação. Comunidades compostas por indivíduos que entendam a importância do trabalho em conjunto e do civismo, abertos à mudança e preparados para criarem e inovarem. Isto é, as políticas voltadas a ampliar a sinergia público-privada e a cultura de ação.

Destaca-se o papel do Estado, sobretudo no que se refere ao esforço em tornar atrativa os territórios, reforçando a necessidade de que sua atuação ocorra de forma indireta, com foco nos aspectos : formação prévia de pessoal; eventuais subsídios; organização eventual de uma cooperação entre os centros de pesquisa, as escolas e as empresas e, uma estimuladora concorrência dos grupos no plano interno.

Ressalta-se três aspectos considerados, por Coelho, como fundamentais no desenvolvimento econômico, no qual o governo local é o protagonista:

- O poder local deve dispor de um conhecimento muito mais profundo da dinâmica da economia local do que possuem outras instâncias dos setor público, o que permite obter em detalhes a informação que se requer na planificação em nível local;
- o poder público encontra-se mais próximo da população e tem maior potencialidade para mobilizar as organizações comunitárias na luta pelo desenvolvimento;
- porque dessa proximidade com a população, é mais pressionado para integrar a ação de desenvolvimento econômico com objetivos sociais. (COELHO, 1996, p. 24).

Francisco Vidal Barbosa (1999) aponta que, o papel do governo é construir um ambiente apropriado no qual empresas possam aumentar sua capacidade de competição. Neste sentido, o governo deveria evitar a regulação exagerada que obstrua os interesses dos negócios e a inovação, que leve a limitação da escolha do consumidor e sobrecarregue as empresas. Em alguns casos, o governo deve se responsabilizar por áreas onde o setor privado não é capaz de desenvolver o processo de criação de riqueza melhor que o setor público. Finalmente, o governo deverá assegurar que educação de boa qualidade esteja

disponível para toda a sociedade como um quesito de importância crucial para a vantagem competitiva.

Ramirez – Rangel (2001) enfatiza o papel do Estado na promoção da cooperação, da colaboração, que na maioria das vezes implica o estabelecimento de instituições formais. Isso significa que as empresas criam, algumas vezes por conta própria, mas quase sempre com a ajuda de suas associações e dos governos regionais ou locais; instituições que permitam a criação de benefícios coletivos e que, normalmente compartilham três características principais: são parcerias públicas-privadas; adquirem um estatuto sem fins lucrativos e requerem a coordenação de vários atores para trabalhar com eficácia. Essas instituições fornecem uma gama de serviços como treinamentos, pesquisa e desenvolvimento, marketing e venda, aquisições coletivas.

Regina Silvia Pacheco (1993, p. 222) relata o papel desempenhado pelo governo municipal, de articulador de forças e atores locais, e na perspectiva de conjugar desenvolvimento econômico, promoção da cidadania e preservação ambiental, com base em práticas de parceria e na busca da negociação. Enquanto isso, observa a autora, no padrão anterior de implantação de distritos industriais, o qual mobilizou muitas prefeituras nos anos 70, o governo buscava atrair agentes externos de modo marcadamente paternalista e com poucas garantias de contrapartida para o município.

Numa abordagem mais geral, Franklin D. Coelho (1997) e Ladislau Dowbor (1997) procuram indicar as potencialidades de ação municipal em matéria de desenvolvimento local, mais especificamente na geração de emprego e renda. O primeiro aponta que o "projeto inovador de democratização do poder local" no Brasil vem incorporando essa problemática por conta do processo de reestruturação econômica e o conseqüente aumento do desemprego estrutural e define desenvolvimento local como:

O plano de ação coordenado, descentralizado e focalizado, destinado a ativar e melhorar - de maneira sustentável as condições de vida dos habitantes de uma localidade, e no qual o

desenvolvimento estimula a participação de todos os atores relevantes. (COELHO, 1997, p. 48)

Ladislau Dowbor (1997) afirma que apesar das limitações da administração municipal, é possível a implementação de ações que rompam "os circuitos fechados de acumulação" e gerem emprego e renda. Para o autor a idéia de desenvolvimento deve ter como ponto central "o ser humano e os "interesses coletivos da maioria" e envolve "qualidade de vida, socialização do poder, acesso aos serviços públicos e aos benefícios da tecnologia".

Pode-se incluir, ainda, a reprodução de padrões tradicionais, como a prática implantação de distritos industriais abordados por Regina Silvia Pacheco (1993) e Celso Daniel (1992), que implicam na oferta de vantagens para a atração de indústrias, via isenção de impostos, doação de terrenos e de infra-estrutura, reproduzindo uma relação tradicional entre o Estado, que doa, e o privado, que se apropria dos benefícios.

4 EVOLUÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

4.1 INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

A industrialização brasileira foi desenvolvida em várias fases, conforme destacaremos no histórico a seguir :

1ª Fase – 1822 a 1930

Período de reduzida atividade industrial, dado a características agrário-exportadora do país. Nessa fase, no entanto ocorrem dois fatores que facilitam a industrialização futura : a abolição da Escravatura e a entrada de imigrantes, que vão servir de mão-de-obra.

2ª Fase – 1830 a 1956

Os efeitos da crise de 1929 sobre a agricultura cafeeira e as mudanças geradas pela Revolução de 1930 modificam o eixo da política econômica, que assume um caráter mais nacionalista. Em 1931, Getúlio Vargas anuncia a determinação de implantar uma “Indústria de Base”, com ela, o país poderia produzir insumos e equipamentos industriais e reduzir sua importação, estimulando a produção nacional de bens de consumo. Porém, somente após a implantação do Estado Novo, surgem empresas estatais dedicadas ao setor de bens de produção.

As dificuldades causadas pela 2ª Guerra Mundial (1939 – 1945) ao comércio mundial favorecem a estratégia de substituição das importações. Em 1943, é fundada no Rio de Janeiro a Fábrica Nacional de Motores. Em 1946, começa a operar o primeiro alto forno da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda – Rio de Janeiro. A Petrobrás,

que detém o monopólio da pesquisa, extração e refino de petróleo, é criada em outubro de 1953.

3ª Fase – 1956 a 1989

O nacionalismo da Era Vargas é substituído pelo desenvolvimentismo do Governo de Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1961. Neste período, houve melhoramentos em diversos setores vinculados à infra-estrutura (pavimentação de rodovias, instalação de luz elétrica). Com os investimentos externos estimula a diversificação da economia nacional, aumentando a produção nacional de insumos, máquinas e equipamentos pesados para mecanização agrícola, fabricação de fertilizantes, transportes ferroviários e construção naval.

A industrialização consolida-se com a implantação da indústria de bens de consumo duráveis, sobretudo eletrodomésticos e veículos, com o efeito de multiplicar o número de fábricas e de peças e componentes.

O desenvolvimento acelera-se e diversifica-se no período do chamado “Milagre Econômico” (1967 – 1973), a disponibilidade externa de capital e a determinação dos governos militares de fazer o Brasil uma “potência emergente”, viabilizaram pesados investimentos em infra-estrutura (rodovias, ferrovias, telecomunicações, portos, usinas hidroelétricas, usinas nucleares), nas indústrias de base (mineração e siderúrgica), de transformação (papel, cimento, alumínio, produtos químicos e fertilizantes), equipamentos (geradores, sistema de telefonia, máquinas, motores e turbinas), bens duráveis (veículos e eletrodomésticos) e na agroindústria de alimentos (grãos, carnes, laticínios).

Em 1973, a economia apresenta resultados excepcionais : o Produto Interno Bruto (PIB) cresce 14%, e o setor industrial, 15,8%. Já em meados dos anos 70, a crise do petróleo e a alta internacional nos juros desaceleram a expansão industrial. Inicia-se uma crise que leva o país na década de 80, ao desequilíbrio do balanço de pagamentos e ao descontrole da inflação. O Brasil mergulha numa longa recessão que praticamente bloqueia a

industrialização. Este período de estagnação tem consequências até os dias de hoje, sendo que a indústria brasileira não apresentou crescimento significativo.

4ª Fase – 1989 até hoje

Esta fase iniciada no Governo Collor com continuidade até o Governo Fernando Henrique marca o avanço do Neoliberalismo no país, com sérias repercussões no setor secundário da economia.

O modelo neoliberal adotado determinou a privatização de quase todas as empresas estatais, tanto setor produtivo, como as siderúrgicas, quanto no setor da infra-estrutura e serviços, como o caso do sistema Telebrás. Além disso, os últimos anos marcaram a abertura do mercado brasileiro, com expressivas reduções nas alíquotas de importação. Por outro lado, houve brutal aumento de desemprego, devido à falência de empresas e as inovações tecnológicas adotadas, com a utilização de máquinas e equipamentos industriais de última geração, necessários para aumentar a competitividade e resistir a concorrência internacional.

4.2 A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO SUDESTE

A distribuição espacial da indústria brasileira, com acentuada concentração em São Paulo, foi determinada pelo processo histórico, já que no momento do início da efetiva industrialização, o Estado tinha, devido à cafeicultura, os principais fatores para instalação de indústrias, a saber : capital, mercado consumidor, mão-de-obra e transportes.

Com efeito, o processo de industrialização que se iniciou no começo do século XX e se acelerou depois da crise de 1929 concentrou-se em São Paulo e Rio Janeiro, cidades que dispunham de capitais oriundos da economia cafeeira. Além disso, a vontade política de

industrializar rapidamente o país traduzi-se por uma concentração dos investimentos na cidade de São Paulo, que já oferecia fortes economias externas (infra-estrutura de transportes, bancária, comercial e mercado de trabalho), reforçando sempre mais o seu peso econômico. Depois da 2ª Guerra Mundial, essa política voluntarista, continua, simbolizada pela frase “50 anos em 5” do Presidente Kubitschek (1955 – 1960), que exprime a vontade de alcançar o mais rapidamente possível o nível dos países industrializados.

A ênfase é colocada sobre as grandes empresas sediadas em particular no eixo Rio - São Paulo, com a idéia de que o desenvolvimento desse centro acabaria por espalhar-se em círculos concêntricos ao resto do país”. (RAUD, 1999, p. 20)

4.3 A DESCENTRALIZAÇÃO INDUSTRIAL

Atualmente, seguindo uma tendência mundial, o Brasil vem passando por um processo de descentralização industrial, chamada por alguns autores de desindustrialização, que vem ocorrendo intra-regionalmente e também entre regiões.

Alguns atrativos para a descentralização industrial são : incentivos fiscais, menores custos de mão-de-obra, transportes menos congestionados e por se tratarem de cidades médias, melhor qualidade de vida.

4.4 INDUSTRIALIZAÇÃO DO PARANÁ

O processo de industrialização do Paraná ocorreu lenta e tardiamente em comparação como o centro industrial de São Paulo.

O Paraná, durante o período de concentração industrial, manteve-se como uma economia periférica, tendo como base econômica a atividade agropecuária. A atividade industrial passa a fazer parte importante da economia paranaense, a partir do início do processo de desconcentração.

A concorrência paulista, a existência de áreas pouco dinâmicas e desintegradas economicamente e a ausência de um sistema adequado de financiamento dos investimentos industriais por parte do governo estadual explicam a debilidade da base econômica do Paraná no começo dos anos 60, sustentada numa indústria associada a produção primária e de baixo grau de elaboração (principalmente beneficiamento de café e madeira).

Durante o Governo Ney Braga, o Paraná tentou superar a situação de extrema fragilidade dos anos 60, aplicando de forma inovadora os preceitos de planejamento. Houve um salto estrutural que compreendeu a realização de grandes obras voltadas ao aumento da oferta e energia elétrica, construção de rodovias e ferrovias, à adequação do porto de Paranaguá, a modernização das telecomunicações, dentre outros avanços. O fortalecimento da Copel e do Banestado e a criação da Sanepar, Telepar, Fundepar, Celepar, Café Paraná (Companhia Agropecuária de Fomento Econômico do Paraná) e do BRDE (junto com outros governos do sul), representam a retaguarda técnica e financeira da transformação pretendida.

O panorama da indústria paranaense altera-se profundamente nos anos 70 em consequência da postura agressiva de Ney Braga, o Paraná contabilizou a instalação de segmentos modernos, tais como complexos cimenteiros, metalmecânicos e de refino de petróleo na região metropolitana de Curitiba (RMC). Ao mesmo tempo, o Estado

experimentou a modernização dos ramos tradicionais da madeira, papel e celulose e a diversificação do agronegócio (soja, café, laticínios, ração, frigoríferos, entre outros).

Porém a dinâmica econômica do interior do Estado não se encontra vinculada ao processo de industrialização percebida na capital.

A década de 90 vem sendo marcada pelo resgate da “vontade industrializante no Paraná”, interrompida durante uma década e meia, por conta, especialmente dos constrangimentos macroeconômicos do país. A partir de 1995, segundo dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), enquanto o PIB brasileiro encolhe – 0,12% em 1998, o PIB paranaense evoluiu 2,54% no período, chegando a 58 bilhões de reais, e o PIB industrial do Estado, isoladamente cresce 4,09%.

A mudança da base econômica do estado, na segunda metade dos anos 90, está ancorado em seis vetores estreitamente articulados : o pólo automobilístico, a modernização do agronegócio (com forte presença das cooperativas, a ampliação quantitativa e qualitativa do complexo madeireiro e papaleiro, a expansão da fronteira internacional, incluindo o Mercosul, o melhor aproveitamento das vocações e o desenvolvimento das aptidões regionais e a retaguarda infra-estrutural, sobretudo na área de ciência e tecnologia e na otimização do tripé transportes e telecomunicações.

As transformações na base econômica estadual podem ser evidenciadas pela avaliação das exportações, as vendas externas para o restante do mundo saltaram de US\$ 1,87 bilhão em 1990 para US\$ 5,3 bilhões em 2001, elevando a participação relativa do Estado no total exportado pelo país de 5,9% para 9,1%, consolidando o quarto lugar no ranking nacional. Especificamente quanto à pauta da frente exportadora, a grande constatação corresponde ao avanço dos produtos mais elaborados e o recuo dos básicos, atestado pela impulsão de material de transporte e pela diminuição do complexo soja.

Segundo Gilmar Mendes Lourenço em seu estudo sobre o Paraná: Benefícios e Custos do Novo Ciclo Industrial concluiu que o conjunto das montadoras respondeu por

cerca de 23% do valor das exportações paranaenses para o resto do mundo em 2001, representando o segundo grupo mais importante da pauta, perdendo apenas para o ramo articulado a soja (31%). Tal situação é bastante distinta daquela que foi constatada cinco anos antes, quando o complexo da soja respondia por quase (50%) das vendas externas estaduais e o parque automotivo por menos de 8% sustentado exclusivamente nas vendas de ônibus e caminhões.

4.5 HISTÓRICO SÓCIO ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE TELÊMACO BORBA

Verificando a história da industrialização de Telêmaco Borba, observa-se o curioso fato de que foi criado primeiro a indústria e depois a cidade de Telêmaco Borba.

A indústria que deu início à industrialização e à criação da cidade faz parte do grupo Klabin que teve início em 1899, quando as famílias Klabin e Laffer, fundaram a Klabin Irmãos e Cia., em São Paulo, para a importação e comercialização de artigos de escritório e tipografia. Os negócios prosperaram e quatro anos depois, a empresa já entrava no segmento que passaria a fazer a história: a produção de papel. Arrendou uma pequena fábrica e começou a produzir folhas para a impressão.

Em 1909, a Klabin constitui sua própria fábrica, a Companhia Fabricadora de Papel e, nos anos vinte já figurava entre as maiores produtores de papel do Brasil.

Os primeiros passos para a industrialização de Telêmaco Borba são dados em 1934, quando a Klabin adquiria a Fazenda Monte Alegre, situada a margem direita do Rio Tibagi, e em 1942 em um lugar denominado Harmonia, é lançada a pedra fundamental para a construção de uma Fábrica de Papel e Celulose, denominada Klabin Fabricadora de Papel e Celulose S/A, onde a mesma foi a primeira fábrica integrada de celulose e papel do país. A

fazenda Monte Alegre possuía uma área de 143.516 ha, na qual continha uma extensa área de mata nativa, como o Pinheiro do Paraná (*Araucária Angustifolis*). Em 1943, inicia-se a construção da fábrica e em 1947, a produção de papel jornal e para embalagens. E a partir de 1950, por necessidade de acomodar seus operários, a Klabin resolve lotear o núcleo chamado Mandaçaia, pertencente na época ao município de Tibagi.

Esse núcleo residencial, criado em função da grande fábrica de papel existente, foi denominado “Cidade Nova”, que pouco depois passa a ter o nome de Telêmaco Borba, em homenagem ao Coronel Telêmaco Enéias Augusto Morocines Borba, desbravador da região.

A cidade de Telêmaco Borba, esta situada no centro-sul do Estado do Paraná, foi criada em 1963, no governo do então Governador Ney Aminthas de Barros Braga.

A necessidade de se obter matéria prima local, levou a Klabin a pesquisar a formação de uma base florestal capaz de suprir a fábrica. O primeiro projeto de reflorestamento teve início em 1943, inicialmente com araucária e eucalipto e depois, na década de cinquenta, com pinus.

Na área fabril a Klabin sempre buscou a introdução de novas tecnologias, como as caldeiras de recuperação, integradas a processos que aumentaram significativamente a produtividade e a proteção ambiental. Nas décadas seguintes a Klabin consolidou sua liderança e expandiu seus mercados, fundando e adquirindo outras empresas. Nos anos setenta, avançou firmemente sobre o segmento de embalagens.

Hoje a operação da Klabin esta estruturada em unidades de negócios, definidos a partir de mercados e processos, onde cada unidade de negócio é responsável por todo o planejamento, produção e comercialização em seu segmento de mercado. O objetivo é centralizar o foco nas atividades principais, com simplificação operacional, especialização no atendimento aos clientes e redução de custos.

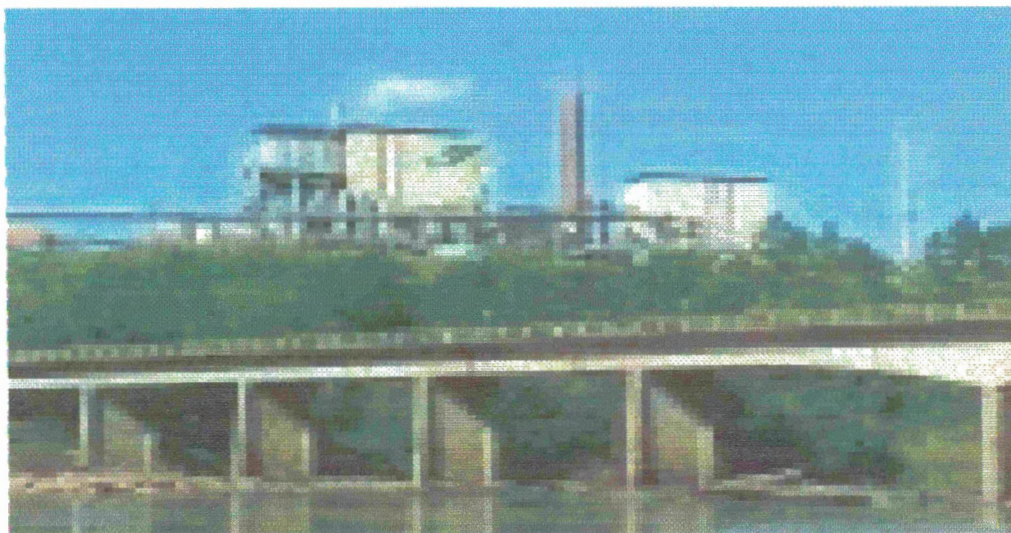
A Klabin S/A é formada por vinte e oito unidades industriais (vinte e seis no Brasil e duas na Argentina), seu portfólio inclui celulose, papéis e cartões para embalagens, caixas

de papelão ondulado, sacos multifoliados, envelopes e papéis descartáveis (tissue), este último por meio de uma joint ventures com a norte americana Kimberly Clark. Possui também uma associação com a norueguesa Norske Skog no setor de papel imprensa.

A unidade de Telêmaco Borba, atua nos segmentos de mercado relacionados a produtos florestais, celulose, papéis para embalagens. A Klabin foi a responsável pela criação e desenvolvimento da cidade, porém esta situação gerou por muitas décadas e dependência total do município para com a empresa, o que vem sendo amenizado ano após ano, com a redução de funcionários, que já chegou a ser de oito mil, alguns anos atrás.

Todo o grupo Klabin precisou passar por uma reestruturação, tendo em vista a conjuntura adversa, a globalização da economia os avanços tecnológicos e as exigências do mercado cada vez mais competitivo. Os investimentos foram destinados a um conjunto mais restrito de negócios, nos quais ocupa posição de liderança. Ver foto 1.

FOTO 1 - Vista das Indústrias Klabin



Fonte: Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba

4.6 TELÊMACO BORBA: A CAPITAL DO PAPEL E DA MADEIRA

A Klabin, indústria produtora de celulose e papel, opera em Telêmaco desde o início da década de 30, já há alguns anos vem fazendo o manejo múltiplo de suas florestas, permitindo que a madeira extraída seja utilizada para outras finalidades, e não somente para a produção de papel e celulose.

Graças às excelentes condições de solo, clima e a utilização de avançadas técnicas silviculturais, as florestas plantadas de Eucalipto e Pinus são a grande riqueza do município, tanto nas reservas florestais da Klabin, como nos reflorestamentos realizados por agricultores da região, na forma de fomento, e ainda por reflorestadores independentes. **Ver foto 2.**

FOTO 2 - Vista Aérea da Cidade de Telêmaco Borba



Fonte: Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba

4.6.1 Recursos Naturais – Madeira

Telêmaco Borba tem atualmente 95% de sua área rural coberta por reflorestamentos. Isso ocorre hoje, por causa do arrasamento das matas naturais, que começou na década de 50, devido ao desenvolvimento da indústria papelreira. No entanto, foram realizadas modernas técnicas de reflorestamento racional, utilizando espécies nativas como *Araucária Angustifolia* e outras como *Pinus Ellioti* e *Eucalyptus*

A região de Telêmaco Borba conta atualmente com mais de 180.000 hectares de florestas de *Pinus* e *Eucalipto*, pertencentes a Klabin, fomentados e terceiros, com produção potencial de 1 milhão de metros cúbicos de madeira serrada por ano.

4.6.2 Recursos Naturais - Eucalipto

Originário da Austrália, constitui-se de mais de 600 espécies. Introduzido no Brasil, entre as últimas décadas do século 19 e as primeiras do século 20, tem sido utilizado para as mais diversas finalidades: celulose, lenha, postes, dormentes, movelaria, construção civil, entre outras. O *Eucalyptus grandis*, espécie mais plantada, apresenta excelentes características para a indústria de madeira serrada e de bens manufaturados, como beleza, resistência e durabilidade.

4.6.3 Recursos Naturais - Pinus

É o gênero mais plantado no Estado do Paraná, com cerca de 65% da área total de reflorestamento. As espécies *Pinus taeda* e *Pinus elliotti*, as mais plantadas, são originárias do sul e sudeste dos EUA, tendo boas condições de crescimento na região de Telêmaco Borba. A madeira destas espécies é utilizada em construções, na produção de laminados, compensados, painéis, chapas de fibras e partículas e celulose, sendo utilizada em larga escala na produção de móveis. Ver fotos 3, 4 e 5.

FOTO 3 - Reflorestamento
de Eucalipto



FOTO 4 - Eucaliptus
Grandis



FOTO 5 - Plantio
de Pinus



Fonte: Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba

Segundo Mariano Felix Duran, diretor de Desenvolvimento Florestal do IAP, o estado deverá enfrentar escassez de madeira a partir de 2004, quando o consumo superará a capacidade de corte nas áreas de reflorestamentos do Estado, causando prejuízos econômicos e sociais durante 10 anos.

A razão da escassez está na falta de planejamento e de investimentos de longo prazo. Entre 1987 e 1995, os governos federal e estadual reduziram os incentivos aos reflorestamentos. Neste período o consumo foi maior do que o plantio. Em 1995, os incentivos voltaram, porém, durante este período, plantava-se menos árvores que eram consumidas. No entanto hoje, esta diferença já se equacionou, porém o problema maior é que as novas áreas florestais precisam de tempo para crescer, em torno de 15 a 20 anos para que possam ser cortadas para a indústria madeireira e moveleira.

O único setor da economia que depende da madeira mas que não deve ter problemas é a indústria de papel e celulose, que segundo estimativa são hoje proprietários 90% dos reflorestamentos da Região Sul do país e que podem utilizar da árvore para matéria-prima para a fabricação de papel e celulose com apenas 6 anos.

A afirmação do Senhor Mariano Felix Duran, não acontecerá em Telêmaco Borba, segundo o engenheiro o Sr. Ronaldo Luiz Sella, a Klabin tem condições de fornecer madeira bruta para as indústrias do distrito durante 10 anos, pois existiu anteriormente um planejamento de plantio em larga escala com a finalidade do desenvolvimento da indústria da madeira do município, devido a este motivo é que grandes empresas vieram a se instalar em Telêmaco Borba.

4.7 CERTIFICAÇÃO FLORESTAL E FOMENTO FLORESTAL

4.7.1 Certificação Florestal

As informações a seguir foram extraídas dos site da Klabin e do site da Imaflora.

Certificação Florestal teve sua origem na década de 80, tendo sido inicialmente um movimento ambientalista por parte dos países Europeus e Norte-americanos, com o objetivo de controlar o desmatamento e as perdas ambientais, que vinham sendo ocasionadas naquele período, devido à intervenção humana e os processos produtivos empresariais. A argumentação principal, utilizada pelos ambientalistas daqueles países, era que o consumo dos recursos naturais, principalmente os florestais, estava levando a diminuição da diversidade biológica mundial.

A Certificação Ambiental é um mecanismo de controle da origem de produtos florestais, baseado em um padrão mundial de Princípios de Manejo Florestal amplamente reconhecido e respeitado, avaliando os aspectos sociais, econômicos e ambientais as operações florestais.

A certificação Ambiental, além de oferecer uma oportunidade para se garantir a abertura e consolidação de mercados, especialmente para exportação, traz vantagens e resultados que devem sempre ser considerados pelas empresas. As práticas florestais são melhoradas, o relacionamento com a comunidade tende a ser mais fluente e a sustentabilidade da produção florestal sob aspectos sociais, ambientais e econômicos tende a ser alcançada.

Um dos certificados mais reconhecidos mundialmente é o do Conselho de Manejo Florestal (FSC), órgão internacional independente, sem fins lucrativos e não governamental. A Certificação Ambiental surgiu do anseio da sociedade, preocupada em consumir produtos mais adequados ambientalmente, e pretende:

- a) agir como um incentivo para promover o bom manejo das florestas;
- b) promover o acesso ao mercado, e aumentar a participação de produtos oriundos desse manejo.

Este Conselho elaborou um documento, de caráter mundial, chamado de Princípios e Critérios (P&C) para o Bom Manejo Florestal. Este documento tornou-se uma ferramenta gerencial, capaz de garantir que determinados processos de obtenção e transformação da matéria-prima estão sendo conduzidos de forma ambientalmente adequada, socialmente justa e economicamente viável.

No Brasil, a certificação florestal é popularmente conhecida como “Selo Verde”.

A Certificação Florestal apresenta dois tipos de certificado: o primeiro atesta a origem da matéria-prima (Bom Manejo) e o segundo atesta o processo de transformação da matéria-prima (Cadeia de Custódia):

a) Manejo Florestal - A certificação de Manejo Florestal visa, resumidamente que uma determinada operação candidata esteja de acordo com os Princípios e Critérios do FSC, bem como as diretrizes genéricas para o bom manejo florestal do programa SmartWood. Após a confirmação de que a operação está de acordo com tais documentos, ela se torna apta à certificação SmartWood/FSC. O Bom Manejo define-se como sendo o processo de obtenção da matéria-prima (produtos madeiráveis ou não), desde a semente até última atividade

operacional para a obtenção do produto a ser comercializado. Esta última atividade é sempre estabelecida pelo produtor, ou seja, é ele que define qual é a última atividade de Manejo para a geração de seu produto, podendo ser tora no campo, como também a tora disposta no pátio de processamento. A Klabin sempre desenvolveu suas atividades industriais e florestais em harmonia com o meio ambiente. Auto-suficiente em madeira e celulose, seguimento em que opera com um dos mais baixos custos em nível mundial, é pioneira na adoção do conceito de “Desenvolvimento Sustentável”, buscando de forma contínua a manutenção de extensas áreas de florestas nativas preservadas em seus reflorestamentos, onde a Klabin foi a primeira empresa do continente americano a receber, em 01 de março de 1998, a certificação internacional da FOREST STEWARDSHIP COUNCIL (FSC), que vem a ser um certificado de que a madeira provém de um manejo adequado de reflorestamentos, obedecendo a critérios ambientais, econômicos, sociais e ecologicamente corretos;

b) Cadeia de Custódia - é definida como o monitoramento de todas as atividades de uma unidade de produção e transformação de matéria-prima certificada, garantindo que o produto final será gerado, somente, através do uso de matéria-prima certificada. Esse processo possui, dois tipos de certificado: exclusivo onde toda a matéria-prima consumida é de origem certificada; e o não-exclusivo, onde 70% da matéria-prima consumida possui certificação de bom manejo. O propósito da cadeia de custódia é assegurar que a madeira contida em todos os produtos que levam o selo verde sejam realmente produzidos com materiais de florestas certificadas. A avaliação da Cadeia de Custódia é essencialmente técnica e limita-se ao controle da origem da matéria-prima florestal no produto final. Esta avaliação não envolve critérios sociais e ambientais do sistema de produção industrial envolvido. Para poder usar o selo do FSC é essencial a certificação de cadeia de custódia. O selo do FSC tão somente indica que a madeira utilizada na fabricação de um determinado produto vem de floresta bem manejada. As empresas que participam da cadeia de custódia, tem muito a ganhar, porque

devido ao fato das florestas serem certificadas, toda a cadeia se beneficia com esta certificação, o que se torna um diferencial na comercialização, principalmente para o exigente mercado externo que tem preferência aos produtos que sejam fabricados com essa madeira. As empresas que industrializam seus produtos com essa madeira certificada são incentivadas pela Klabin para uma industrialização verticalizada, valorizando e garantindo a parceria para certificação ambiental dessas empresas.

As empresas do Distrito Industrial de Telêmaco Borba, que fazem parte da Cadeia de Custódia são as seguintes:

- a) Colo Ind. Com. de Artefatos de Madeira ;
- b) Compensados Telêmaco Borba;
- c) Madeiras Guamiranga;
- d) J.C. Martinez e Cia;
- e) Ecofor Ind., Com.e Exportação de Madeiras;
- f) Embratec Ind. e Com.de Exportação de Madeiras;
- g) Paledson Ind. e Com. de Madeiras;
- h) Technomade Ind. e Com. de Madeiras;
- i) Comércio de Madeiras Antunes;
- j) Contemplac Ind. de Placas;
- k) Paza Vanzela e Cia;
- l) Araupel S/A;
- m) Wolff Lâminas Faqueadas;
- n) Madeireira Lajufer;
- o) Colobras Ind. e Com.;
- p) Indústria de Compensados Regerit;
- q) Ind. e Com. de Madeiras Natalmenegassi;

- r) Linha Atual Ind e Com de Móveis;
- s) Scancon do Brasil;

4.7.2 Fomento

A Klabin não quer, no longo prazo, ser o único fornecedor de madeira para o Pólo Moveleiro, mas sim, um dos players.

Neste sentido, a Klabin intensificará seu Programa de Fomento Florestal, promovendo a expansão da base florestal da região, de uso múltiplo, que proporcione, de forma perene e ambientalmente sustentável, o atendimento das necessidades de madeira das empresas já instaladas ou em processo de instalação e as empresas do Pólo Moveleiro, dentro de princípios que se regulem pela prática normal de mercado, balanceados pela oferta e demanda.

As florestas da Klabin são manejadas com base em pesquisas para a obtenção de matéria-prima de alta produtividade e qualidade, focadas nas necessidades do mercado. Estudos de solo, fertilização, técnicas de silvicultura, manejo ambiental e de melhoramento genético, entre outros, tem promovido avanços significativos na performance das florestas regionais. O bem sucedido Programa de Fomento Florestal da Klabin do Paraná, em parceria com a Emater e Instituto Ambiental do Paraná (IAP) conta com 3.600 parceiros, distribuídos em 11 municípios da região. Em conjunto eles contabilizam 22 mil hectares de reflorestamentos de Pinus e Eucalipto.

O objetivo do programa é permitir que as pequenas e médias propriedades rurais possam se beneficiar do programa de reflorestamento, que tem como finalidade atender aos aspectos sociais, ao contribuir para a fixação do agricultor na área rural com o incremento na

renda, disseminar as práticas de conservação ambiental e aumentar a disponibilidade de madeira de florestas plantadas, preservando a floresta nativa.

De forma crescente as florestas oriundas do programa de fomento florestal entre Klabin e pequenos/médios/grandes proprietários de terras, passarão a suprir parte da necessidade local de matéria prima, em quantidade e qualidade.

A visão da Klabin contempla também, ações no sentido de repassar aos seus parceiros fomentados sua experiência e tecnologia em práticas silviculturais modernas. As atividades florestais de Klabin, desenvolvidas dentro dos mais elevados padrões internacionais de conservação ambiental e sustentabilidade sócio-econômica.

5 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no município de Telêmaco Borba, Estado do Paraná. O município de Telêmaco Borba possui um distrito industrial com 50 empresas instaladas e outras em fase de instalação, que em sua maioria estão voltadas para o setor madeireiro. Sendo pequeno o número de indústrias, a princípio pretendia-se abranger na pesquisa a todas, no entanto devido a não devolução dos questionários obteve-se uma amostra de 30 empresas.

O universo pesquisado constitui-se de empresários e funcionários das indústrias do distrito Industrial de Telêmaco Borba. As empresas foram obtidas, através de uma listagem de todas as indústrias do distrito, fornecida pela Secretaria do Trabalho e da Indústria Convencional.

A pesquisa foi realizada nas indústrias de Telêmaco Borba, mas precisamente no âmbito do distrito Industrial, com base numa amostra de 30 empresas, independente do porte, abrangendo os seguintes segmentos: Madeireiras, Marcenarias, Serrarias, Laminadoras, Indústria de Cabos, Indústria Química, Embalagens de Papel, Palhas para Embalagens, Indústria de Máquinas para Madeira, Tubos de Papelão, Farinha para Ração Animal, Adubo, Metalúrgica.

A coleta de dados foi obtida através de aplicação de questionário não identificado, preenchido um pelo empresário, definido como o dono do negócio, ou o sócio majoritário com participação ativa na direção do negócio e outro questionário a ser respondido pelo funcionário, um do setor administrativo e dois outros do setor de produção, contendo questões de múltipla escolha direta e indireta, realizadas através de visitas às empresas.

O principal problema encontrado foi quanto a não devolução dos questionários pelos empresários e funcionários. Foram entregues 50 questionários aos empresários e 150 aos

funcionários, porém destes 20 de empresários e 87 de funcionários não retornaram, os principais motivos alegados foram a falta de tempo e a não aceitação em responder por desconfiança e medo. Então a pesquisa teve de concluída com 30 indústrias.

A coleta de dados foi realizada por Maria de Lourdes Galvão, responsável pela pesquisa e redatora da presente monografia, que atuou como pesquisadora.

Para que pesquisa fosse sigilosa em relação às empresas e respectivos funcionários, foram desconsiderados nomes. Procurou-se esclarecer que as respostas seriam tratadas como estritamente confidenciais, preservando-se a privacidade das fontes de informações, onde nenhum profissional ou empresa seria citado nominalmente e sim em âmbito geral do distrito industrial.

Durante os meses de março, abril e maio realizou-se a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica. Durante a pesquisa de campo devido às inúmeras tarefas, ocupações e tempo escasso, os empresários solicitaram que deixasse os questionários de pesquisa e que voltasse depois de uma semana para apanha-los. Para tanto fez-se as explicações gerais do questionário e reafirmação do propósito da pesquisa. Encontrou-se muitas dificuldades para recebe-los de volta e por inúmeras vezes tive de retornar numa mesma empresa com a finalidade de obtê-los de volta.

A fundamentação teórica foi feita em função da pesquisa bibliográfica, permeando todo o processo de elaboração da monografia, sendo realizada pesquisa através de livros, documentos, artigos, internet que contribuíram para a sustentação teórica do tema abordado.

A pesquisa bibliográfica foi realizada na Biblioteca Pública Municipal, Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Internet e através de referencial encontrado em documentos obtidos junto a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, através da Secretaria Municipal do Trabalho e Indústria Convencional e na Klabin S/A através da Gerência de Comercialização de Madeira e Fomento Florestal. Estes

dois últimos constituíram de valiosa fonte de informação, pois proporcionaram uma visão mais aprofundada e real do panorama industrial de Telêmaco Borba e perspectivas futuras.

O instrumento de pesquisa que se aplicou aos empresários (**Ver anexo D**) constava de questões fechadas e abertas descritivas. Os dados solicitados para análise visava identificar numa primeira abordagem, uma visão geral do empresário frente a algumas questões referentes a gestão de seu negócio, bem como traçar um perfil, como a sua formação, experiência, postura administrativa e visão empresarial.

O segundo ponto era referente à interação dos empresários com os recursos humanos, financeiros, materiais, produção e comercialização de seus produtos. O terceiro aspecto analisado visava identificar um conjunto de necessidades, dificuldades, anseios e expectativas em relação ao seu negócio e também em relação ao distrito industrial como um todo.

Referente ao questionário dos funcionários (**Ver Anexo D**) procurou-se pesquisar os benefícios, remuneração, jornada e ambiente de trabalho, motivação, bem como suas dificuldades e expectativas em relação a empresa e ao distrito industrial.

Nos meses de junho e julho foram feitas as análises e interpretações dos dados e redação da monografia. Os dados mais interessantes, isto é, que deixavam bem claro a diversidade de opinião dos empresários e funcionários na pesquisa, foram apresentados em forma de tabelas e gráficos, acompanhados das análises e recomendações, por meio de tabulação simples, utilizando-se relação percentual. Os demais dados foram descritos em forma de textos, mas sempre procurando detalha-los em forma de totais numéricos ou percentagens.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA

A parceria entre Prefeitura de Telêmaco Borba e Klabin Paraná Papéis visando o desenvolvimento industrial do município ocorreu em 1993, após estudos realizados pela Universidade Estadual de Ponta Grossa que comprovaram a vocação da região, que é a madeira.

O trabalho conjunto entre Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba e Klabin tinha por objetivo fomentar a instalação e ampliação de novas empresas industriais, atraídas principalmente pelo alto volume sustentável de matéria-prima florestal.

O Distrito Industrial de Telêmaco Borba ocupa atualmente uma área de aproximadamente 210 hectares, dotados de infra-estrutura urbana completa preparada pela prefeitura, conforme determina a Lei Municipal nº 784, de 06 de julho de 1989, que institui o Programa de Desenvolvimento e Fomento Industrial – PRODEFI.

O município, conforme Lei Municipal nº 784, oferecerá incentivos e executará obras destinadas a dotar as áreas industriais de infra-estrutura adequada, especialmente no que se refere ao :

- a) Sistema Viário;
- b) Abastecimento de água e energia elétrica;
- c) Terraplanagem;
- d) Transporte Coletivo;- Telefone;

- e) Isenção de taxas e licenças sobre alvarás de construção das edificações necessárias; Isenção do Imposto de Serviço de qualquer natureza sobre os serviços de mão-de-obra empregada na referida construção.

O Distrito Industrial de Telêmaco Borba está subdividido em três distritos industriais e um viveiro industrial; em sua grande maioria, são empresas do setor madeireiro, entre serrarias, laminadoras, indústrias de móveis, artefatos de papel, entre outros. Exemplos:

- a) **Viveiro Industrial**, proporciona sustentação a micro e pequena empresa, arrendando barracões de 200 m, adaptados com infra-estrutura; possui, no momento, 6 empresas;
- b) **Distrito Industrial do Aeroporto**, foi o primeiro distrito a ser criado no município, foi mal ocupado e, no momento devido ao crescimento da cidade, encontra-se dentro da área urbana, tornando pouco atrativo para instalação de novas empresas; possui 5 empresas;
- c) **Distrito Industrial Consolidado**, composto de 10 empresas;
- d) **Distrito Industrial do Triângulo**, possui 29 empresas, as quais têm uma melhor tecnologia e foram mais recentemente instaladas no município, atraídas pela garantia de disponibilidade de matéria-prima e incentivos oferecidos pelo município.

Com o crescimento do Distrito Industrial através da instalação de novas empresas, tornou-se difícil identificar a separação acima descrita, onde o Distrito Industrial Consolidado, o Viveiro Industrial e o Distrito Industrial do Triângulo se tornaram um só.

Ver foto 6 e quadro 1.

Foto 6: Vista Parcial do Distrito Industrial



Fonte: Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba

6.1.1 Consumo De Toras

Em 1993 a Klabin do Paraná disponibilizou inicialmente de forma sustentável, o equivalente a 250.000 toneladas/ano de toras de Pinus e Eucalipto para fomentar o desenvolvimento industrial.

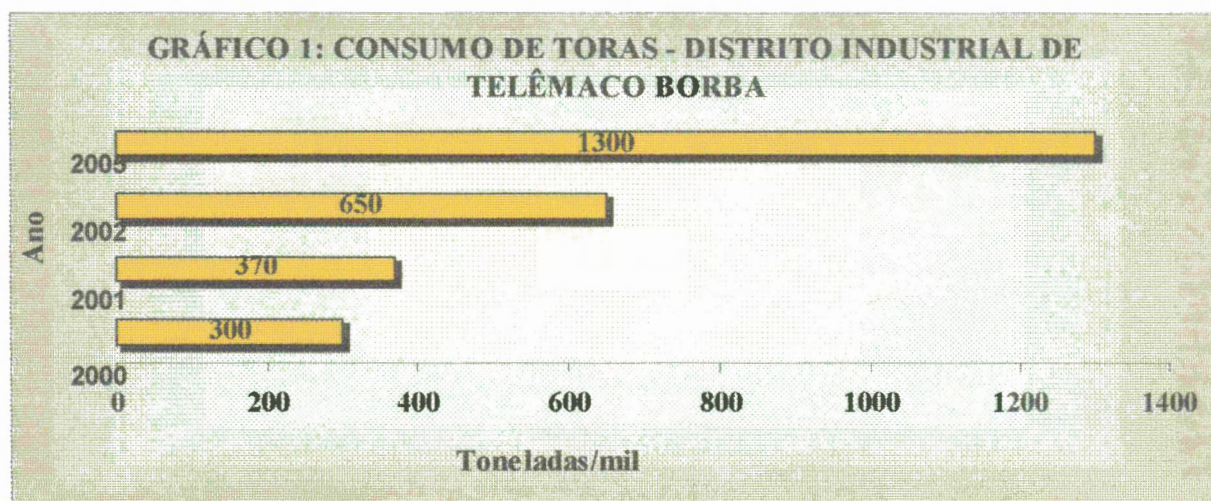
Segundo informações obtidas junto a Secretaria do trabalho e da Indústria Convencional em 1993 o município comercializava 24 mil toneladas/ano de madeira e que atualmente são de 650 mil toneladas/ano, já para o ano de 2004 a previsão é de 1 milhão de toneladas/ano. Pode-se verificar uma extraordinária diferença num período de 11 anos.

QUADRO 1 - RELAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA

EMPRESA	DISTRITO	ATIVIDADE	INÍCIO
1- Agemarton – Indústria de Móveis Planejados	Aeroporto	Movelaria	1994
2- Airiel Ind. E Com. De Madeira Ltda	Triângulo	Serraria / Benef.	2002
3- Antonio Wolff e Cia Ltda	Triângulo	Laminadora	2002
4- Araupel S/A	Triângulo	Desdob. Madeira	2002
5- Braslumber – J. C. Martinez	Triângulo	Serraria / Benef.	1999
6- Colobrás	Triângulo	Moveleira	1998
7- Comércio de Madeiras Antunes	Triângulo	Serraria	1991
8- Compensados Telêmaco Borba	Triângulo	Laminadora	1995
9- Contemplac	Triângulo	Laminadora	2000
10- Cortform – Ind. E Com. de Embalagens	Viveiro	Embalagem Papel	1999
11- Darci Fagundes Gouveia	Consolidado	Serraria	1992
12- Dirceu Pereira da Silva	Consolidado	Serraria	1996
13- Door Pine Madeiras Ltda	Triângulo	Clear Bloks	2001
14- Ecopine Industrial e Exportadora Ltda	Triângulo	Móveis	2003
15- Embratec – Moisés Silva	Aeroporto	Serraria	1997
16- Etefano Shikoski – Madeireira Gerezin	Consolidado	Serraria	1990
17- Eunice Nascimento Pereira & Cia Ltda	Triângulo	Serraria	2002
18-Fábrica de Farinha de Carne	Consolidado	Farinheira	1968
19- Floagri – Ind. E Com. de Peças Ltda	Viveiro	Comércio Peças	1997
20- Ind. E Com. De Madeiras Hormen Ltda	Triângulo	Artefatos	1991
21- Ind. Brasileira de Molduras - Braspine	Viveiro	Molduras	2003
22- Indústria de Compensados Regente	Consolidado	Laminadora	1995
23- Ind. e Com. de Madeiras Natalmenegassi	Triângulo	Serraria	1995
24-Kabi – Ind. e Com. de Cabos	Consolidado	Cabos	1996
25- Lortua – Ind. e Com. de Madeiras Ltda	Triângulo	Serraria / Benef.	1999
26- Lourdes de Cássia Malinowski e Cia Ltda	Consolidado	Serraria	1995
27- M. R. Borges & Cia Ltda - Ecofor	Triângulo	Clear Bloks	1999
28- M.O.J. dos Santos e Cia Ltda	Aeroporto	Carrocerias	1998
29- Madeiras Guamiranga	Triângulo	Laminadora	1996
30-Madeireira Iapó Ltda	Triângulo	Serraria	1991
31- Madeireira Lajufer	Aeroporto	Serraria	1968
32- Madeireira Paledson	Triângulo	Serraria	1992
33- Madeireira Brotas	Triângulo	Serraria	2002
34- Mec Prec Mecânica de Prec. Ind. Com. Ltda	Triângulo	Adubo	1998
35- Metal Progresso – Estrut. Metálicas Pontes	Consolidado	Metalurgia	1992
36- Mimale – Ind Com. de Art. de Cimento Ltda	Triângulo	Artefatos de Concreto	1994
37- Onze – Ind. Com. De Cel. e Art. de Papel	Triângulo	Celulose	1991
38- Palhas para Embalagem Santa Maria Ltda	Viveiro	Palhas	2002
39- Palletel – Ind. De Palletes Ltda	Triângulo	Pálets	1998
40- Paulo Kikuti	Triângulo	Beneficiamento	2002
41-Pazza, Vanzella & Cia Ltda	Triângulo	Serraria/Cabos	2002
42- Premolcon – Ind. Com. De Art. de Concreto	Consolidado	Artefatos de Concreto	1979
43- R.D.V. – Rubens Camilo dos Santos	Triângulo	Móveis	2003
44- Scancom do Brasil	Aeroporto	Móveis	2002
45- Serraria Colo Ltda	Triângulo	Serraria	1993
46- Technomade – Ind. Com. De Madeiras	Triângulo	Serraria	1999
47- Terezinha Evangelista de Oliveira	Viveiro	Marcenaria	2002
48- Versan Center Com. de Madeiras Ltda	Consolidado	Serraria	2002
49- Vitalmiro Rodrigues Araujo	Viveiro	Reciclagem	2000
50- Wosgrau – Participações Ind. Com. Ltda	Triângulo	Secagem/Benef.	1998

Em 1999 a quantidade de madeira já estava comprometida, então houve a necessidade de que mais madeira fosse disponibilizada para as indústrias que se instalassem no Município, a tendência progressiva de aumento de consumo de toras no distrito industrial, pode ser verificada no gráfico 1, em função das garantias que a Klabin ofereceu para que novas empresas se instalassem no município.

A planilha abaixo permite visualizar o crescimento no consumo de toras entre os anos de 2000, 2001 e 2002 e a previsão para 2005, além de comparar a participação de Klabin e outros fornecedores na oferta de toras para o distrito. Como se vê, há tendência em Klabin voltar a aumentar o percentual de participação na oferta de toras para o distrito em função das garantias previstas às empresas que deverão se instalar em futuro próximo. Ver gráfico 1.



Fonte: Klabin

O gráfico ilustra a evolução os dados comentados observando-se um aumento do consumo de toras na ordem de 120% entre os anos de 2000 e 2002 e crescimento previsto para o ano de 2005 em relação ao ano 2000 superior a 300%.

A matéria prima fornecida pela Klabin, é o maior atrativo para as indústrias que se instalam no município, pois além de ser em abundância é de excelente qualidade.

Segundo fonte do Jornal interno da Klabin, o Jornal Gralha Azul, houve um crescimento recorde na comercialização da madeira como mostra o quadro abaixo, este aumento substancial deve-se ao crescimento da industrialização do setor madeireiro no município, visto que a Klabin não tem interesse em comercializar madeira bruta para outras regiões e estados, e sim de que essa madeira seja industrializada no município, agregando valor para a mesma. Ver quadro 2.

QUADRO 2 – PRODUÇÃO DE MADEIRAS DA INDÚSTRIA KLABIN

Área	Recorde 2002 (Ton)	Recorde Anterior 2001 (Ton)	Crescimento
Prod. E Transp. de Madeira	3.222.387	2.966.393	8,60%
Comercialização (Total)	900.398	612.766	46,90%
Eucalipto	154.742	57.717	168,10%
Araucária	32.522	22.132	46,90%
Pinus	713.134	532.917	33,80%

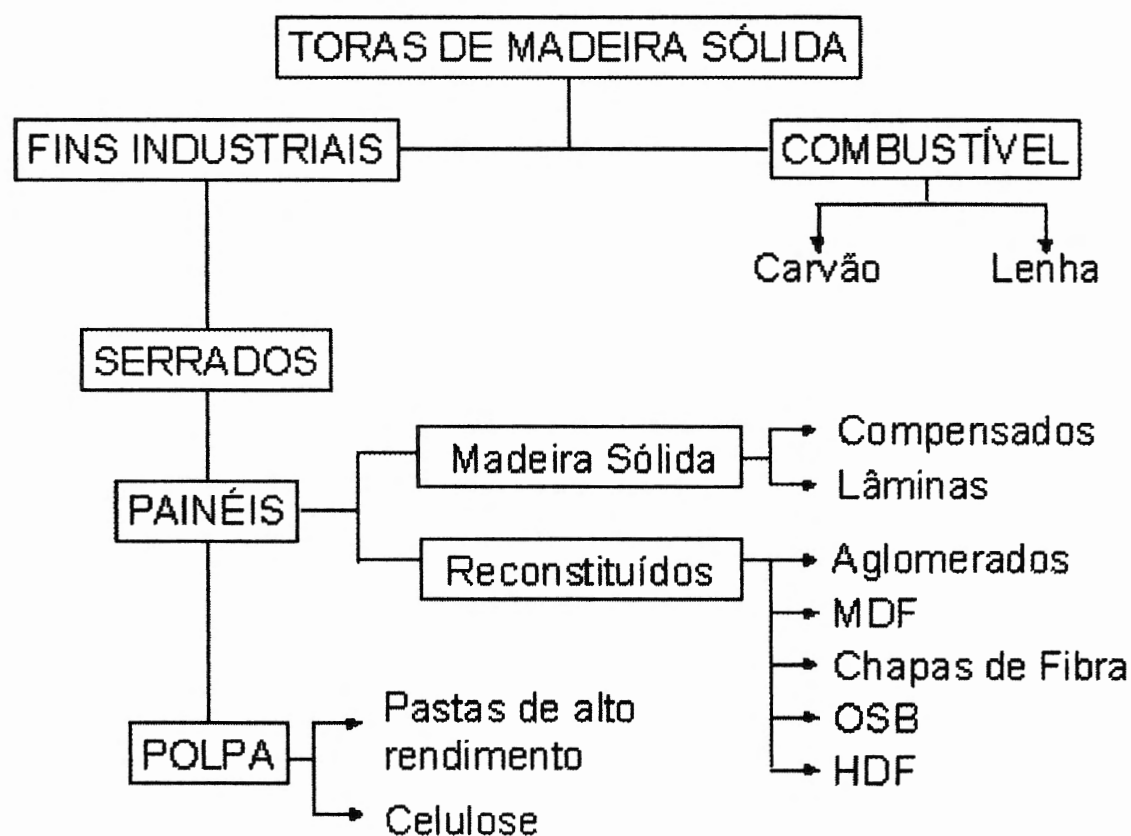
Fonte: Klabin

6.1.2 Cadeia Produtiva

Cadeia produtiva é o conjunto de atividades que se articulam desde os insumos básicos até o consumidor final do produto, incluindo o processamento da matéria-prima e sua transformação para a fabricação do produto, sua distribuição e comercialização, constituindo-se em elos de uma corrente ou cadeia.

As cadeias produtivas devem suprir o consumidor final de produtos em qualidade e quantidade compatíveis com as suas necessidades e a preços competitivos (Castro e Lima, 2001). Ver figura 1 e quadro 3.

Figura 1: Cadeia Produtiva da Madeira



Fonte : Abimóvel – Panorama BNDES

QUADRO 3 – CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTOS SÓLIDOS DA MADEIRA

CATEGORIA	PRODUTOS	SUBPRODUTOS
ROLIÇOS:		
Estacas		
Mourões		
Escoras		
SERRADOS:		
Dormentes	Molduras	{ Sarrafeado Paralelo Sarrafeado Cônico
Pranchas	Aplainados	
Tábuas	Painéis Sólidos	
Ripas	Tacos	
Caibros	Parquet	
Sarrafos		
LAMINADOS:		
Fraqueado	Componentes de	{ Compensado Laminado (Decorativo, Naval Concreto, Industrial e Uso Geral) Compensado com Miolo (sarrafeado, Celular e Composto) LVL
Desenrolado	Chapas	
	Compensado	
	Revestimentos	
RESÍDUOS:		
Chips	Chapas de	{ Chapas de Aglomerados Chapas Finas de Aglomerados Chapas de Partículas Largas Chapas de Partículas com Cimento OSB
Flakes	Aglomerado	
Cascas		
Serragem		
Refugos		
	Chapas de Fibra	{ Chapas Duras (LM, HM, MDF, Padrão e Temperadas) Chapas Leves (Comuns e Impregnadas com Betume)

Fonte: BNDES

A Klabin durante vários anos vem realizando o manejo múltiplo de suas florestas, com o objetivo, não apenas de suprir sua fábrica de papel e celulose, mas também de fornecer matéria-prima para as indústrias madeireiras e de móveis, agregando valor a seus reflorestamentos que são basicamente de pinus e eucalipto. O pinus pode ser desbastado a partir de 8 anos servindo para a produção de celulose, deixando somente as melhores árvores que serão cortadas com 20 anos para a indústria madeireira e o eucalipto a partir do quarto ano já pode ser cortado para a produção de celulose e apenas com 7 anos para a indústria madeireira.

Os produtos do gênero Eucalipto já podem ser encontrados no mercado de diferentes formas, seja em móveis (como componentes ou como madeira aparente), cabos de

ferramentas, lâminas (faqueadas e torneadas), painéis compensados ou sarrafeados, molduras, parquets, vigas coladas, além de outros. Isso mostra o potencial desse gênero não só pela sua beleza, mas também pela sua resistência e durabilidade.

A madeira de Pinus vem se impondo na produção de móveis, principalmente para exportação.

Uma das preocupações na industrialização de Telêmaco Borba foi a de atrair empresas que produzissem produtos diferenciados utilizando o máximo toda a madeira. A Klabin consome em sua fábrica de papéis e cartões os resíduos das madeireiras e as toras de madeira de baixo diâmetro não utilizáveis pelas madeireiras, portanto está viabilizando a produção de madeira para as madeireiras e para a indústria madeireira e moveleira em bases mais econômicas. Algumas partes da madeira que iam para o lixo hoje são reaproveitadas, tais como a raiz para produzir carvão, a casca utilizada para a produção de substrato orgânico, a costaneira e as ponteiros são picadas e retornam para produção de celulose e a serragem para a produção de briquete.

Um dos requisitos para o fornecimento de matéria-prima para as indústrias do distrito industrial é de que as empresas instalem picadores de cavacos, os quais retornam para a Klabin sendo utilizadas na produção de celulose, tendo assim uma cadeia produtiva completa, objetivando minimizar os impactos de poluição ambiental e visual, além de problemas de ocupação de espaço, causado pelo acúmulo de resíduos nos pátios das empresas.

A Klabin e o Poder Público desejam que o nível empregado de tecnologia industrial, de marketing e de gestão das indústrias no Pólo Moveleiro leve ao sucesso econômico toda a cadeia de produção de móveis, ao ponto de que as madeireiras e indústrias moveleiras se interessem em plantar suas próprias florestas.

6.1.3 Empregos

O crescimento na oferta de empregos também foi significativa no período. Cerca de 76% de 2000 para 2001 e 58% para 2002. Se compararmos o período de 2000 e 2002, o crescimento obtido foi de 177%. As estimativas para 2005 prevêem um crescimento de 284% em relação a 2000.

Há expectativa de que as empresas continuem evoluindo com a implantação de novas máquinas e tecnologia que lhes permita agregar mais valor aos seus produtos, melhorando sua saúde financeira e conseqüentemente elevando salários. Ver gráficos 2 e 3 e o quadro 4.

A relação Emprego X Toneladas de Toras se comportou da seguinte forma:

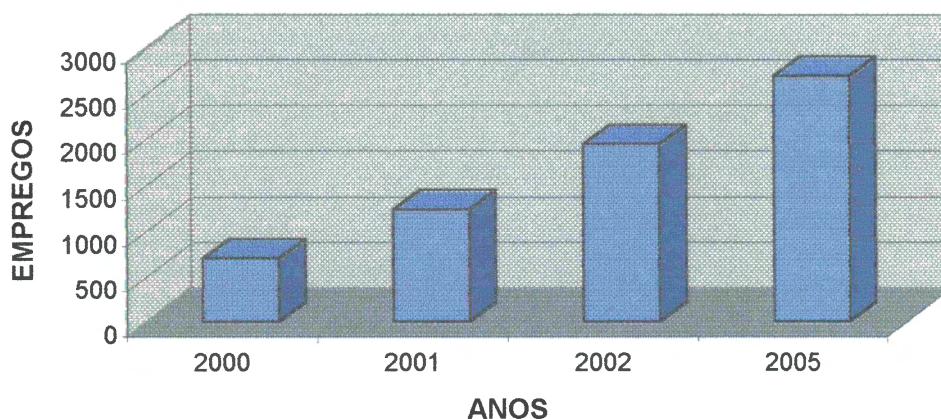
Ano 2000 – 427 t/h

Ano 2001 – 300 t/h

Ano 2002 – 335 t/h

Ano 2005 – 453 t/h

GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO DA GERAÇÃO DE EMPREGOS DA EMPRESAS MADEIREIRAS DE TELÊMACO BORBA



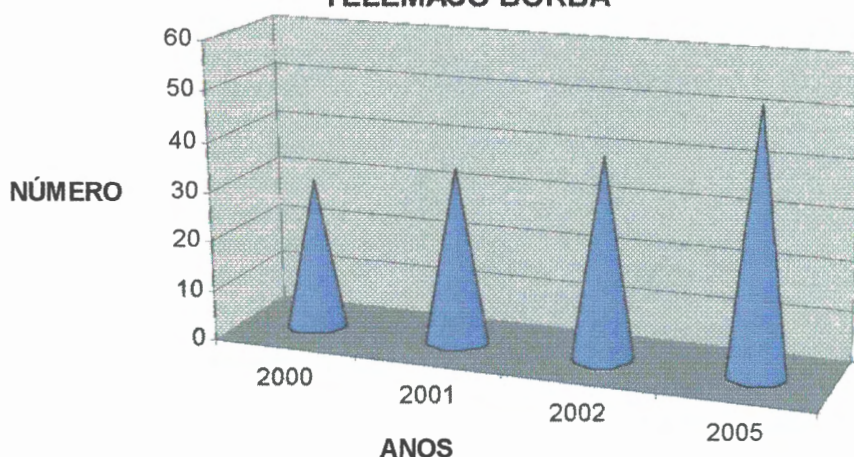
Fonte: Klabin

QUADRO 4 - EMPRESAS DO DIST. INDUST. DE T. BORBA X GERAÇÃO DE EMPREGOS

EMPRESA	NÚMEROS DE EMPREGOS
1- Agemarton – Indústria de Móveis Planejados	20
2- Aíriel Ind. E Com. De Madeira Ltda	18
3- Antonio Wolff e Cia Ltda	38
4- Araupel S/A	152
5- Braslumber – J. C. Martinez	210
6- Colobrás	26
7- Comércio de Madeiras Antunes	12
8- Compensados Telêmaco Borba	140
9- Contenplac	140
10- Cortform – Ind. E Com. de Embalagens	11
11- Darci Fagundes Gouveia	6
12- Dirceu Pereira da Silva	15
13- Door Pine Madeiras Ltda	84
14- Ecopine Industrial e Exportadora Ltda	5
15- Embratec – Moisés Silva	44
16- Estefano Shikoski – Madeireira Gerezin	10
17- Eunice Nascimento Pereira & Cia Ltda	15
18- Fábrica de Farinha de Carne	39
19- Floagri – Ind. E Com. de Peças Ltda	7
20- Ind. E Com. De Madeiras Hormen Ltda	8
21- Ind. Brasileira de Molduras - Braspine	211
22- Indústria de Compensados Regente	70
23- Ind. e Com. de Madeiras Natalmenegassi	29
24- Kabi – Ind. e Com. de Cabos	36
25- Lortua – Ind. e Com. de Madeiras Ltda	15
26- Lourdes de Cássia Malinowski e Cia Ltda	30
27- M. R. Borges & Cia Ltda - Ecofor	127
28- M.O.J. dos Santos e Cia Ltda	5
29- Madeiras Guamiranga	105
30- Madeireira Iapó Ltda	29
31- Madeireira Lajufer	205
32- Madeireira Paledson	82
33- Madeireira Brotas	9
34- Mec Prec Mecânica de Precisão Ind. Com. Ltda	155
35- Metal Progresso – Estruturas Metálicas Pontes Ltda	6
36- Mimale – Ind Com. de Artefatos de Cimento Ltda	10
37- Onze – Ind. Com. De Celulose e Artef. de Papel Ltda	15
38- Palhas para Embalagem Santa Maria Ltda	18
39- Palletel – Ind. De Palletes Ltda	23
40- Paulo Kikuti	5
41- Pazza, Vanzella & Cia Ltda	45
42- Premolcon – Ind. Com. De Artefatos de Concreto Ltda	7
43- R.D.V. – Rubens Camilo dos Santos	15
44- Scancom do Brasil	60
45- Serraria Colo Ltda	33
46- Technomade – Ind. Com. De Madeiras	30
47- Terezinha Evangelista de Oliveira	4
48- Versan Center Com. de Madeiras Ltda	27

49- Vitalmiro Rodrigues Araujo	2
50- Wosgrau – Participações Ind. Com. Ltda	85

**GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS EM
TELÊMACO BORBA**



Fonte: Klabin

6.1.4 Impostos

A Secretaria de Estado da Comunicação Social, assessoria especial do Governador, divulgou em setembro de 2001, nota oficial informando os repasses feitos pelo governo do Estado aos 399 municípios paranaenses. A nota mostra uma desconcentração industrial no Paraná.

Na comparação entre 2001 e 2000, pelo menos 14 municípios tiveram aumento de repasses maior do que Curitiba. Destes, somente 5 pertencem à região metropolitana, onde está concentrado o pólo automotivo do Estado. Entre os que foram contemplados com uma fatia, pelo menos 21,5% maior de um ano para outro está o município de Telêmaco Borba (Ver anexo C – íntegra da matéria).

A secretaria municipal de finanças descreve um aumento substancial na arrecadação de impostos dos produtos provindos da área da madeira, conforme apresentado no quadro 5, e em um estudo feito pelo governo estadual mostra um aumento de 21,5% de 2000 para 2001 de repasses do ICMS, no município de Telêmaco Borba, tornando-se um município de destaque no estado nos últimos anos, em termos de arrecadação de impostos. Ver quadro 5.

QUADRO 5 – EVOLUÇÃO NA ARRECADAÇÃO DE IMPOSTOS DAS EMPRESAS DO DISTRITO INDUSTRIAL

	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Klabin	99%	95%	92%	82%	75%	62,23%
Distrito Industrial	1%	5%	8%	18%	25%	37,77%

6.1.5 Características do Distrito Industrial de Telêmaco Borba

No decorrer da pesquisa do Distrito Industrial de Telêmaco Borba, foram evidenciadas algumas características importantes do setor, que acrescentamos a título de ilustração, conforme segue:

- a) o pólo madeireiro, economicamente, se constitui de um Distrito Industrial (Sistema produtivo local caracterizado por um grande número de empresas aglomeradas em um espaço);
- b) concentração de empresas em quatro distritos, com proximidade geográfica, o que conduz a uma especialização local e no âmbito das empresas;

- c) predominância de pequenas e médias empresas, não existindo uma empresa líder ou que domine o setor em detrimento das demais;
- d) a produção local é expressiva, com grande direcionamento para o mercado externo. Cerca de 90% da produção é destinada para exportação;
- e) especialização flexível, permitindo às unidades produtivas (em razão de seu tamanho) responderem rapidamente às mudanças e transformações no setor, sendo capaz de adaptar seus processos produtivos para produzirem outro produto sólido de madeira e que seja a tendência do mercado nos próximos anos;
- f) grande mobilidade social de trabalhadores (porém sem ampla articulação) em razão da rotatividade da mão-de-obra ser muito elevada nas empresas;
- g) existe uma carência de maior tecnologia que interligue as empresas do setor aos grandes centros de decisão nacional, internacional e a institutos de pesquisa.

Entretanto, pôde-se observar a existência de fatores positivos e negativos presentes no Distrito Industrial, apresentados da seguinte forma:

a) Fatores Positivos,

- Secretaria do Trabalho e da Indústria Convencional muito forte e atuante que tem dado sustentação e alavancado o setor;
- a tomada de consciência de alguns empresários inovadores que já estão buscando alternativas de produtos diferenciados através de uma tecnologia mais elaborada;
- a ampliação da base florestal da Klabin, na modalidade de pequenos proprietários rurais (atualmente 29.017 hectares com 4.360 parceiros, base: 31/06/2002) e dando maior garantia aos consumidores de matéria-prima florestal com foco no uso múltiplo da floresta;

- a Klabin possui um reflorestamento que recebeu a certificação concedida pela Forest Stewardship Council – FSC, que é uma exigência para mercados como os EUA e Europa, que preferencialmente compram produtos com esta certificação;
- outro ponto a destacar é quanto a industrialização verticalizada praticada pela Klabin, que ao repassar a seus parceiros os benefícios da Certificação Ambiental, os valoriza no mercado e lhes proporciona comercializar seus produtos com garantia do Selo Verde;
- o lançamento oficial para a implantação do “Pólo Moveleiro de Telêmaco Borba”, (Ver Anexo A) no dia 13 de janeiro de 2000, tendo como missão: “Produzir e comercializar móveis de madeira, principalmente maciça, ambientalmente corretos, com parcerias tecnológicas e econômicas, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico de Telêmaco Borba e região”;
- grande vontade e sinergia dos órgãos de representatividade com o poder público em melhorar o nível de produtividade e qualidade do setor, através da qualificação da mão-de-obra e do próprio empresariado local;
- localização próximo dos fornecedores de matéria-prima;
- mão-de-obra, atualmente, em abundância.

b) Fatores Negativos,

- mão-de-obra desqualificada;
- falta de conscientização da maioria dos empresários para a necessidade de inovação e diversificação de produtos atendendo as exigências e tendências do mercado.

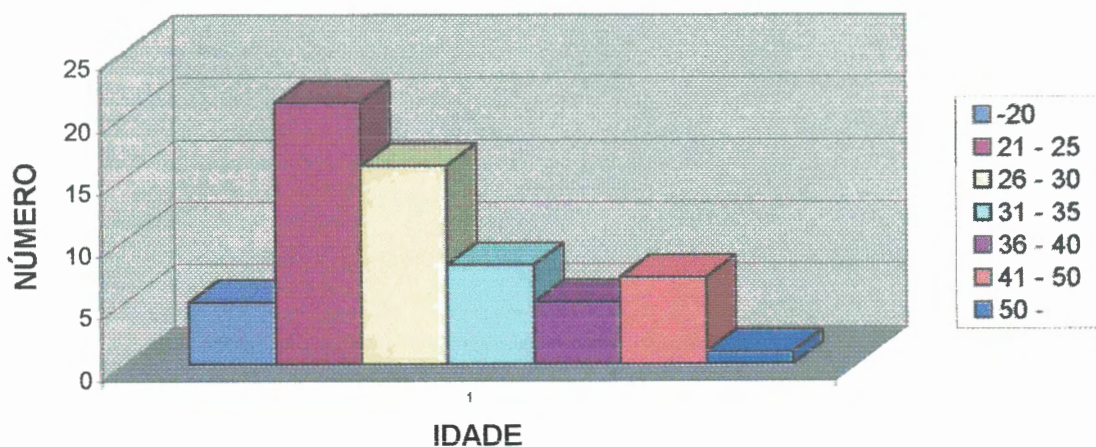
6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS - FUNCIONÁRIOS

Na tabela 1 observamos que 37 entrevistados estão na faixa etária de 21 a 30 anos. As empresas tem procurado funcionários mais jovens e com maior nível de escolaridade, mesmo que não tenham experiência profissional para a atividade que foram designados, recebendo salários mais baixos. (Ver Gráfico 4)

TABELA 1: FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

IDADE	NÚMERO
-20	5
21 - 25	21
26 - 30	16
31 - 35	8
36 - 40	5
41 - 50	7
50 -	1
TOTAL	63

GRÁFICO 4 - FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

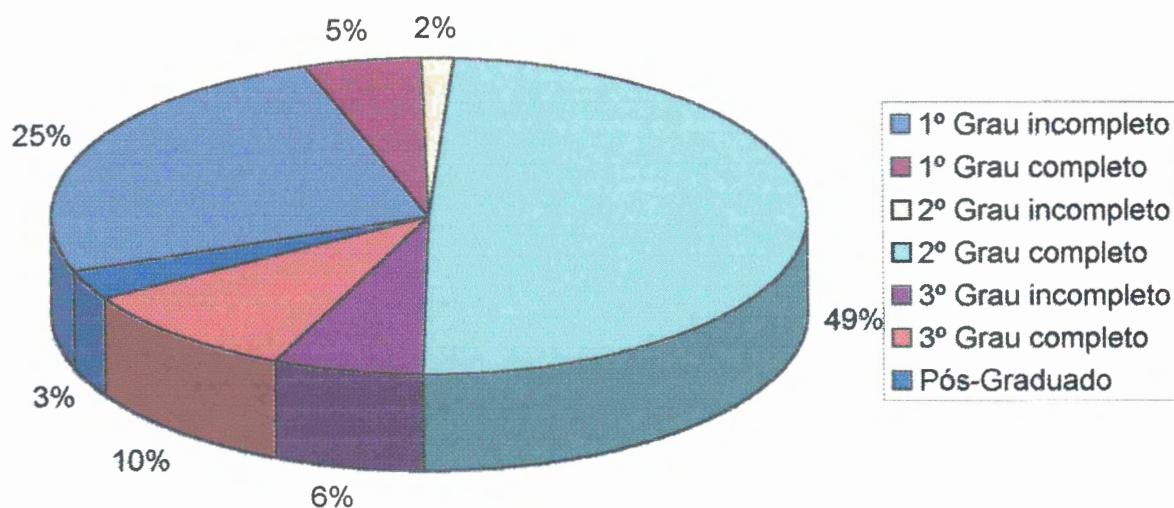


Observamos na tabela 2 que 49% dos entrevistados possuem 2º grau. Verificamos que está aumentando o número de empresas que está exigindo que os funcionários, tenham no mínimo o 2º grau. Devido estar aumentando o número da oferta de mão-de-obra qualificada, pela implantação da FATEB – Faculdade de Telêmaco Borba e do Campus Universitário da UEPG, colocando no mercado de trabalho profissionais mais preparados. (Ver Gráfico 5)

TABELA 2: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
1º Grau incompleto	16
1º Grau completo	3
2º Grau incompleto	1
2º Grau completo	31
3º Grau incompleto	4
3º Grau completo	6
Pós-Graduado	2
TOTAL	63

GRÁFICO 5: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

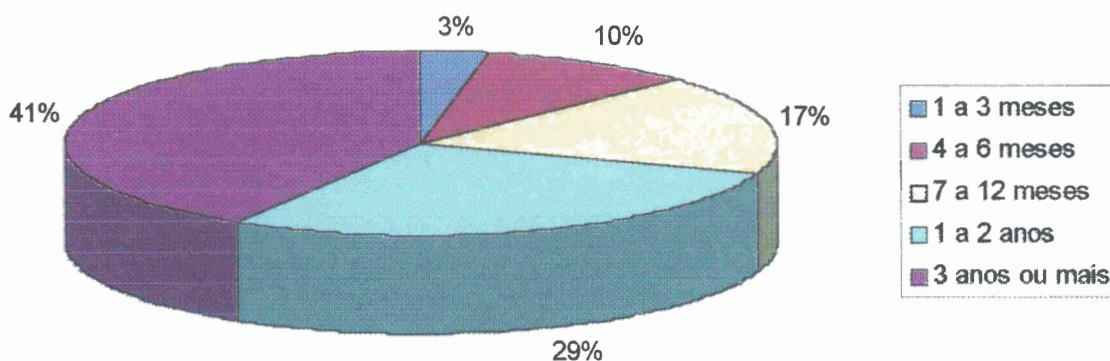


Na Tabela 3 observamos que 41% dos entrevistados trabalha na empresa 3 anos ou mais e 29% de 1 a 2 anos. As empresas tem procurado manter os funcionários por mais tempo na empresa, aproveitando a experiência do trabalhador e evitando gastos com treinamento e o período de adaptação do funcionário. (Ver Gráfico 6)

TABELA 3: TEMPO DE SERVIÇO DOS ENTREVISTADOS NA EMPRESA

TEMPO DE SERVIÇO	NÚMERO
1 a 3 meses	2
4 a 6 meses	6
7 a 12 meses	11
1 a 2 anos	18
3 anos ou mais	26
TOTAL	63

GRÁFICO 6: TEMPO DE SERVIÇO DO ENTREVISTADO NA EMPRESA



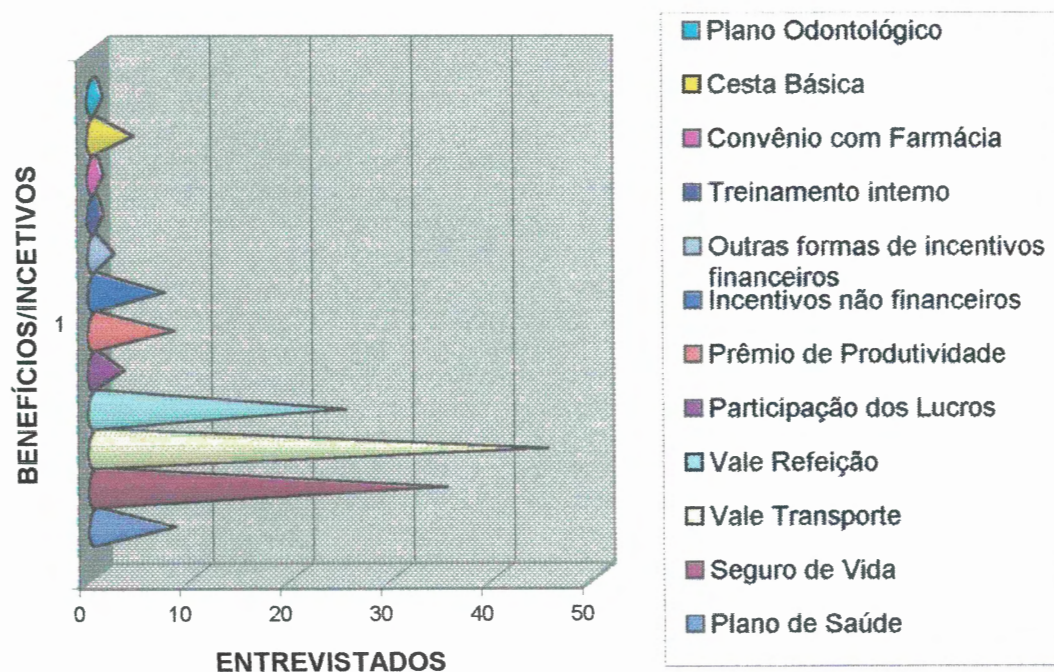
Observamos na tabela 4 que as empresas concedem apenas os benefícios básicos, tais como: seguro de vida, vale transporte e vale refeição.

Outros benefícios são concedidos por apenas um número pequeno de empresas. (Ver Gráfico 7)

TABELA 4: BENEFÍCIOS E INCENTIVOS QUE AS EMPRESAS OFERECEM AOS FUNCIONÁRIOS

BENEFÍCIOS	NÚMERO
Plano de Saúde	8
Seguro de Vida	35
Vale Transporte	45
Vale Refeição	25
Participação dos Lucros	3
Prêmio de Produtividade	8
Incentivos não financeiros	7
Outras formas de incentivos financeiros	2
Treinamento interno	1
Convênio com Farmácia	1
Cesta Básica	4
Plano Odontológico	1
TOTAL	140

GRÁFICO 7: BENEFÍCIOS E INCENTIVOS QUE AS EMPRESAS OFERECEM AOS ENTREVISTADOS



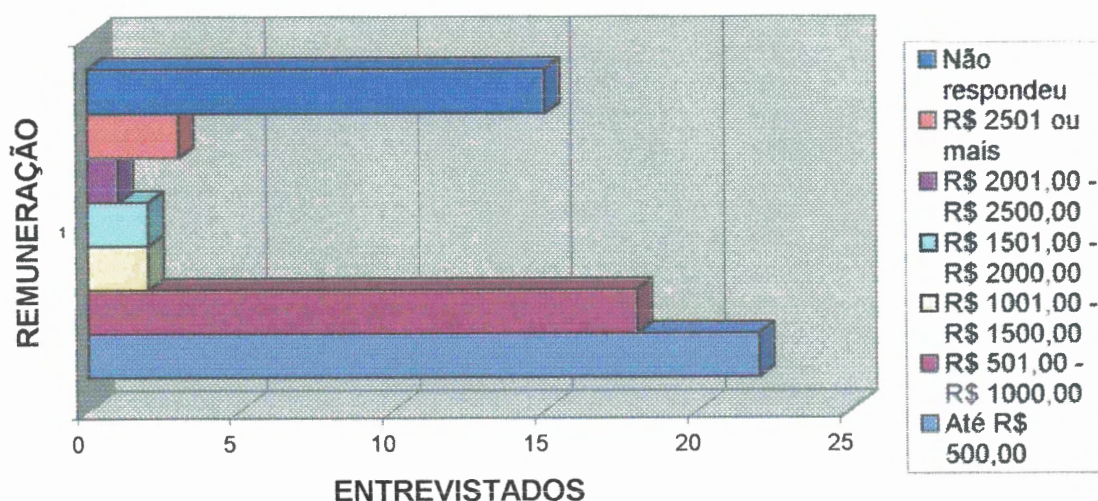
Verificando os dados da Tabela 5 pode-se concluir que os salários pagos pelas empresas são baixos, tendo em vista que 34,92.% dos entrevistados responderam que até R\$ 500,00 atenderia as suas necessidades e expectativas e 28,57% de R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00.

Segundo DIEESE o salário mínimo já deveria ser de R\$ 1.466,73 (março/03). O cálculo do DIEESE tem como base o maior custo apurado para a cesta básica e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para alimentar o trabalhador e sua família, suprimindo suas necessidades com moradia, educação, saúde, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência. (Ver Gráfico 8)

TABELA 5: REMUNERAÇÃO DESEJADA PELOS ENTREVISTADOS

REAIS	NÚMERO
Até R\$ 500,00	22
R\$ 501,00 - R\$ 1000,00	18
R\$ 1001,00 - R\$ 1500,00	2
R\$ 1501,00 - R\$ 2000,00	2
R\$ 2001,00 - R\$ 2500,00	1
R\$ 2501 ou mais	3
Não respondeu	15
TOTAL	63

GRÁFICO 8: OPINIÃO SOBRE VALORES DA REMUNERAÇÃO QUE ATENDE AS NECESSIDADE E EXPECTATIVAS DOS ENTREVISTADOS



Na Tabela 6 verificamos que os funcionários entrevistados estão conscientes que os motivos que levam a acidentes de trabalho são: a falta de atenção dos funcionários 53%, a não utilização dos equipamentos de segurança 18% e a falta de treinamento para o uso dos instrumentos de segurança 9%.

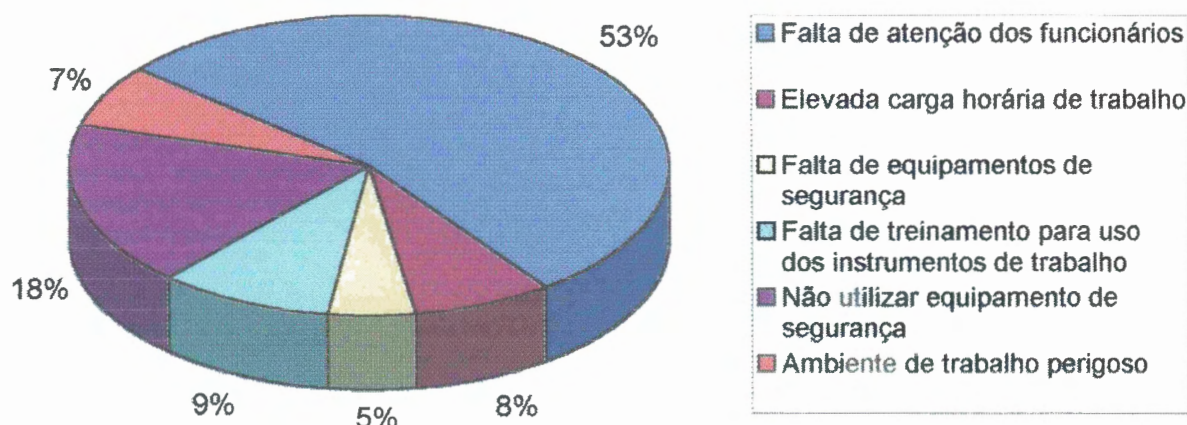
Conforme dados observados, os principais motivos que levam os funcionários a sofrerem acidentes de trabalho, os culpados são eles próprios, devido sua falta de atenção e a não utilização dos equipamentos de segurança. Evidentemente, o que está faltando é conscientização do funcionário, pois ao utilizá-los estará protegendo-se contra possíveis danos a sua saúde. Também no período de trabalho devem concentrar-se na tarefa que está realizando, a fim de evitar acidentes desagradáveis.

Cabe aos empresários conscientizá-los que a utilização dos equipamentos de segurança trará benefícios para a empresa, mas principalmente para a segurança e preservação da saúde dos funcionários. (Ver Gráfico 9)

TABELA 6: MOTIVOS QUE LEVAM OS FUNCIONÁRIOS A SOFRER ACIDENTES DE TRABALHO

MOTIVOS	NÚMERO
Falta de atenção dos funcionários	57
Elevada carga horária de trabalho	8
Falta de equipamentos de segurança	5
Falta de treinamento para uso dos instrumentos de trabalho	10
Não utilizar equipamento de segurança	19
Ambiente de trabalho perigoso	7
TOTAL	106

GRÁFICO 9: MOTIVOS QUE LEVAM OS FUNCIONÁRIOS AOS ACIDENTES DE TRABALHO



Na Tabela 7 verificamos que 27 pessoas não responderam sobre quais são as situações desmotivadoras na empresa.

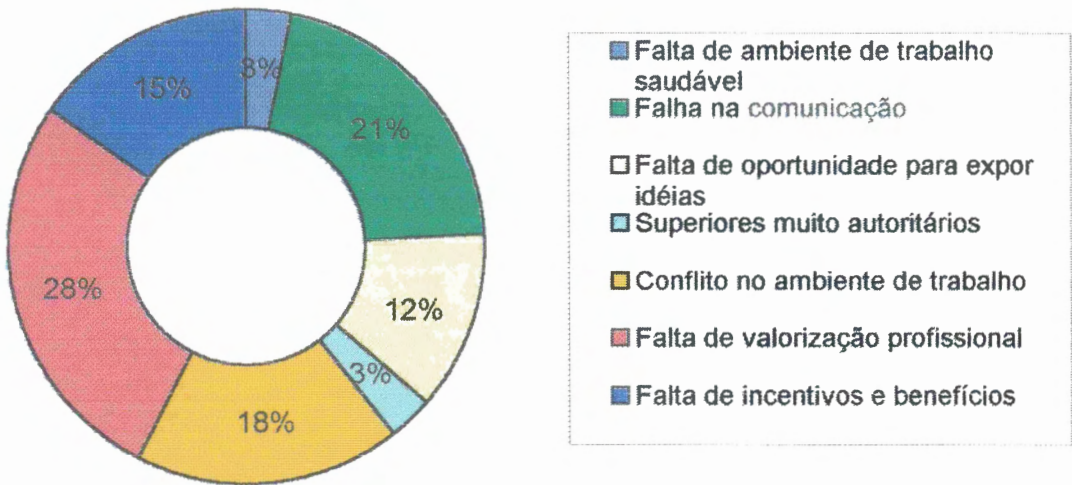
Dos funcionários entrevistados 28% responderam que a falta de valorização profissional é uma situação desmotivadora, 21% que é a falha de comunicação e 18% são os conflitos no ambiente de trabalho.

Nas empresas, as pessoas desmotivadas provocam baixa produtividade da linha de produção e criam uma imagem negativa da empresa. (Ver Gráfico 10)

TABELA 7: SITUAÇÕES DESMOTIVADORAS NAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELOS FUNCIONÁRIOS

SITUAÇÕES DESMOTIVADORAS	QUANTIDADE
Falta de ambiente de trabalho saudável	1
Falha na comunicação	7
Falta de oportunidade para expor idéias	4
Superiores muito autoritários	1
Conflito no ambiente de trabalho	6
Falta de valorização profissional	9
Falta de incentivos e benefícios	5
TOTAL	33

GRÁFICO 10: SITUAÇÕES QUE DESMOTIVAM OS ENTREVISTADOS

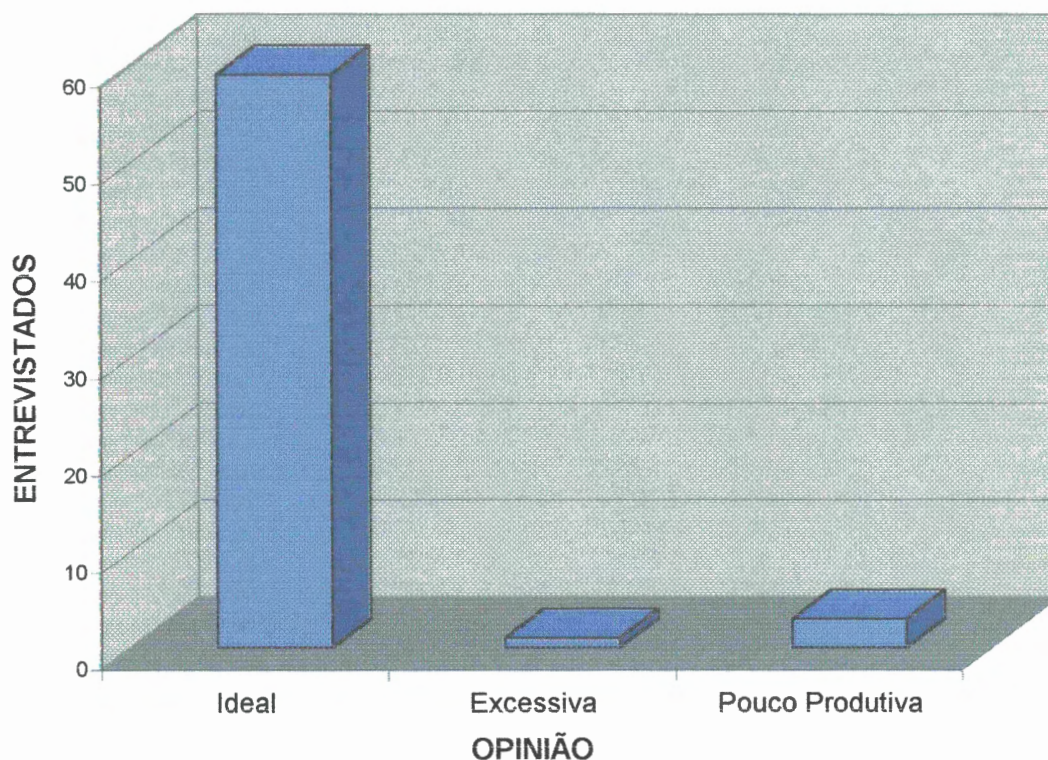


Observamos na Tabela 8 que os entrevistados acreditam em sua grande maioria que a jornada de trabalho está ideal. (Ver Gráfico 11)

TABELA 8: GRAU DE SATISFAÇÃO SOBRE A JORNADA DE TRABALHO DOS FUNCIONÁRIOS

OPINIÃO	QUANTIDADE
Ideal	59
Excessiva	1
Pouco Produtiva	3
TOTAL	63

GRÁFICO 11: GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO A JORNADA DE TRABALHO DOS ENTREVISTADOS



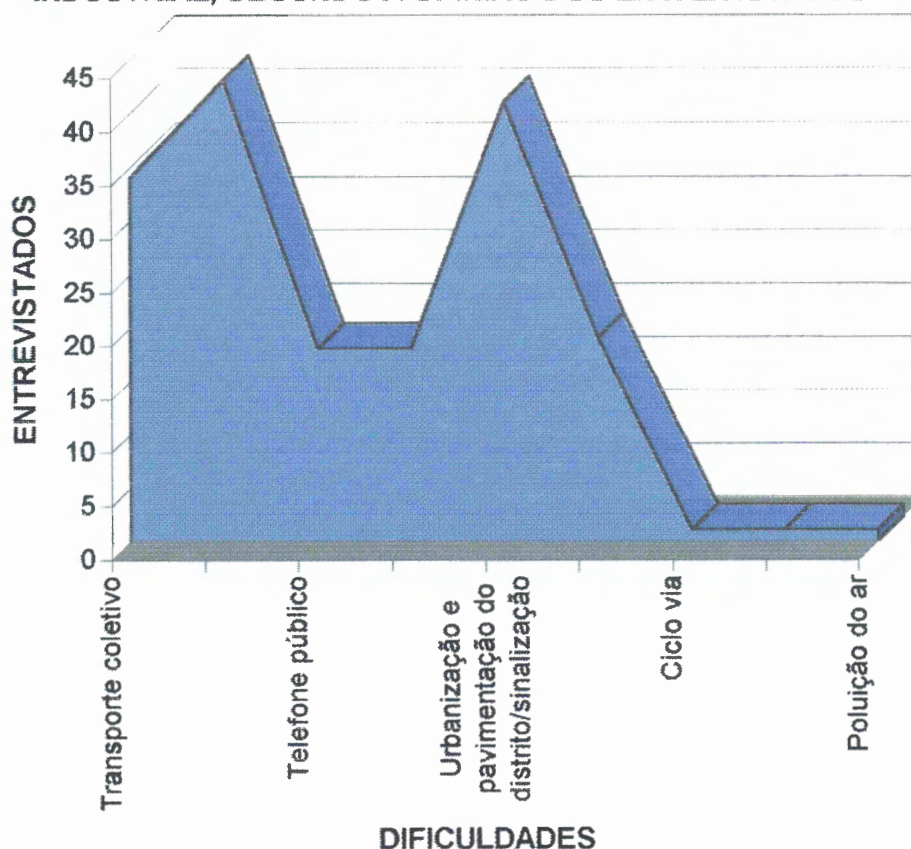
Conforme Tabela 9, observamos que os entrevistados estão insatisfeitos com a infraestrutura do Distrito industrial de Telêmaco Borba.

Foram apontadas como principais dificuldades: Posto de Saúde/Atendimento médico, urbanização e pavimentação do distrito, sinalização e transporte coletivo, entre outros. (Ver Gráfico 12)

TABELA 9: DIFICULDADES DE INFRAESTRUTURA ENCONTRADAS NO DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA

DIFICULDADES	PONTUAÇÃO
Transporte coletivo	34
Posto de Saúde/atendimento médico	43
Telefone público	18
Posto de atendimento bancário	18
Urbanização e pavimentação do distrito/sinalização	41
Restaurante industrial	19
Ciclo via	1
Conjunto habitacional	1
Poluição do ar	1
TOTAL	176

GRÁFICO 12: DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DISTRITO INDUSTRIAL, SEGUNDO A OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS

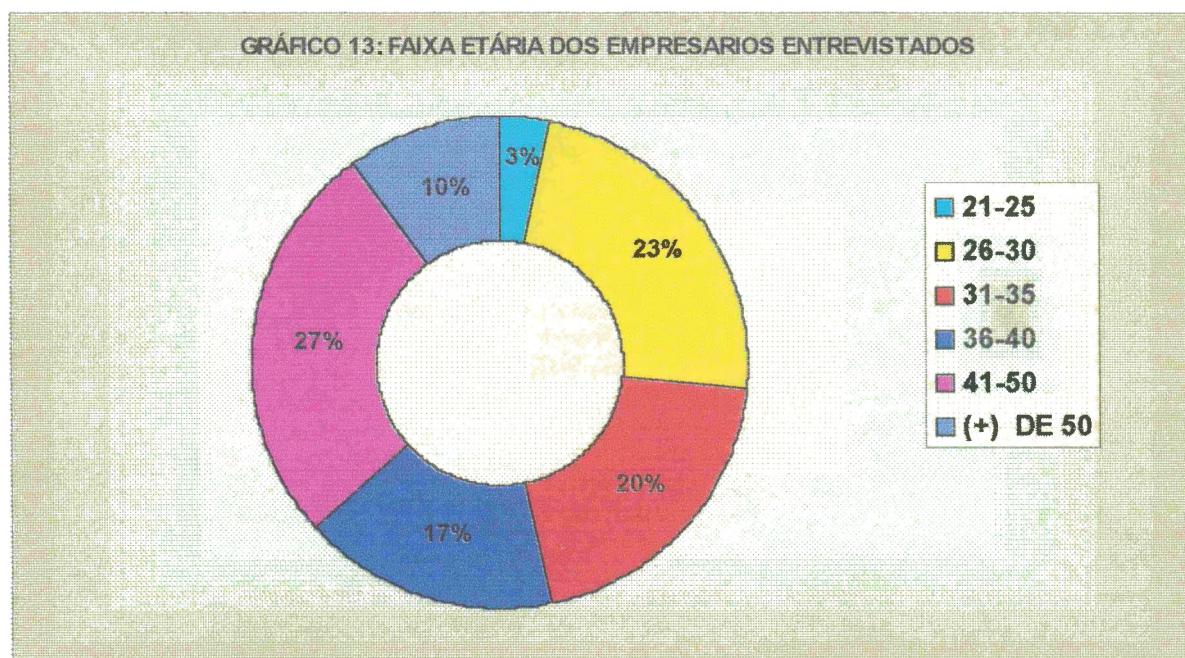


6.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS – EMPRESÁRIOS

Na Tabela 10, analisando os dados obtidos através dos questionários respondidos por trinta empresários do distrito industrial de Telêmaco Borba constata-se que a faixa etária predominante está entre 41 e 50 anos é de 27 %, mas no entanto temos grande número de empresários entre 26 e 40 anos, mostrando assim maturidade e tempo de serviço dentro das empresas. (Ver Gráfico 13)

TABELA 10: FAIXA ETÁRIA DOS EMPRESÁRIOS ENTREVISTADOS

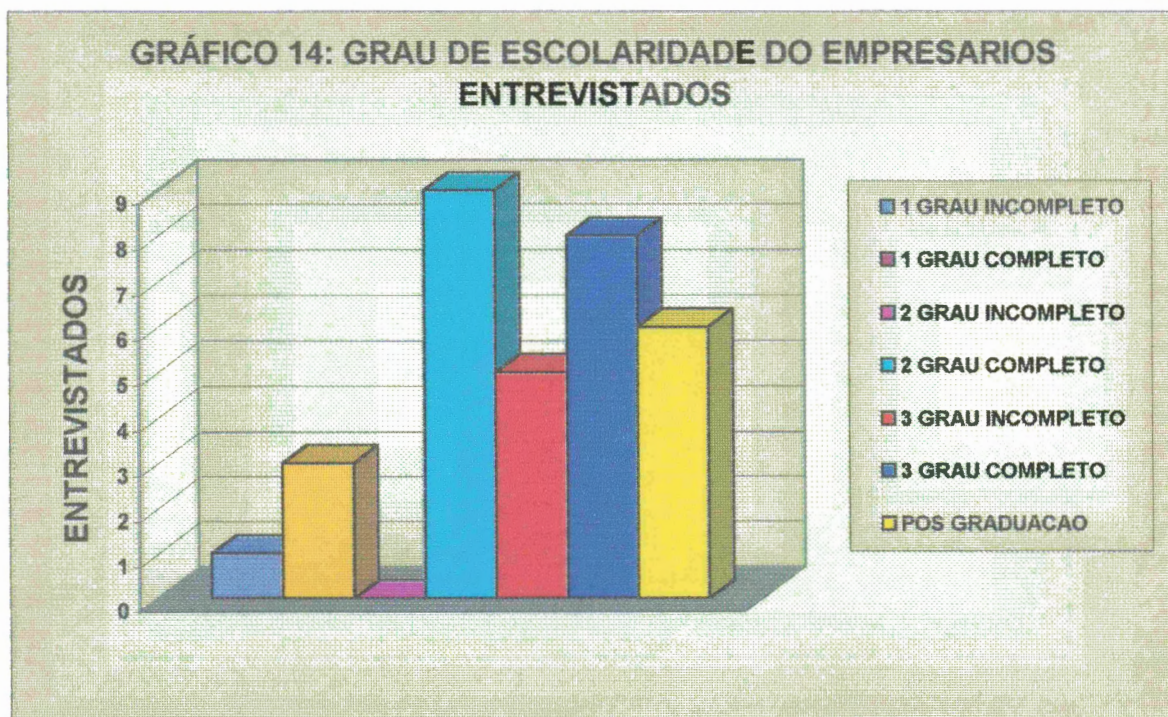
IDADE	QUANTIDADE
21-25	1
26-30	7
31-35	6
36-40	5
41-50	8
(+) DE 50	3
TOTAL	30



Na Tabela 11, verificou-se que a maior parte dos empresários tem o segundo grau completo e grande número deles tem o terceiro grau completo ou em andamento e dentre esses alguns já possuem pós-graduação, caracterizando assim, um grau de escolaridade elevado. (Ver Gráfico 14)

TABELA 11: GRAU DE ESCOLARIDADE DOS EMPRESÁRIOS ENTREVISTADOS

ESCOLARIDADE	ENTREVISTADOS
1º Grau incompleto	1
1º Grau completo	3
2º Grau incompleto	0
2º Grau completo	9
3º Grau incompleto	5
3º Grau completo	8
Pós-graduação	6
TOTAL	30

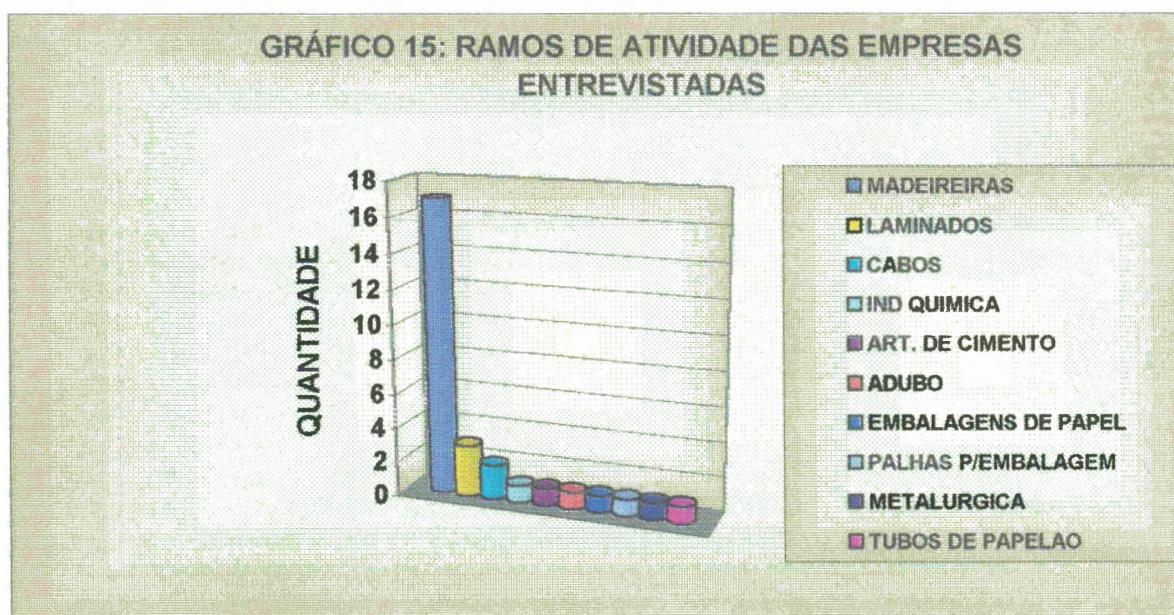


Em torno do ramo de atividade das empresas entrevistadas constatou-se na Tabela 12, que 60% são madeireiras, 6% são produtoras de cabos de vassouras e laminados e 4% de reciclagem de papel, indústria química, adubo, embalagens de papel, palhas para embalagens, metalurgia, tubos de papelão e fábrica de ração animal, predominando desta a forma, a indústria madeireira.

Observou-se que são recentes suas instalações, pois o tempo médio que as empresas exercem suas atividades no distrito industrial de Telêmaco Borba é de 4 anos. (Ver Gráfico 15)

TABELA 12: RAMOS DE ATIVIDADES DAS EMPRESAS PESQUISADAS

RAMOS	QUANTIDADE
Madeireiras	17
Laminados	3
Cabos	2
Indústria Química	1
Artefatos de Cimento	1
Adubo	1
Embalagens de Papel	1
Palhas para Embalagem	1
Metalúrgica	1
Tubos de Papelão	1
Farinha para Ração Animal	1
TOTAL	30



O número de funcionários empregados diretamente nas trinta empresas entrevistadas é de 1.739, sendo na sua maioria ligados ao ramo madeireiro. Já o número de empregados terceirizados que trabalham nas empresas que foram de 691.

Nas Tabelas 13 e 14, dentre as empresas pesquisadas a maioria delas não possuem filiais e originaram-se no município devido a alta disponibilidade de matéria prima na região, sendo atraídas para se instalarem no distrito industrial devido aos incentivos dos órgãos públicos e da localização privilegiada do distrito. (Ver Gráfico 16 e 17)

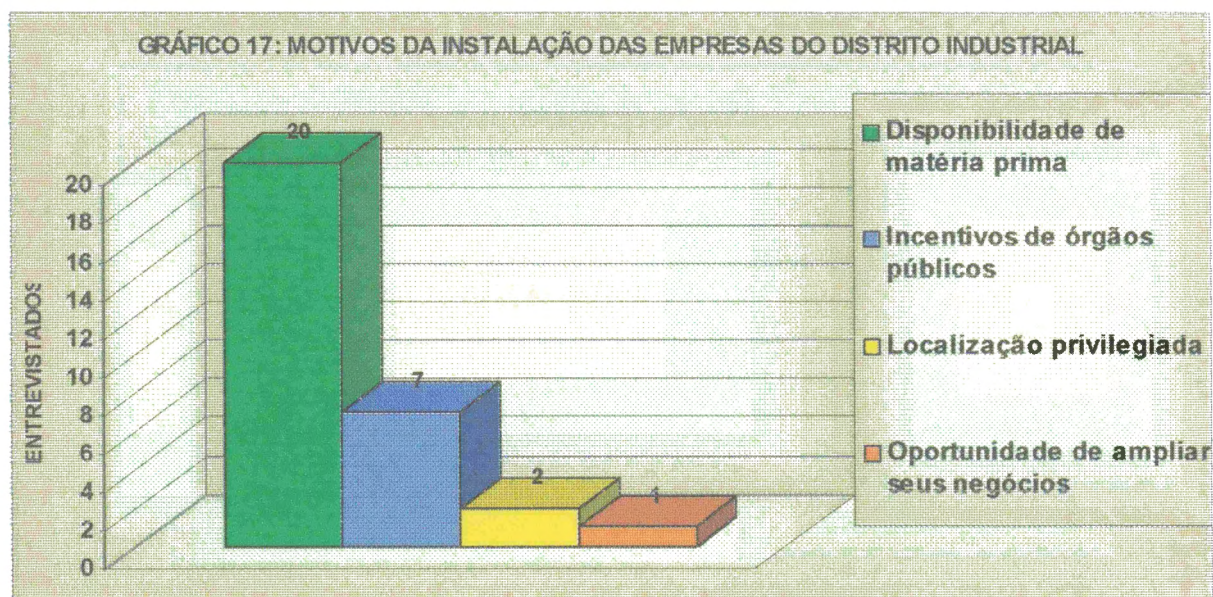
TABELA 13: QUANTIDADE DE FILIAIS DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

NUMERO DE FILIAIS	QUANTIDADE
Até 1	2
De 2- 4	1
Mais de 4	0
Não Possui Filiais	25
São Filiais	2
TOTAL	30



TABELA 14: MOTIVOS DA INSTALAÇÃO DAS EMPRESAS NO DISTRITO INDUSTRIAL

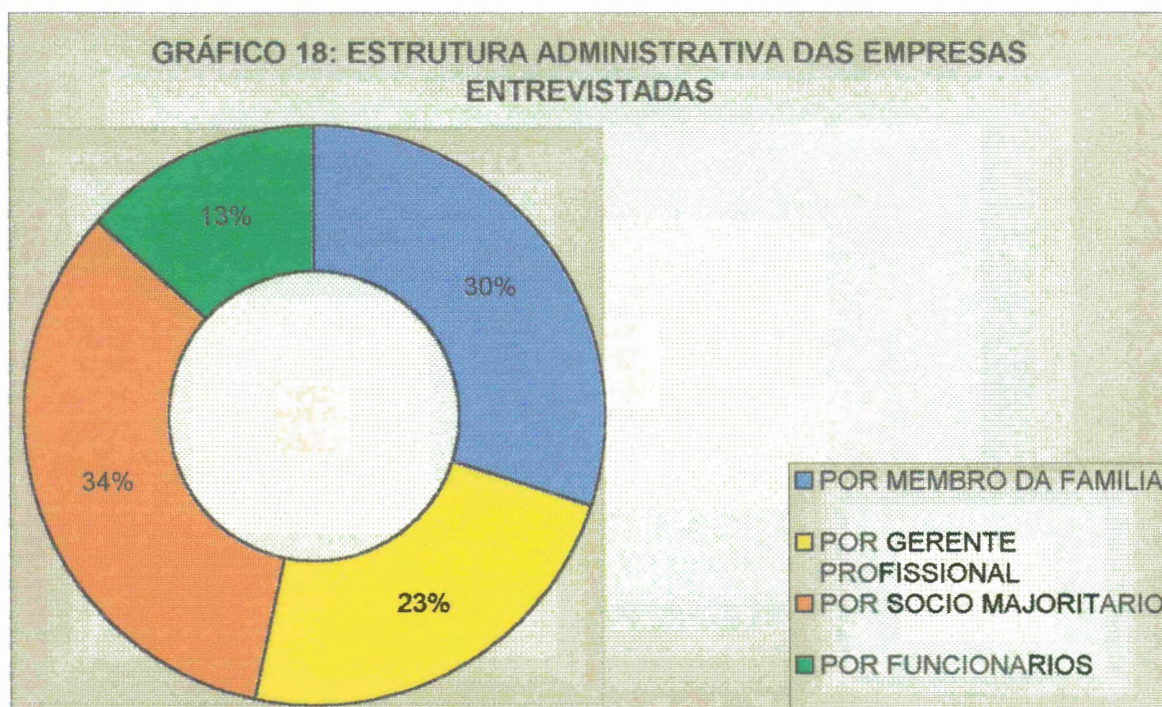
MOTIVOS	NÚMERO
Disponibilidade de Matéria-prima	20
Incentivos de Órgãos Públicos	7
Localização Privilegiada	2
Oportunidade de Ampliar seus Negócios	1
TOTAL	30



Observou-se na Tabela 15, que a parte administrativa das empresas entrevistadas é exercida por sócios majoritários 34% e membros da família 30%, observando-se também administradores profissionais 23% e funcionários das empresas 13%. (Ver Gráfico 18)

TABELA 15: ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

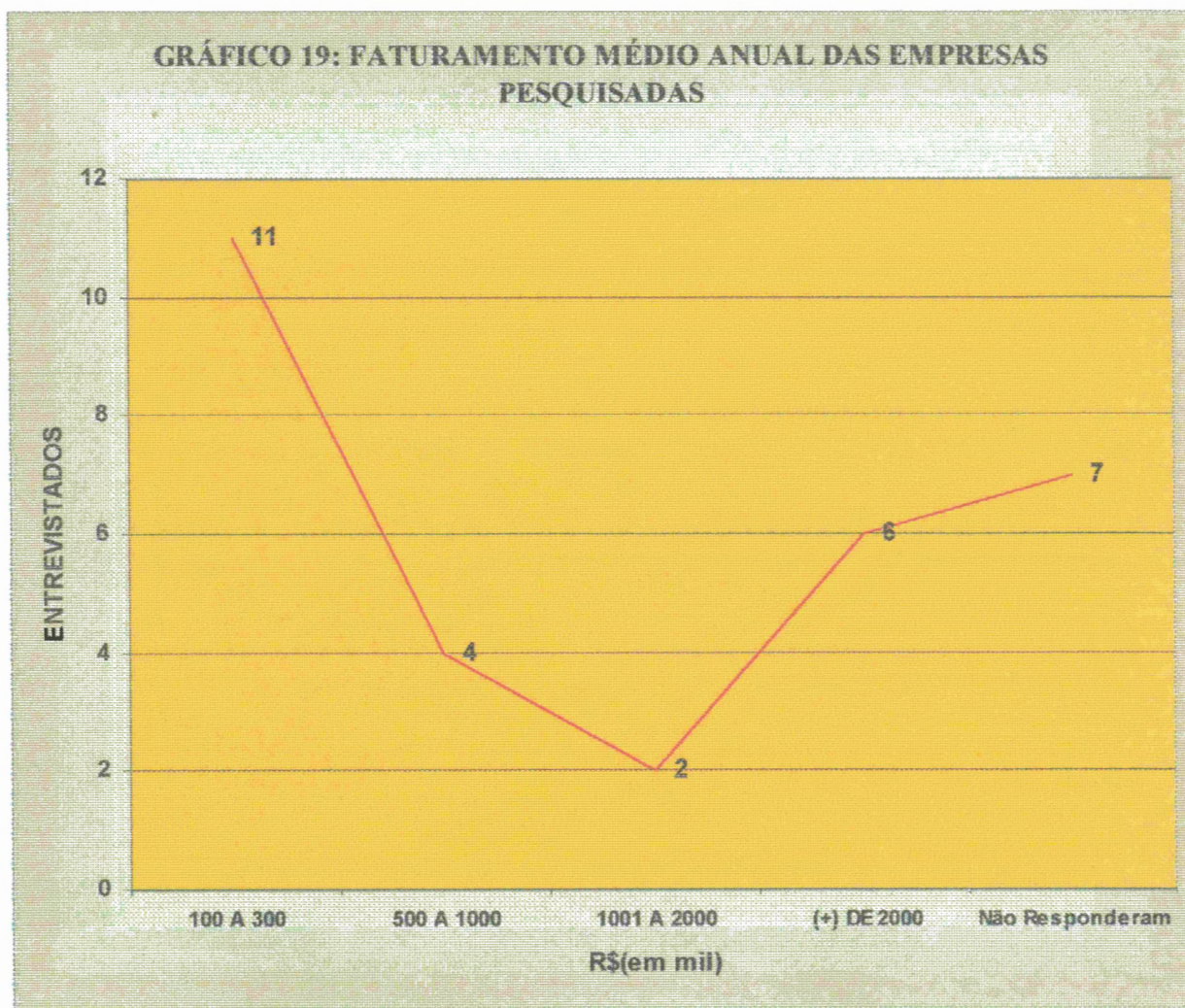
TIPOS	QUANTIDADE
Por Membro Da Família	9
Por Gerente Profissional	7
Por Sócio Majoritário	10
Por Funcionários	4
TOTAL	30



Na Tabela 16, verificou-se que o faturamento médio das empresas objeto de estudo, está entre 100 e 300 mil reais anualmente na sua maior parte e acima de 2 milhões de reais, em menor número. (Ver Gráfico 19)

TABELA 16: FATURAMENTO MÉDIO DAS EMPRESAS PESQUISADAS

FATURAMENTO	ENTREVISTADOS
100 A 300	11
500 A 1000	4
1001 A 2000	2
(+) DE 2000	6
Não Responderam	7
TOTAL	30

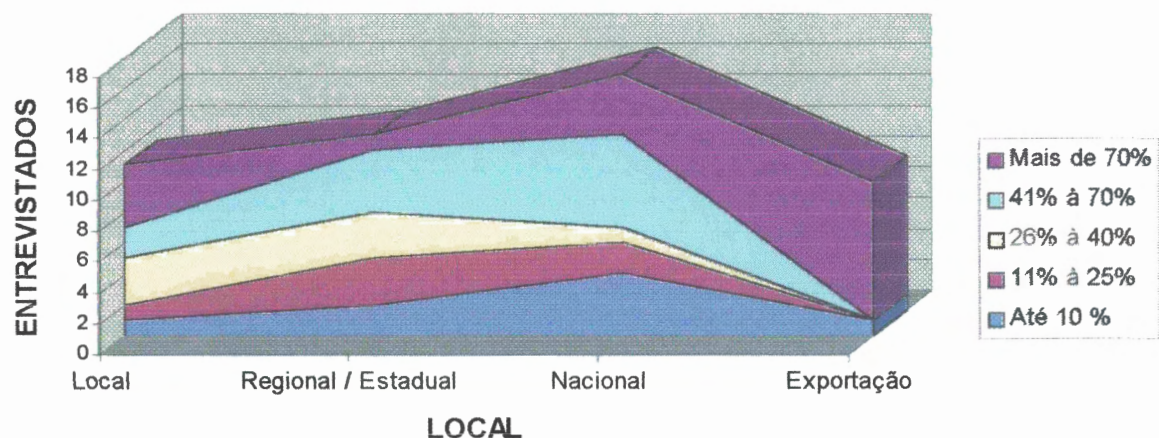


Na Tabela 17, a abrangência de mercado da produção das empresas pesquisadas se caracterizam principalmente para o mercado nacional, tendo boa abrangência no mercado local e estadual e também dentro do mercado exterior. (Ver Gráfico 20)

TABELA 17: ABRANGÊNCIA DE MERCADO DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

Abrangência	Até 10 %	11% à 25%	26% à 40%	41% à 70%	Mais de 70%
Local	1	1	3	2	4
Regional / Estadual	2	3	3	4	1
Nacional	4	2	1	6	4
Exportação	1	0	0	0	9

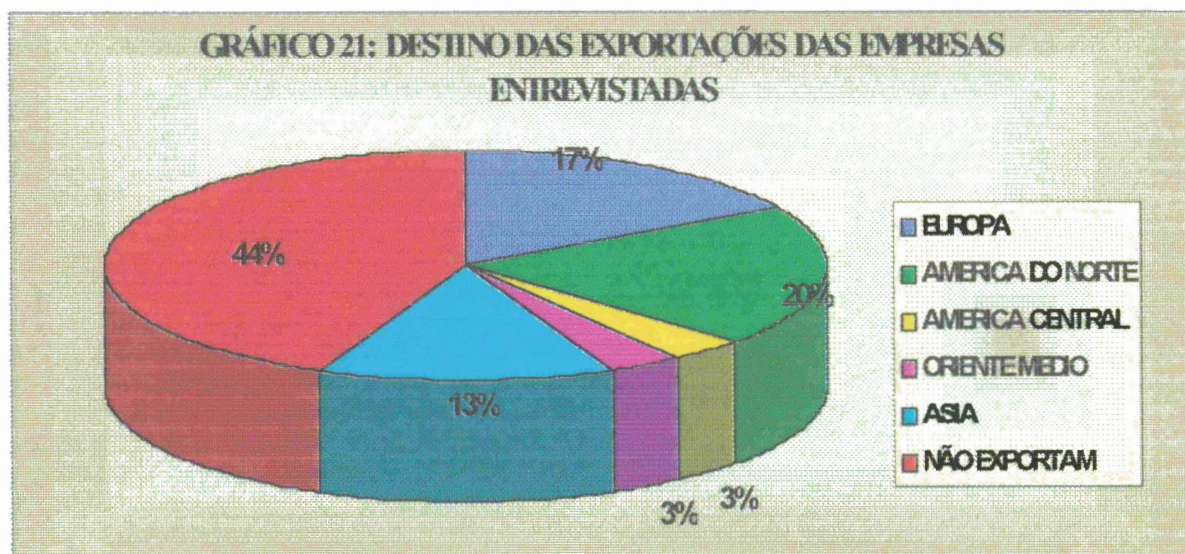
GRÁFICO 20: ABRANGÊNCIA DO MERCADO DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS



Na Tabela 18 observou-se que as de grande porte que trabalham junto ao mercado exterior, produzem e exportam para os seguintes mercados: 20 % para a América do Norte, 17% para a Europa e 13% para a Ásia, e o restante para países do Oriente Médio e América Central. (Ver Gráfico 21)

TABELA 18: DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

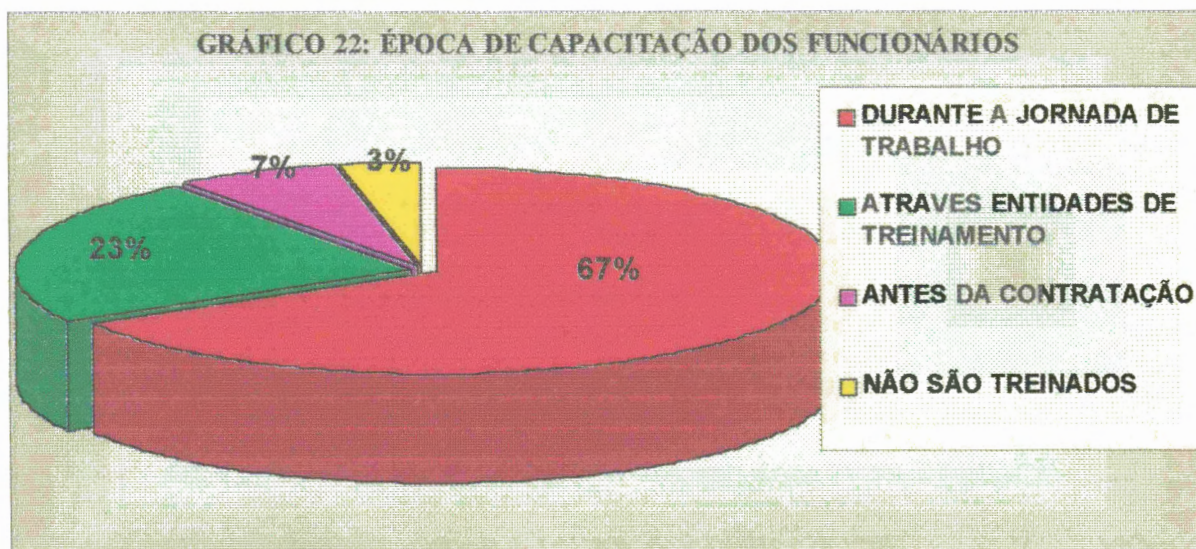
DESTINO	QUANTIDADE
Europa	5
América do Norte	6
América Central	1
Oriente Médio	1
Ásia	4
Não exportam	13
TOTAL	30



Na Tabela 19, capacitação dos funcionários dentro das empresas pesquisadas ocorre no dia a dia durante a jornada de trabalho em 67% das empresas analisadas, em apenas 23% das empresas é que a capacitação ocorre em entidades de treinamento e em 7% dessas empresas é que capacitam seus funcionários antes da contratação. (Ver Gráfico 22)

TABELA 19: PERÍODO DE CAPACITAÇÃO DOS FUNC. NAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

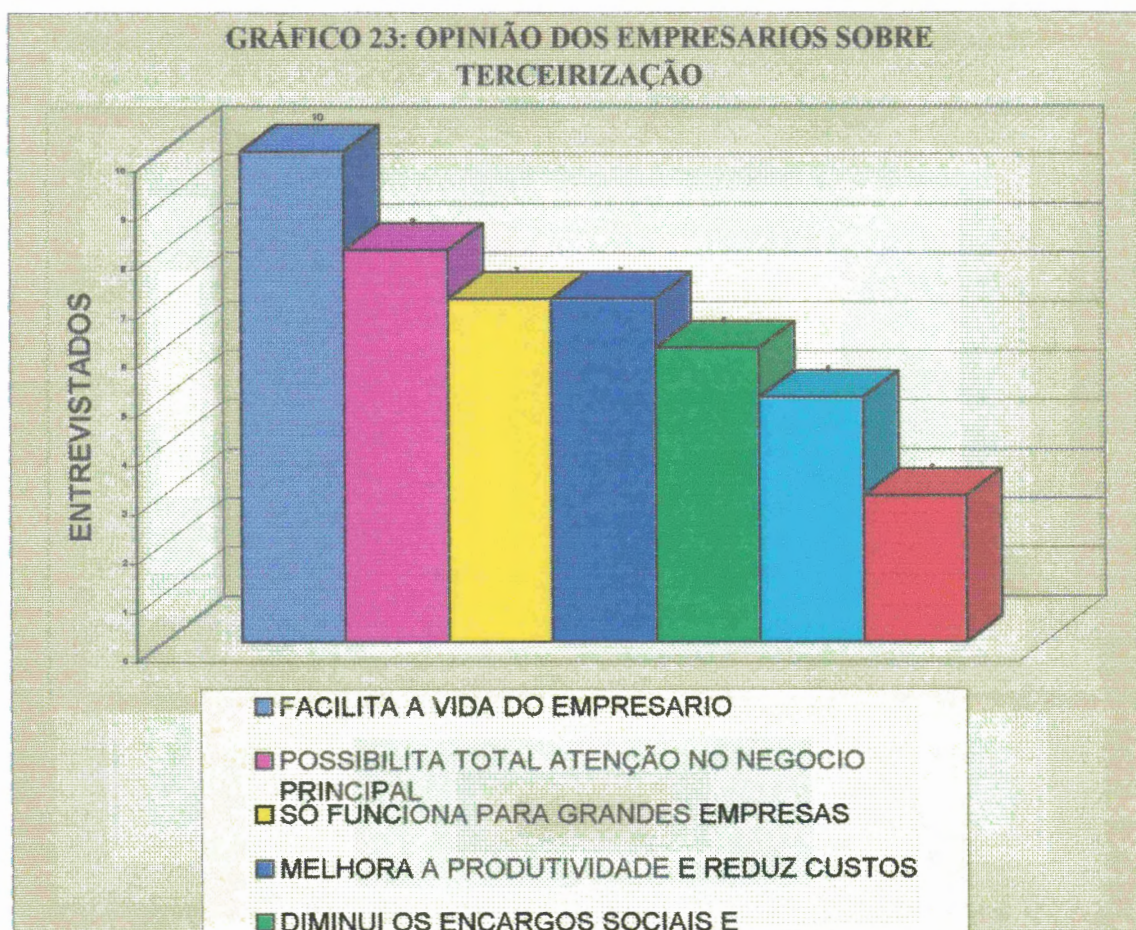
ÉPOCA	ENTREVISTADOS
Durante a jornada de trabalho	20
Através entidades de treinamento	7
Antes da contratação	2
Não são treinados	1
TOTAL	30



Na Tabela 20, em relação a terceirização 60% das empresas pesquisadas utilizam-se destes serviços, e 40% não dispõe da mesma. A opinião dos empresários sobre terceirização é que facilita a vida do empresário, possibilita total atenção ao negócio principal, mas para alguns só funciona em grandes empresas. (Ver Gráfico 23)

TABELA 20: OPINIÃO DOS EMPRESÁRIOS SOBRE TERCEIRIZAÇÃO

OPINIÃO	QUANTIDADE
Facilita a vida do empresário	10
Possibilita total atenção no negócio principal	8
Só funciona para grandes empresas	7
Melhora a produtividade e reduz custos	7
Diminui os encargos sociais e responsabilidades	6
Qualidade dos serviços prestados	5
Não se aplica ao meu negócio	3



Na Tabela 21, quanto ao destino dos investimentos das empresas estudadas, 37% dos lucros são investidos na própria empresa, 34% investidos em máquinas e equipamentos e 11% investidos em qualificação de mão-de-obra e ainda 11% tem investido pouco na empresa e 7% relatam que a situação econômica do país não permite investimentos. (Ver Gráfico 24)

TABELA 21: DESTINO DOS INVESTIMENTOS DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

DESTINO	ENTREVISTADOS
Todo lucro é investido própria empresa	16
Investimento em máquinas e equipamentos.	15
Investimento em qualificação mão-de- obra	5
Atualmente investe pouco na empresa	5
Situação atual econômica não permite invest.	3



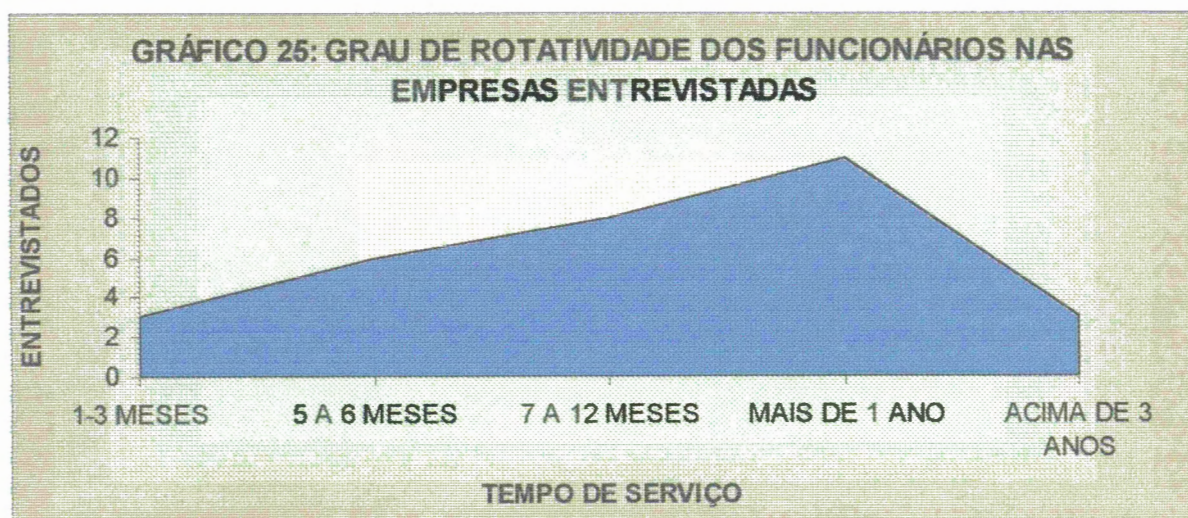
A mão-de-obra especializada é utilizada em 54% das empresas pesquisadas, onde em 46% não utilização de qualquer tipo de mão de obra especializada. Dentre as que utilizam, se destacam: operador de equipamentos madeireiros (plainas, serras, faqueadeiras), mecânicos, eletricitas, técnicos de papel e agrícola, engenheiros químicos, operador de caldeira, administradores e contadores.

Em 97% das empresas pesquisadas o funcionário não tem nenhuma participação nos lucros da empresa. E 83% das empresas remuneram seus funcionários com base em salários do sindicato além de que 80% delas não dispõe de serviços de assistência social para com seus funcionários.

Na Tabela 22, verificou-se segundo os empresários que a média de rotatividade no emprego de seus funcionários é de 36% com mais de um ano de serviço, 27% de sete a doze meses, 20% de cinco a seis meses e 7% de um a três meses e apenas 10% acima de três anos de tempo de serviço, o que caracteriza alta rotatividade de mão-de-obra dentro do distrito industrial. (Ver Gráfico 25)

TABELA 22: GRAU DE ROTATIVIDADE DOS FUNCIONÁRIOS NAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

TEMPO	ENTREVISTADOS
1-3 MESES	3
5 A 6 MESES	6
7 A 12 MESES	8
MAIS DE 1 ANO	11
ACIMA DE 3 ANOS	3



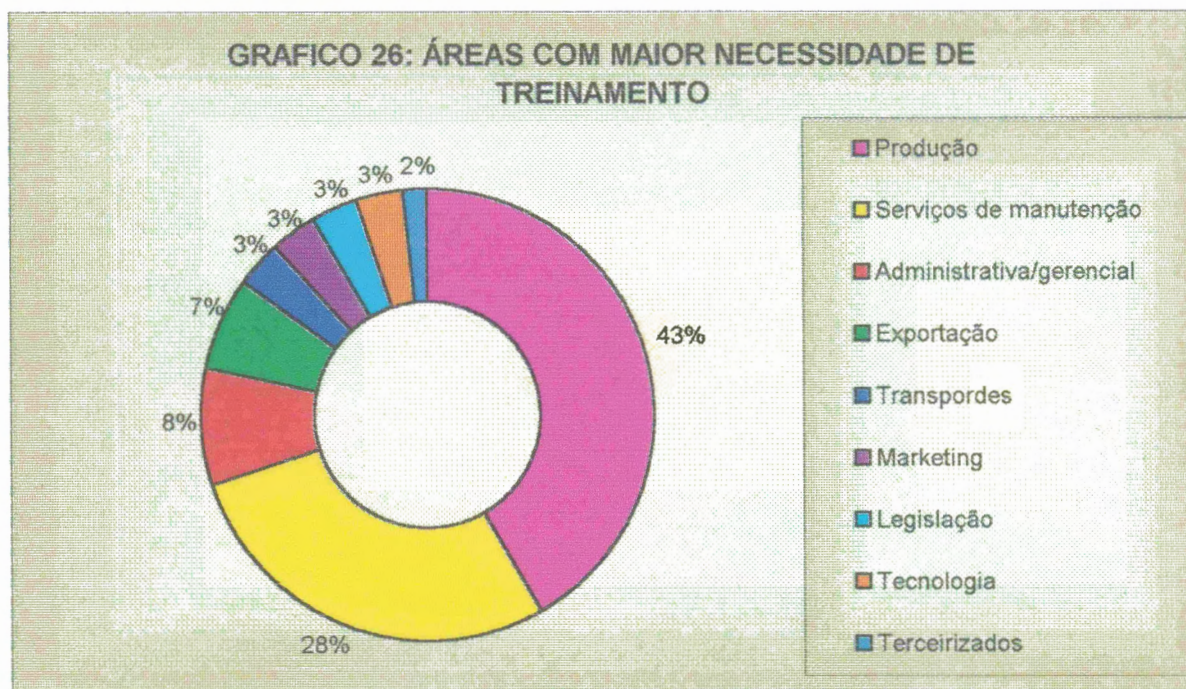
Na Tabela 23, segundo os empresários as áreas que mais necessitam de treinamento em suas empresas são: Produção para 43% dos empresários, Serviços de manutenção para 28%, Administrativa gerencial para 8%, além de que alguns empresários ainda necessitam de

treinamento dentro de suas empresas nas áreas de Exportação, Transportes, Marketing, Legislação, Tecnologia e Terceirizados.

Independente do tamanho da empresa, verificou-se a necessidade de treinar o pessoal de produção, principalmente nas operações de equipamentos. Nas firmas com mais de 50 funcionários manifestaram a necessidade de treinar na produção e na administração, são problemas com a qualificação de mão-de-obra em gerência, pois é a fase em que as empresas atingem um tamanho tal, que já não é possível aquela administração centralizada e controlada totalmente pelo dono. Nas empresas com mais de 100 funcionários, pode-se observar a necessidade de treinamento em administração e manutenção, pois é entre elas que se verificou a utilização de equipamentos mais sofisticados. (Ver Gráfico 26)

TABELA 23: ÁREAS COM MAIOR NECESSIDADE DE TREINAMENTO

AREAS	PONTUAÇÃO
Produção	25
Serviços de manutenção	17
Administrativa/gerencial	5
Exportação	4
Transportes	2
Marketing	2
Legislação	2
Tecnologia	2
Terceirizados	1
TOTAL	60

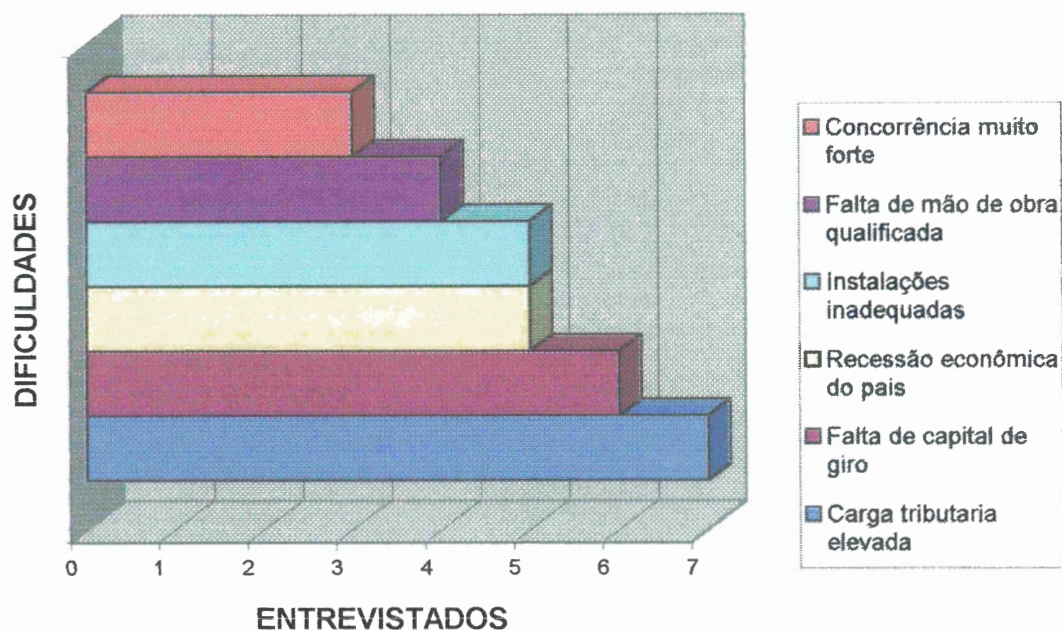


Observa-se na Tabela 24, que as principais dificuldades encontradas para condução de suas atividades dentro das empresas segundo os empresários questionados são, em ordem crescente de prioridade: carga tributária elevada, falta de capital de giro, recessão econômica do país, instalações inadequadas, falta de mão-de-obra qualificada e concorrência muito forte, todas elas com praticamente o mesmo grau para os empresários pesquisados. (Ver Gráfico 27)

TABELA 24: DIFICULDADES ADMINISTRATIVAS

DIFICULDADES DA ATIVIDADE EMPRESARIAL	ENTREVISTADOS
Carga tributária elevada	7
Falta de capital de giro	6
Recessão econômica do país	5
Instalações inadequadas	5
Falta de mão-de-obra qualificada	4
Concorrência muito forte	3
TOTAL	30

GRÁFICO 27: DIFICULDADES ADMINISTRATIVAS



Na Tabela 25, como os empresários necessitam do município de Telêmaco Borba como um todo para poderem desenvolver suas atividades, os mesmos encontram várias dificuldades dentro do município enumeradas a seguir em ordem crescente de prioridade: inexistência de comércios de peças de reposição de máquinas e equipamentos, mão-de-obra especializada, transporte de pessoal coletivo, alta rotatividade da mão-de-obra, falta de matéria prima, falta de tecnologia, falta de máquinas e equipamentos para locação, transporte inadequado da matéria-prima, pouca diversificação nas lojas especializadas em equipamentos de segurança e transporte inadequado da produção. (Ver Gráfico 28)

TABELA 25: DIFICULDADES DO MUNICÍPIO DE TELÊMACO BORBA

DIFICULDADES	PONTUAÇÃO
Empresas de Peças de Reposição Máquinas.	100
Mão-de-obra Especializada	80
Transporte de Pessoal	75
Alta Rotatividade de mão-de-obra	70
Matéria-prima	50
Tecnologia	45
Máquinas/equipamentos para Locação	40
Transporte de matéria-prima	30
Equipamentos de Segurança	20
Transporte para a Produção	10
TOTAL	520

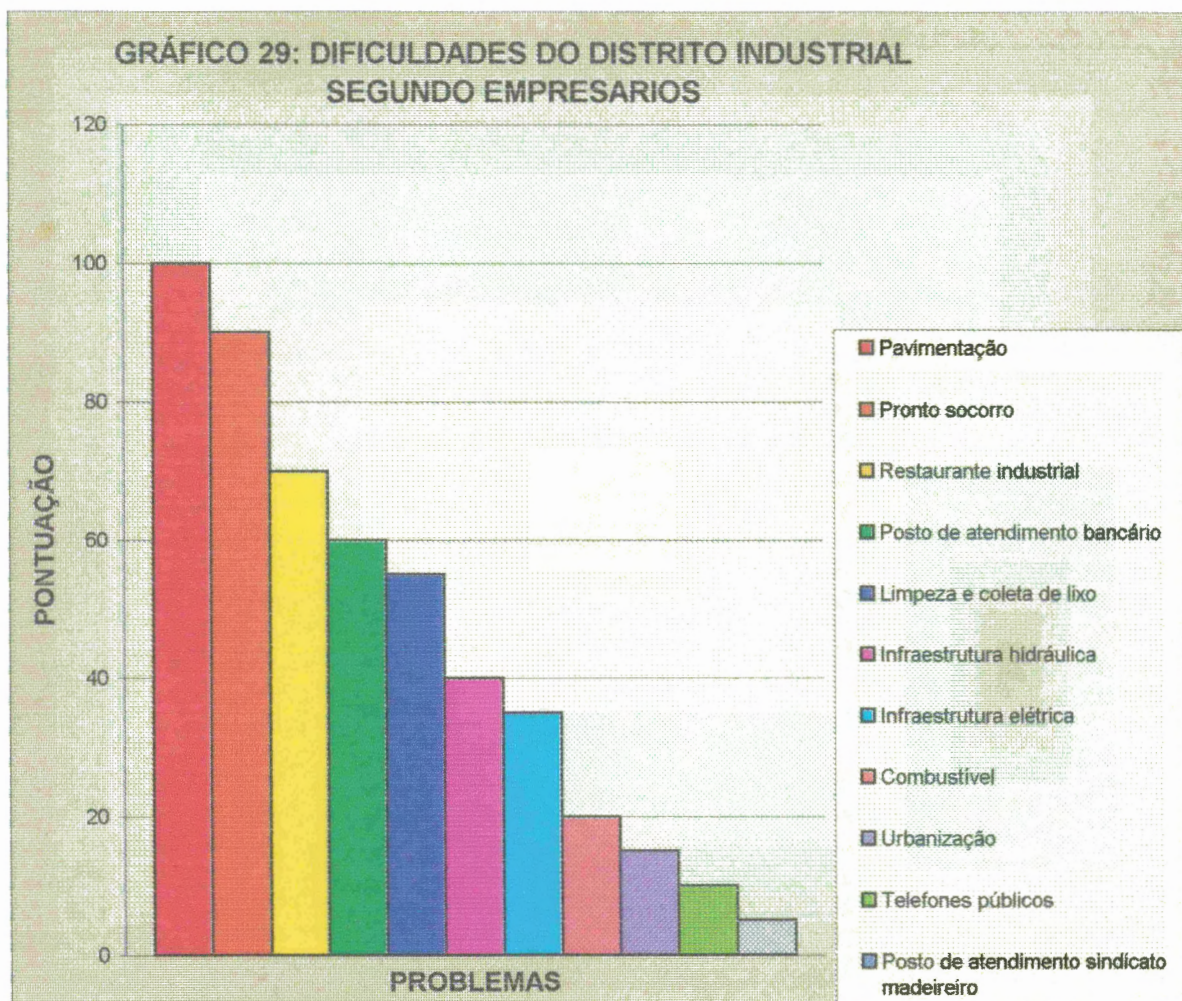


Já na Tabela 26, em torno do Distrito Industrial de Telêmaco Borba, as principais dificuldades encontradas segundo os empresários questionados são em ordem crescente de prioridade: a falta de pavimentação, a falta de um pronto socorro equipado, a falta de um

restaurante industrial, a falta de um posto de atendimento bancário, a necessidade de limpeza e coleta de lixo, a precária infraestrutura hidráulica e elétrica, a necessidade de um posto de combustível, a péssima urbanização e falta de telefones públicos. (Ver Gráfico 29)

TABELA 26: DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA SEGUNDO OS EMPRESÁRIOS

DIFICULDADES	PONTUAÇÃO
Pavimentação	100
Pronto Socorro	90
Restaurante Industrial	70
Posto de Atendimento Bancário	60
Limpeza e Coleta de Lixo	55
Infraestrutura Hidráulica	40
Infraestrutura Elétrica	35
Combustível	20
Urbanização	15
Telefones Públicos	10
Posto de Atendimento Sindicato Madeireiro	5
TOTAL	500

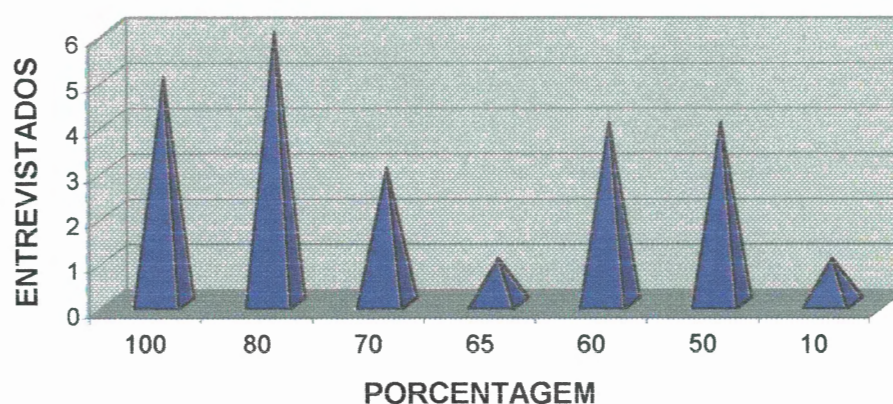


Na Tabela 27, dentre as empresas pesquisadas o grau de utilização da capacidade instalada varia na seguinte proporção: 100% em 8 delas, 80% em 7, 70% em 3, 65% em 3, 60% em 4, 50% em 4 e 10% em 1 delas. E em 67% das empresas pesquisadas há reaproveitamento da matéria prima, já em 33% não existe nenhum tipo de reaproveitamento. O destino do material reaproveitado é para revenda, doações, revenda para fábricas de cerâmicas, lenha para fornos, reciclagem, re-processamento na própria linha de produção, fabricação de novos produtos e energia. (Ver Gráfico 30)

TABELA 27: PORCENTAGEM DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

PORCENTAGEM	ENTREVISTADOS
100	5
80	6
70	3
65	1
60	4
50	4
10	1

GRÁFICO 30: PORCENTAGEM DA CAPACIDADE UTILIZADA PELAS EMPRESAS ENTREVISTADAS



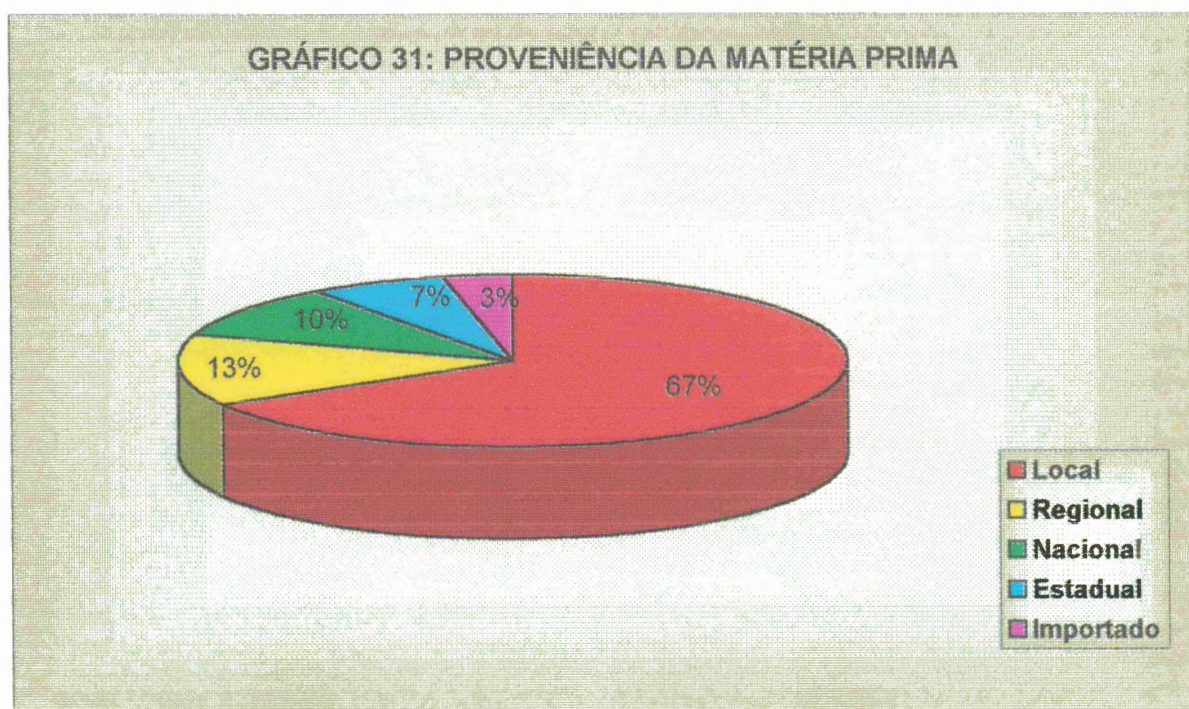
Na Tabela 28, as empresas questionadas adquirem sua matéria-prima de fornecedores locais 67% delas, 13% de fornecedores regionais, 10% de fornecedores nacionais, 7% de fornecedores estaduais e 3% de fornecedores internacionais. (Ver Gráfico 31)

Os empresários pesquisados tem uma perspectiva de crescimento para daqui a cinco anos variável e otimista, onde: 2 delas pretendem crescer 500%, 2 delas 350%, 7 delas

100%, 9 delas 90%, 4 delas 80%, 2 delas 70%, 2 delas 30% e 2 delas pretendem crescer 25%.

TABELA 28: PROVENIÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA UTILIZADA

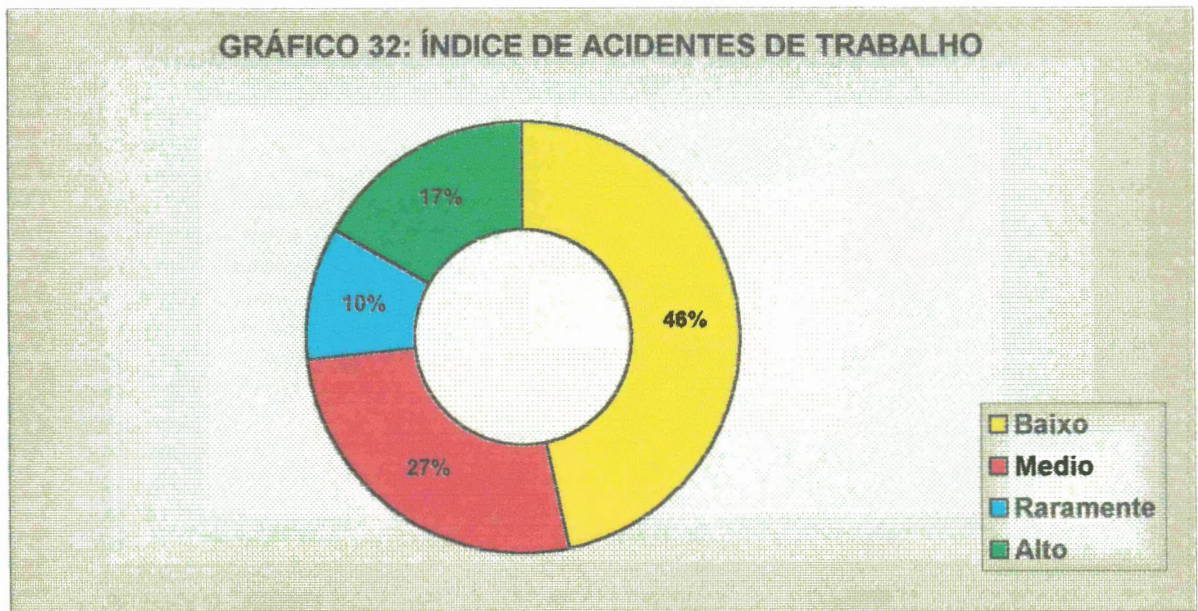
PROVENIÊNCIA	ENTREVISTADOS
Local	20
Regional	4
Nacional	3
Estadual	2
Importado	1
TOTAL	30



Na Tabela 29, segundo os empresários pesquisados o índice de acidentes de trabalho dentro de suas empresas é: baixo para 46% deles, médio para 27% deles, alto para 17% deles e raros para 10% deles. (Ver Gráfico 32)

TABELA 29: ÍNDICE DE ACIDENTES DE TRABALHO

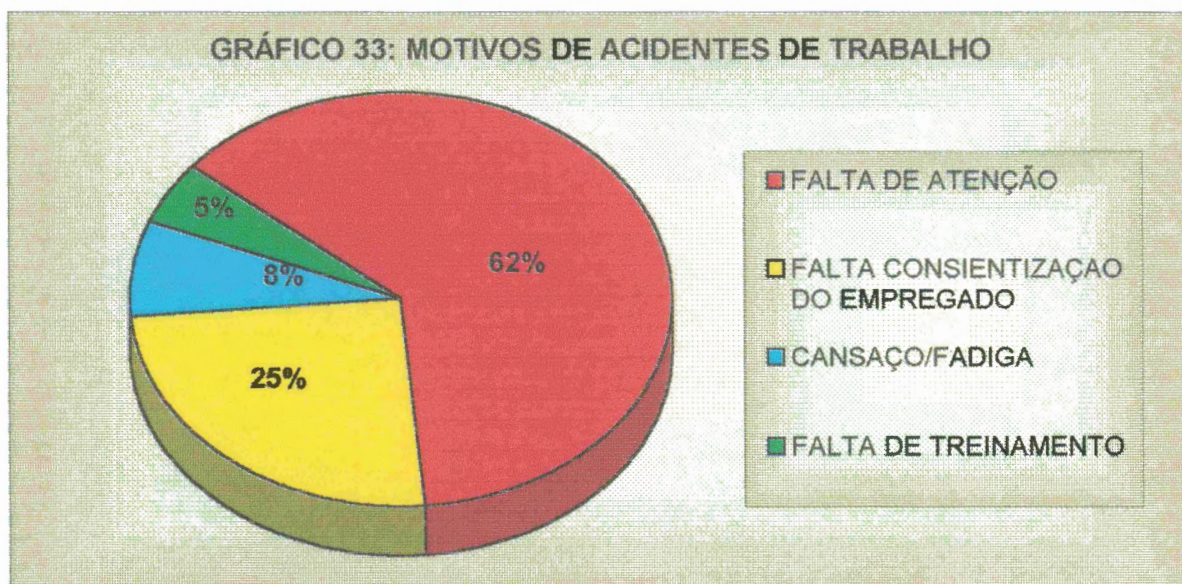
ÍNDICE	ENTREVISTADOS
Baixo	14
Médio	8
Raramente	3
Alto	5
TOTAL	30



Observou-se na Tabela 30 que 62% dos acidentes ocorrem por falta de atenção dos funcionários, 25% por falta de conscientização dos funcionários para uso de equipamentos de segurança, 8% por cansaço e fadiga e 5% por falta de treinamento. (Ver Gráfico 33)

TABELA 30: FATORES QUE LEVAM OS FUNCIONÁRIOS A SOFREREM ACIDENTES DE TRABALHO

FATORES	ENTREVISTADOS
Falta de atenção	25
Falta conscientização do empregado	10
Cansaço/fadiga	3
Falta de treinamento	2



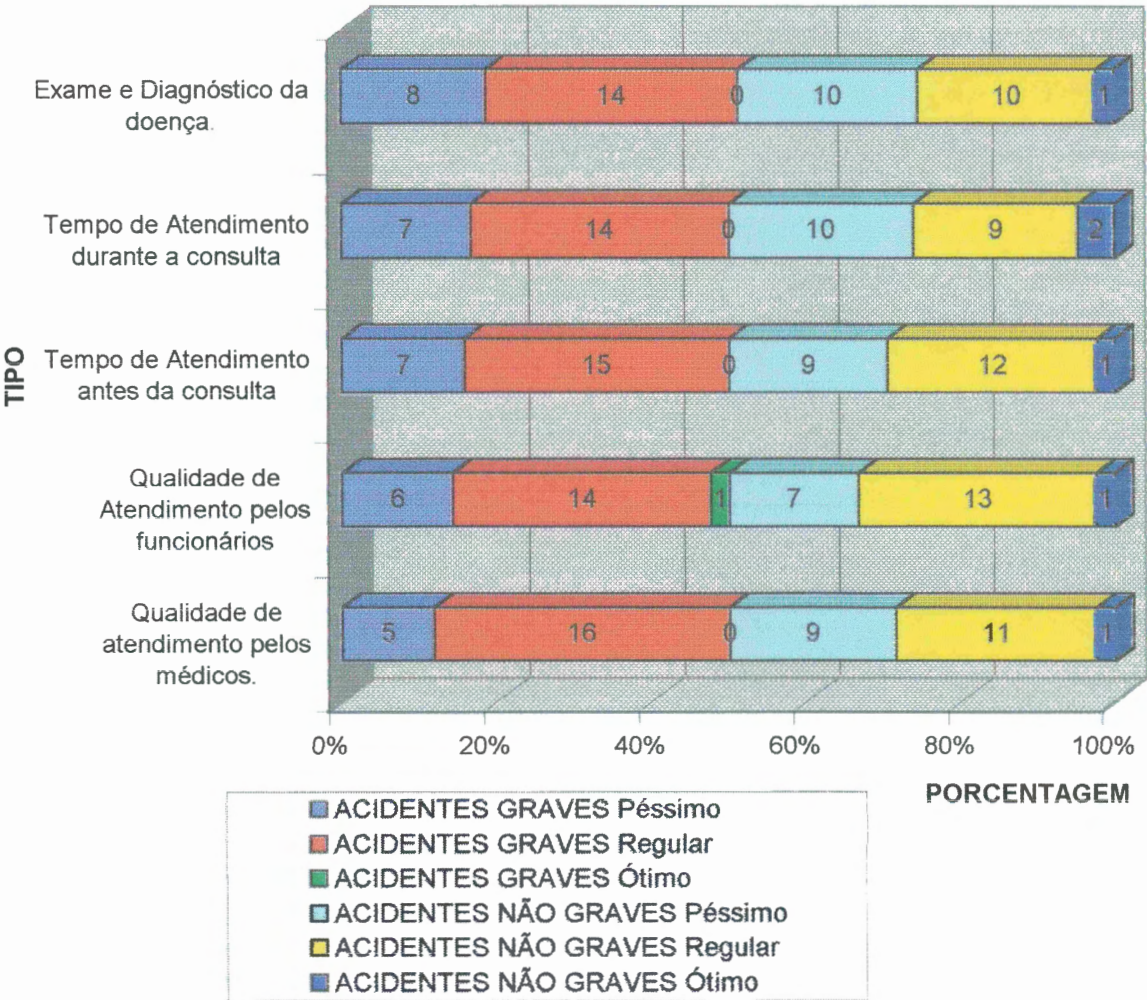
Na análise da Tabela 31, em relação ao atendimento prestado pelo SUS em Telêmaco Borba em torno de acidente graves a qualidade de atendimento dos médicos e funcionários é regular, o tempo de atendimento antes e durante a consulta é regular e o exame do diagnóstico das doenças também é regular. Já para acidentes não graves, a qualidade de atendimento dos médicos e funcionários é regular e péssimo, o tempo de atendimento antes e durante a consulta é péssimo e o exame do diagnóstico das doenças é péssimo.

Para 84% dos empresários pesquisados se mostraram insatisfeitos quanto a emissão de atestados médicos emitidos pelos profissionais desta área devido aos seguintes fatos: atestados insatisfatórios, inexistência de doenças, falta de diagnóstico, há tratamento inadequado e falta de código das doenças por parte dos funcionários, falta de conscientização e coerência dos médicos, pois emitem-se atestados de diferentes médicos, para um mesmo funcionário. Os funcionários ficam de atestado por semanas mesmo não estando doentes.

TABELA 31: GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO PRESTADO PELO SUS EM CASOS DE ACIDENTES, SEGUNDO A OPINIÃO DOS EMPRESÁRIOS

ATENDIMENTO	ACIDENTES GRAVES			ACIDENTES NÃO GRAVES		
	Péssimo	Regular	Ótimo	Péssimo	Regular	Ótimo
Qualidade de atendimento pelos médicos.	5	16	0	9	11	1
Qualidade de Atendimento pelos funcionários	6	14	1	7	13	1
Tempo de Atendimento antes da consulta	7	15	0	9	12	1
Tempo de Atendimento durante a consulta	7	14	0	10	9	2
Exame e Diagnóstico da doença.	8	14	0	10	10	1

GRÁFICO 34: GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO PRESTADO PELO SUS EM CASOS DE ACIDENTES, SEGUNDO A OPINIÃO DOS EMPRESÁRIOS



7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Telêmaco Borba teve seu crescimento nos primeiros anos em função das indústrias Klabin, ou melhor, nasceu e cresceu em torno desta unidade, gerando por muitos anos total dependência da cidade para com a empresa. No início da década de 90 a Klabin passou por um processo de modernização que resultaram em drásticas mudanças e reestruturações.

A Klabin ao constatar que não podia permanecer indefinidamente na condição de única mantenedora da cidade, desencadeou em parceria com a prefeitura municipal um processo de industrialização em Telêmaco Borba, aproveitando o seu potencial madeireiro.

Evidentemente, que a parceria entre Klabin e Prefeitura Municipal foram os propulsores do desenvolvimento industrial de Telêmaco Borba, pois nos últimos anos verificamos notável crescimento industrial e significativa minimização da dependência da cidade para com as indústrias Klabin, observou-se contudo, que este fato somente ocorreu devido à instalação de novas indústrias e conseqüente fortalecimento do distrito industrial de Telêmaco Borba.

A industrialização de Telêmaco Borba foi planejada em etapas. O primeiro passo foi atrair serrarias, indústrias de laminados e compensados, estas indústrias seriam a base para atrair outras indústrias de maior valor agregado.

Ano após ano novas oportunidades foram chegando junto com importantes empresas que atraídas por diversos incentivos, como por exemplo, a garantia de matéria-prima abundante e certificada disponível nas florestas de Klabin e de seus parceiros e o apoio da prefeitura municipal, os quais consideramos os propulsores deste desenvolvimento. Um dos fatores que fez com que o desenvolvimento da industrialização em Telêmaco Borba ocorresse de forma contínua e sistemática foi a permanência do Secretário de Indústria do Município, desde 1993 até agora.

Ademais, cumpre ressaltar que as indústrias de Telêmaco Borba tem impulsionado toda a micro região, constituindo o segundo pólo industrial dos Campos Gerais do Paraná e destaque a nível nacional como um dos maiores centros produtores de madeira certificada.

Segundo o engenheiro florestal da Klabin S/A, o Sr. Ronaldo Luiz Sella, após a instalação das empresas Scancon do Brasil, Ind. Brasileira de Molduras e Araupel que consomem grande quantidade de matéria prima, a Klabin não tem como garantir o fornecimento de mais matéria prima, no caso de mais empresas quiserem se instalar no Distrito Industrial de Telêmaco Borba, pois seu estoque já estará comprometido.

Encerra-se assim, segundo o Secretário Municipal da Indústria, o Sr. Joalmir Pucci, a primeira etapa do processo de Industrialização de Telêmaco Borba. O próximo passo é tornar Telêmaco Borba em um “Pólo Moveleiro”.

Implantado há duas décadas o “Pólo Madeireiro”, que é o berço para receber o “Pólo Moveleiro”, vem experimentando um rápido desenvolvimento desde 1993.

Diante disso é fácil perceber que com a implantação do Pólo Moveleiro, as empresas agregarão maior valor aos produtos fabricados em Telêmaco Borba, garantindo maior faturamento com o mesmo volume de matéria-prima, gerando mais riquezas e emprego. Devido ao comprometimento da matéria-prima, agregar valor aos produto da madeira pode-se tornar uma questão de sobrevivência, é ainda uma forma de geração de receitas adicionais necessárias ao funcionamento da sustentabilidade florestal.

A solução para a continuidade do crescimento de Telêmaco Borba está diretamente ligado a mobilização do poder público e empresários em conter as exportações de madeira bruta e incentivar a venda de produtos com maior valor agregado. As empresas precisam parar de realizar apenas a transformação primária da madeira e exportar só serrados e compensados, evitando portanto que industrialização de Telêmaco Borba fique estacionada.

Aproveitar o máximo da madeira, sem desperdiçar nada, deve ser uma preocupação constante dos donos das empresas. É necessário que o Governo e prefeituras concedam incentivos financeiros e apoio na busca de alternativas na utilização dos restos da madeira.

Em Telêmaco Borba há o incentivo para a instalação de uma Central de Aproveitamento de Resíduos, que visa aproveitar os resíduos gerados pelas indústrias madeireiras, objetivando minimizar os impactos de poluição ambiental e visual e problemas de ocupação de espaços causados pelo acúmulo de resíduos nos pátios das empresas. Além disso proporcionará geração significativa de renda marginal para as empresas pela comercialização destes resíduos.

De acordo com estudos do Governo, verificou-se um aumento de 21,5% de 2000 para 2001 de repasses de ICMS, colocando Telêmaco Borba na posição de 14º município em termos de arrecadação de tributos dos Estado do Paraná

Evidências dessa afirmação são obtidas pelo aumento da arrecadação de impostos, segundo a Secretaria Municipal de Finanças houve um aumento substancial na arrecadação de impostos provindos da área da madeira, onde em 1996 as indústrias do distrito colaboraram com apenas 1% dos impostos provindos da área industrial e a Klabin 99%, gradativamente ano após ano esses índices foram aumentando, pode-se constatar que atualmente as empresas do distrito industrial participam com 37,77%. A tendência é que esses números cresçam ainda mais com a instalação de novas indústrias e com implantação do pólo moveleiro.

Ainda, outro aspecto que deve ser mencionados é o aumento considerável de empregos que foram absorvidos pelas empresas industriais do Distrito Industrial.

Apesar do expressivo crescimento da industrialização de Telêmaco Borba, alguns pontos precisam ser melhorados como pudemos verificar na pesquisa de campo com empresários e empregados, os quais destacaremos a seguir.

De acordo com os dados da pesquisa, os empresários foram unânimes a reivindicar sobre o asfaltamento do distrito industrial, alegando dificuldades no trânsito de caminhões grandes, principalmente nos dias chuvosos, em que o barro, muitas vezes, inviabiliza o adequado acesso até a empresa.

Os empresários do distrito industrial, reclamaram da falta de peças para reposição de máquinas e equipamentos no comércio de Telêmaco Borba. Abre-se um potencial mercado para novos investidores, ou ainda, a ampliação das empresas já existentes.

Nesse cenário e considerando o notável crescimento do distrito industrial, é necessário que os órgãos públicos municipais trabalhem na sua divulgação, para que outras empresas sintam-se atraídas pelo potencial do município e venham instalar-se aqui, fornecendo produtos e serviços necessários para indústria madeireira e do mobiliário, fomentando a economia e mercado de trabalho, evitando que os empresários se desloquem para os grandes centros a fim de adquiri-los.

Segundo pesquisa de campo realizada junto aos empresários e funcionários, estes alegaram falta de infra-estrutura na maior parte do distrito, perante tal realidade e conhecedores de que o distrito industrial está em crescente ascensão é fundamental que o poder público municipal, disponibilize uma adequada infra-estrutura, que venha comportar satisfatoriamente as empresas já instaladas e as estão por vir. Evidentemente, se o distrito industrial não possuir um ambiente favorável à eficaz realização de suas atividades, provavelmente irão instalar-se em municípios que proporcione condições apropriadas.

Outro aspecto destacado pelos empresários e funcionários é quanto a instalação de um pronto-socorro médico, que vise atender os casos de doenças e acidentes no próprio distrito industrial, evitando-se assim, deslocamento até o pronto-socorro central. Relataram os funcionários, que às vezes que precisam, consultar ao médico, devido a distância e a não disposição de meios de transportes coletivos regulares, não retornam ao trabalho naquele dia. No entanto, se tivesse um pronto-socorro no distrito, se afastariam do trabalho

somente o tempo suficiente para consultar, e conforme o diagnóstico, retornariam sem demoras para o trabalho.

Paralelamente a este assunto, demonstrou a absoluta maioria dos empresários insatisfeitos quanto ao alto índice de atestados médicos, que são emitidos sem critérios e sem a devida análise e avaliação do paciente, que comprove que realmente necessite de afastamento do trabalho para cuidado com a saúde. O que muito tem-se verificado ultimamente, segundo os empresários, que uma simples dor de cabeça, por exemplo, que poderia perfeitamente ser tratada com o funcionário trabalhando é caso de atestado médico. Diante disso, medidas corretivas precisam ser tomadas pelos órgãos competentes, a fim de conscientizar os profissionais da área e minimizar os enormes prejuízos que uma atitude irresponsável como essa, está causando aos empresários de nossa cidade.

Sugere-se que órgãos como Senai, Sebrae, Acitel, Agência do Trabalhador e Universidades trabalhem em conjunto com os empresários do distrito industrial, para que discutam, quais as áreas que necessitam de maior capacitação, para que cada instituição possa promover cursos que venham atender as reais necessidades, quanto a formação de mão-de-obra, para que estes possam estar aptos a atender satisfatoriamente, não somente as empresas do distrito, como todo o mercado de trabalho de Telêmaco Borba. Além desse fator, no sentido de dinamizar o distrito industrial, deve-se destacar a necessidade de se estreitar os laços entre os empresários do distrito industrial e estas instituições, a fim de aproveitar o máximo o que elas tem a oferecer a seu benefício.

Outro ponto considerado tanto por empresários, como por funcionários que requer especial atenção é referente à instalação de um posto de atendimento bancário. Cabe, portanto, as lideranças do distrito em conjunto com as gerências dos bancos de Telêmaco Borba estudar a viabilidade de sua efetiva instalação.

Outra vertente importante da pesquisa enumerado por muitos empresários como ponto que necessita de melhorias é referente ao serviço dos correios, pois muitas

correspondências não são entregues, porque a empresa não foi encontrada. Os empresários que não possuem caixa postal, a solução encontrada foi colocar o endereço da residência para recebimento das correspondências da empresa. Sugere-se portanto, que os empresários que se sentem prejudicados, verificar junto a agência do correio local, o que poderia ser feito para que esse serviço fosse melhor aproveitado pelos empresários do distrito industrial.

Considerando que 90% da madeira é exportada, propomos aos órgãos públicos e empresários estudar a possibilidade da instalação no município de um Porto Seco, onde a madeira e produtos da madeira, sairiam de Telêmaco Borba nos containers, liberada pela Receita Federal direto para o navio.

Assim como as firmas, no mundo moderno, precisam ser inovativas para sobreviverem num ambiente mais competitivo, as regiões, onde se localizam as firmas, também estão sujeitas às mesmas restrições e de igual modo, necessitam desenvolver instituições ágeis e inovativas para que mobilizem agentes produtivos, instituições educacionais, poder público e comunidade, para consecução do alvo comum, que é o crescimento e o aumento do bem estar de suas populações.

Este contexto abre caminho para se traçar uma nova forma de organização econômica para Telêmaco Borba, chamada de clusters. Para tanto recomendamos aos empresários e demais instituições públicas e privadas, promoverem debates e discussões, visando sobretudo, esclarecer, despertar e analisar a viabilidade de sua implantação, e ainda para que possam se mobilizar originando força, para promoção do ambiente favorável a sua adequada consolidação.

As vantagens de uma iniciativa como esta são grandes, pois aumentam as chances de sucesso da empresa, porque ao invés de operarem isoladamente no mercado, passam a fazer parte de um amplo espaço, onde ocorrem fortes esquemas de colaboração entre as instituições públicas e privadas oferecendo apoio e suporte aos empresários.

Entretanto, se isto for posto em prática deverá proporcionar uma perfeita sintonia entre ações dos empresários, órgãos públicos e comunidade de modo a garantir sinergias coletivas, que propiciem um verdadeiro processo de crescimento conjunto com bases permanentes e sustentáveis. Neste contexto ainda, possam criar um ambiente dinâmico e inovador, favorável a atração de novos investimentos que proporcionem reflexos positivos na economia local, pelo crescimento econômico e social . Apresentamos os passos para implantação de um Cluster (**Ver Anexo C**).

Os resultados já alcançados são promissores e apontam para o potencial do município de se tornar um dos líderes nacionais da indústria madeireira e moveleira com matéria-prima reflorestada, sustentável e certificada.

Para Finalizar acrescentaríamos, que este trabalho não teve a pretensão de apresentar e fechar qualquer estudo, muito pelo contrário, ele termina abrindo caminho para que novas pesquisas sejam elaboradas, pois amplo é o campo a ser explorado, e grandes são as oportunidades a serem aproveitadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Jair do. **Desenvolvimento regional endógeno em um ambiente federalista**. Planejamento e Políticas Públicas. Brasília: IPEA, nº 14, 1996.

BAPTISTA, Creomar. **Distritos flexíveis e desenvolvimento endógeno: uma abordagem “Marshalliana”**. Disponível na Internet via <http://www.geocities.com/statproj.district.html>. Acesso em: 22 abril 2003.

BARBOSA, F. V. **Competitividade: conceitos gerais**. In: RODRIGUES, S. B. (org.), *Competitividade, alianças estratégicas e gerência internacional*. São Paulo: Atlas, 1999, p. 19-38.

BRITTO, Jorge. **Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira**. Nota Técnica nº 29/00 – Rio de Janeiro, junho de 2000. Disponível na Internet via <http://www.ie.ufrj.br/redesist/P2/Public2.htm>. Acesso em: 28 maio 2003.

BUIAR, Denise Rauta; HATAKEYAMA, Kazuo. **Tecnologia da informação como alavanca competitiva no novo polo industrial paranaense**. Disponível na Internet via <http://www.mdic.gov.br/tecnologia/revistas/artigos/200205pr/art02Denise.pdf>. Acesso em : 9 abril 2003

CASSIOLATO, J. E. **As novas políticas de competitividade: a experiência dos principais países da CDE**. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 1996 (Texto para Discussão, 367).

COELHO, Franklin Dias. **Reestruturação econômica e as novas estratégias de desenvolvimento local**. In: FONTES, Ângela & COELHO, Franklin Dias. *Desenvolvimento Econômico Local. Temas e Abordagens*. Rio de Janeiro: IBAM, SERE/FES/ SEBRAE, 1996.

DANIEL, Celso. **Poder Local e Desenvolvimento**. Palestra Proferida no V Colóquio sobre Poder Local. Salvador, NPGA/EAUFBA, 1992 (mimeo).

DOWBOR, Ladislau. **A Intervenção dos Governos Locais no Processo de Desenvolvimento**. In CACCIA-BAVA, Silvio (org), *Desenvolvimento Local: Geração de Emprego e Renda*. São Paulo, Publicações Polis, (25): 29:44, 1996.

E., LASTRES, H. M. M. (orgs.). **Globalização e inovação localizada, experiências de sistemas locais no Mercosul**. IEL, 1999.

Equipe GCF – **Gerência de Comercialização de Madeira e de Fomento Florestal**. Relatório 2001 – Lagoa / setembro/01.

Equipe GCF – **Gerência de Comercialização de Madeira e Fomento Florestal**. Relatório 2002 – Lagoa /setembro/02.

CANDIDO, Gesinaldo Ataíde. **A formação de redes interorganizacionais como mecanismo para geração de vantagem competitiva e para promoção de desenvolvimento regional**. O Papel do Estado e das Políticas Públicas neste cenário. Disponível na Internet via <http://read.adm.ufrgs.br/read28/artigos/artigo03.pdf>. Acesso em: 25 abril 2003.

FILHO, Jair do Amaral. **A grande transformação e as estratégias de desenvolvimento local**. Disponível na Internet via <http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/seo/>. Acesso: 15 maio 2003.

FILHO, Jorge Renato de Souza. **Desenvolvimento regional endógeno, capital social e cooperação**. Disponível na Internet via <http://nutep.adm.ufrgs.br/pesquisas/Desenvolvreg.html>. Acesso em: 25 abril 2003.

FILHO, Roberto N. Garibe. **Atração de empresas para o município**. Disponível na Internet via <http://federativo.bndes.gov.dicas/DO71.htm>. Acesso em : 06 maio 2003.

FONSECA, Marcos Wagner; PERIS, Alfredo Fonseca. **O Paraná perante o processo de desconcentração industrial brasileiro**. Disponível na Internet via http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/economia/artigos-pdf/06_pr_desconcentração.pdf. Acesso em: 08 de abril 2003.

GALVÃO, Olímpio J. de Arroxelas. **Clusters e distritos industriais: estudos de caso em países selecionados e implicações de política**. Disponível na Internet via <http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp21/Parte1.pdf>. Acesso em: 29 maio 2003.

GARCEZ, Cristiane M. Dávila. **Sistemas locais de inovação na economia do aprendizado**. Uma abordagem conceitual. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V7, n 14, P 351-366, Dez 2000. Disponível na Internet via <http://bndes.gov.br/conhecimento/publicações>. Acesso em: 15 maio 2003.

HADDAD, Paulo R. **A organização dos sistemas produtivos locais como prática de desenvolvimento endógeno**. Disponível na Internet via <http://www.iadb.org/foromic/Vforo/downloads/Haddad.doc>. Acesso em: 06 maio 2003.

HISTÓRICO DA KLABIN. Disponível na Internet via <http://www.klabin.com.br>. Acesso em: 11 abril 2003.

HUMPHERY, J; SCHIMITIZ, H. **Princípios para promoção de pólos e redes de PME's**. In: PASSOS, C. F. Desafios para as PME's. São Paulo: IPT/SEBRAE-SP, 1997. p. 139-172.

Imaflora. **Consulta sobre Processos de Certificação Florestal**. Disponível na Internet via <http://www.imaflora.org/certificação/pcf/consulta>. Acesso em: 11 abril 2003.

Industrialização Brasileira. Disponível na Internet via <http://geocities.yahoo.com.br/vinicrashbr/história/brasil/industrializaçãobrasileira.htm>. Acesso em: 03 abril 2003.

Industrialização Brasileira (Histórico). Disponível na Internet via <http://www.brasilrepública.hpg.ig.com.br/industrializaçãobrasileira.htm>. Acesso em: 03 abril 2003.

IPT Instituto de Pesquisas Florestais. **Prospecção tecnológica da cadeia produtiva da madeira e móveis**. Disponível na Internet via <http://www.mdic.gov.br/tecnologia/prospectiva/produto/diagprel/MadMóveis.pdf>. Acesso em: 11 abril 2003.

Jornal Gralha Azul – Ano XIX – nº 142 – jan – mar/2003 – p. 5 – **Um ano para não esquecer.**

Lei 784 – PRODEFI – **Programa de desenvolvimento e fomento industrial** - 06/07/89.

LOIOLA, E. e MOURA, S. **A Economia Globalizada e o Desenvolvimento**. Revisitados. In Gestão em Debate, Salvador, NPGA/EAUFBA, (0): 1-20, 1995

LOURENÇO, Gilmar Mendes. **Paraná: benefícios e custo do novo ciclo industrial**. Disponível na Internet via <http://www.coopere.net/direitoshumanosrnc/Programa%20de%20Incentivos%20Fiscais.htm>. Acesso em: 08 abril 2003.

LOURENÇO, Gilmar Mendes. **Retaguarda institucional das transformações econômicas no Paraná**. Análise Conjuntural, v. 22, n 11 e 12, p. 2, nov/dez 2000.

MACEDO, Ângela Regina Pires; ROQUE, Carlos Alberto Lourenço; LEITE, Elizabete Tojal. **Produtos Sólidos da Madeira**. In: BNDES Setorial. Ed. Esp. Out. Rio de Janeiro:

BNDES, 1997. Disponível na Internet via <http://www.bndes.gov.br/>. Acesso em: 12 maio 2003.

MACHADO, Ana Claudia Morrissy Machado; DESIDERI, Piero Eugenio dos Santos. **Clusters: uma solução para o papel da dimensão local na economia globalizada**. Disponível na Internet via <http://www.latec.uff.br/anais/Artigos/19.pbf>. Acesso em: 28 maio 2003.

MACIEL, Maria L. (1996). **O milagre italiano: caos, crise e criatividade**. Rio de Janeiro, Relume Dumará / Paralelo 15 Editores.

MATTOS, Rene Luiz Grion. VALENÇA, Antonio Carlos de Vasconcelos. **A reestruturação do setor de papel e celulose**. Disponível na Internet via <http://www.bends.gov.br/conhecimento/bnset/set1006.pdf>. Acesso em: 17 abril 2003.

NEGRI, Barjas. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)** / Barjas Negri.- Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996.

PACHECO, Regina Silvia. **Gestão metropolitana no Brasil: Arranjos institucionais em debate**. In: SILVA VITTE, Claudete de Castro. **Município e Gestão de Desenvolvimento Econômico Local no Brasil: O Caso de Ribeirão Preto (SP)**. Resumo de Tese de Doutorado. 6º Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Presidente Prudente, 25-29 out, 1999.

Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba. **Telêmaco Borba: um potencial moveleiro**. Jan/2000 – CD-ROM.

Proposições de Políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas brasileiras. Disponível na Internet via <http://www.ie.ufrj.br/redesist/P3/intro.html>. Acesso em: 06 maio 2003.

Publicação dirigida aos funcionários da empresa Klabin. Klabin 100 Anos - Dez /99.

RAMÍREZ-RANGEL, H. **Avaliando o terreno: os fundamentos sociais e institucionais da cooperação da pequena empresa**. In: GUIMARÃES, N. A, MARTIN, S. **Competitividade e Desenvolvimento: atores e instituições locais**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 149-175.

RAUD, C. **Indústria, território e meio ambiente: perspectivas de industrialização descentralizadas a partir da análise da experiência catarinense**. Blumenau, Florianópolis: Editora UFSC, 1999.

Relatório Anual. 2001 – Klabin

Secretaria Municipal de Telêmaco Borba – Perfil Sócio-econômico do Município de Telêmaco Borba - 2000.

SILI, Marcelo Henrique. **Desarrollo Local: entre la realidad y la utopia**. Revista Interamericana de Planificación. SIAP. Guatemala. Vol XXVI, nº 101-102, 1993.

SILVA VITTE, Claudete de Castro. **Municípios e gestão do desenvolvimento econômico local no Brasil**. O Caso de Ribeirão Preto (SP). Resumo de Tese de Doutorado. 6º Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Presidente Prudente. 25-29 out, 1999.

STAMER, Jorg Meyer. **Algumas Observações sobre clusters em Santa Catarina**. Disponível na Internet via <http://www.meyer-stamer.de/2000/cluster-sc.htm>. Acesso em: 28 maio 2003.

SUGANO, Joel Yutaka. SANTOS; Antonio Carlos dos. **A competitividade segundo a análise de um grande clusters de produção agroindustrial**. Disponível na Internet via <http://www.dae.ufla.br/cedoc/artigo/artigo05200>. Acesso em: 28 maio 2003.

WOLFE, Marshall. **Desenvolvimento: Para que e para quem?** Indagações sobre a política e realidade político-social. Rio de Janeiro. Ed.: Paz e Terra, 1976.

ANEXOS

ANEXO A: PROJETO DO PÓLO MOVELEIRO

O lançamento oficial para implantação do pólo moveleiro em Telêmaco Borba, foi feito no dia 13/01/00.

Segundo o Prefeito Municipal de Telêmaco Borba , o Sr. Carlos Hugo Wolff Von Graffen:

Para dar maior ênfase à industrialização municipal, está em fase de implantação o projeto de um grande Pólo Industrial Moveleiro, tendo para esta finalidade, inúmeras vantagens sobre outros municípios e regiões, pois temos localmente a rica matéria-prima: a madeira; a tecnologia da secagem do eucalipto, madeira esta que compete na qualidade com o mogno e outras madeiras-de-lei para móveis, porém a preço muito mais baixo; e temos ainda, um Centro Tecnológico de preparação de mão-de-obra especializada para a fabricação de móveis e artefatos de madeira.

Objetivo

Atrair indústrias que queiram aproveitar o potencial madeireiro da região, os incentivos municipais e a infra-estrutura oferecida, para gerar produtos florestais, oferecendo novos empregos para o município e agregando valor a estes produtos, originários de florestas ambientalmente corretas, socialmente justas e economicamente sustentáveis.

Missão

Produzir e comercializar móveis de madeira, principalmente maciça, ambientalmente corretos, com parcerias tecnológicas e econômicas, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico de Telêmaco Borba e região.

No Ambiente Interno foram encontrados os seguintes Pontos Fortes e Fraquezas:

Pontos Fortes

- Base Florestal sustentada no conceito de uso múltiplo com garantia de abastecimento;
- A inserção do fornecedor de matéria-prima e setor industrial de Telêmaco Borba na cadeia de custódia de certificação pela proximidade do centro de produção;
- Vontade política para implantação do pólo moveleiro;
- Existência de uma estrutura de base industrial (pólo madeireiro – serrarias e laminadoras), novos projetos com garantia de abastecimento;
- Esforços organizados para a implantação do Plano Diretor do Pólo Moveleiro;
- Garantia, regularidade e padronização no abastecimento das indústrias de processamento de toras;
- Existência do pólo avançado do SENAI – CETMAM;
- Visão estratégica dos integrantes do Projeto do Pólo Moveleiro.

Fraquezas

- Falta de infra-estrutura moveleira implantada em Telêmaco Borba em relação ao perfil empresarial desejado;
- Despreparo da mão-de-obra em Telêmaco Borba e região;
- Inexistência de empresários locais com intenção de investir no setor moveleiro;
- Um único fornecedor de matéria-prima certificada (madeira);
- Falta de uma organização administrativa em relação ao fomento industrial e engajamento político das forças locais;
- Falta de reestruturação para formação profissional visando a produção em série em grande escala e utilização de tecnologia de ponta (SENAI-CETMAM);
- Altos custos de bens e serviços de Telêmaco Borba e região;
- Falta de política agressiva de formação de educação básica ;
- Desconhecimento de mercado;
- Falta de recursos financeiros para investimentos no Pólo Moveleiro .

No Ambiente Externo foram encontrados as seguintes Oportunidades e Ameaças:

Oportunidades

- Incremento ao incentivo à exportação a nível de tributos no campo Federal e Estadual;
- Linhas de financiamento disponíveis para implantação de novos projetos;
- Existência do PROMÓVEL a nível nacional;
- Programa Paraná – Europa;
- Existência de tecnologia de ponta para suporte de desenvolvimento de produto (a exemplo do SENAI – CETEMO);
- Mercado internacional receptivo à madeira ambientalmente certificada;
- Demanda por móveis de madeira maciça pela classe média/alta do mercado nacional;
- Demanda por móveis modulares pelo mercado nacional;
- Disponibilidade do mercado externo para realizar parcerias com países produtores (tecnologia, madeira, acessórios e componentes) .

Ameaças

- Custo Brasil (legislação tributária, fiscal, trabalhista, custos portuários, custos de transporte);
- Política cambial;
- Não cumprimento da Legislação Florestal;
- Vulgarização do Selo Verde;
- Falta de uma estrutura comercial ativa de produtos com imposições de design;
- Falta de uma cultura empresarial proativa em relação ao desenvolvimento de produtos (design);
- Crescente aplicação de MDF na fabricação de móveis substituindo os móveis de madeira maciça;
- Falta de normalização da Construção Civil quanto a adequação com o mobiliário;
- Utilização de materiais alternativos na fabricação de móveis (plásticos, tubos)

Resultados Esperados

1. Relação de produtos com aplicação de matéria-prima para fabricação de componentes com maior valor agregado

- Definição de produtos de fácil execução com baixo investimento;
- Incentivo ao artesanato;
- Procurar uma maneira de usar a madeira de baixa qualidade no uso de móvel para baixar custo e ser mais competitivo.

2. Mercados potenciais e produtos do segmento, identificados

- Identificação de mercados;
- Alavancagem de produtos e mercados.

3. Adesão do empresariado na implantação do "Pólo Moveleiro"

- Motivar pequenos empresários locais na participação do "Programa Moveleiro";
- Captação de empresários tradicionais da atividade moveleira;
- Divulgar o "Projeto Moveleiro";
- Criação de cooperativas de produtores de móveis;
- Pequenos empresários produtores de móveis não congregados (desunidos).

4. Desenvolvimento profissional e tecnológico

- Investimento em tecnologia;
- Atualização do curso de qualificação;
- Difundir a idéia de escolas para ensino básico junto a órgãos como SESI/CETMAM;
- Credenciamento de produtores florestais com a certificação ambiental.

5. Parcerias e linhas de financiamento definidas

- Financiamentos se consegue através de programas viáveis com base sustentável;
- Utilização de escola como oficina de trabalho – Ex.: alunos – cooperados;
- Reorganização administrativa do Órgão de fomento industrial;
- Procurar instituições financeiras com interesse no financiamento do Projeto Moveleiro.

6. Classe empresarial e poder público comprometidos

- Atualizar a organização administrativa do mento industrial às novas necessidades;
- Vontade do Governo Municipal se realiza através da participação empresarial.

ANEXO B: PASSOS PARA IMPLANTAÇÃO DE UM CLUSTER

O trabalho visando o fortalecimento e promoção de clusters produtivos costuma ser estruturado em 3 etapas, cada uma delas envolvendo um conjunto de atividades com a finalidade de servir de guia para o desenvolvimento da etapa seguinte.

Etapa I - Validação da Metodologia e Identificação dos Clusters

Primeiro Passo - Seminário de orientação - para assegurar que todas as lideranças, públicas e privadas, envolvidas no processo, estarão integradas, conhecendo a metodologia de trabalho e comungando dos mesmos objetivos e expectativas. Por ocasião do seminário, a metodologia completa é apresentada e todas as questões levantadas pelos participantes esclarecidas;

Segundo Passo - Aplicação da metodologia - caracterização, com informações quantitativas, da economia da região, com o objetivo de identificar o(s) pré-clusters ou os cluster(s) existentes e subsidiar a preparação de plano detalhado de trabalho a ser desenvolvido, contemplando algumas análises básicas sobre a situação da economia da área considerada, em comparação com a do respectivo Estado e com a do próprio País, quando for o caso. Serão analisados os seguintes aspectos:

- Tendências econômicas, sociais e demográficas básicas;

- Existência e crescimento dos principais clusters;

- Existência e qualidade de alguns requisitos gerais, como pesquisa e tecnologia, educação e desenvolvimento da força de trabalho, infra-estrutura econômica e social, fontes de financiamento e outros aspectos relacionados com o ambiente de negócios da região.

Terceiro Passo - Organização e implementação dos Grupos de Clusters - A partir das lideranças identificadas por ocasião do Seminário de Orientação (Primeiro Passo) e de entrevistas realizadas com lideranças dos setores público, privado e ONG's, serão estruturados Grupos de Clusters, que trabalharão com o objetivo de, contando com a ajuda de facilitadores, realizar diagnósticos, definir prioridades, propor cursos de ação e gerenciar a execução das ações programadas.

Quarto Passo - Desenvolvimento e capacitação - Objetivando a sustentabilidade do processo, paralelamente ao trabalho dos Grupos de Clusters, é desenvolvido esforço de capacitação e treinamento, com as seguintes características:

Objetivos: educar pessoas - chave em técnicas analíticas e aplicação do conceito de cluster para a estratégia de desenvolvimento econômico e social, com ênfase nos aspectos práticos do processo. Embora breve visão teórica geral seja

necessária, todo o treinamento é desenvolvido e baseado no trabalho real dos participantes dos clusters, tendo em vista identificar desafios e definir estratégias de ação para superá-los.

Público-alvo: líderes do setor público e do setor privado da área de influência do cluster, selecionados pelos integrantes do Grupo do Cluster. Há três níveis de treinamento a considerar:

Nível 1: Conceitos, abordando basicamente os desafios da competitividade econômica e a abordagem dos clusters. Neste nível, seriam envolvidos líderes do setor público e de organizações de desenvolvimento econômico, inclusive pessoas ligadas às Universidades.

Nível 2: Métodos - maiores detalhes do processo de desenvolvimento econômico baseado em clusters. Neste nível, o público visado são os profissionais de planejamento do setor público e das Federações, Sindicatos e Associações ligados à Agricultura, a Indústria e ao Comércio; e

Nível 3: Implementação, neste nível participam dos treinamentos profissionais do setor público e do setor privado que desejem ser capacitados "no local de trabalho", isto é, aprender fazendo, pois estarão participando diretamente do processo de implementação das ações programadas para o clusters (ver Etapa III).

Metodologia: Nos níveis 1 e 2 são praticados sistema de treinamento multidisciplinar e de multimídia, contemplando apresentações relativamente curtas, com o uso de vídeo-cassete e de outros modernos recursos tecnológicos, na realização de seminários de 2 a 3 horas de duração. Para o nível 3 são praticados processos de treinamento em serviço. Em todos os três níveis, utiliza-se a abordagem construtivista, tendo em conta que o desenvolvimento é um processo endógeno de criação da realidade, que incorpora o conhecimento e a experiência de todos os atores envolvidos.

Quinto Passo - Divulgação, comunicação e mobilização da Comunidade - Comunicação e divulgação são partes essenciais do processo de mobilização da comunidade, como meio de estimular a prática de ações colaborativas indispensáveis à melhoria da competitividade sistêmica, isto é, de todas as empresas e segmentos que integram o cluster. Resumo da Metodologia é distribuído por toda a região da área de influência do cluster, podendo até ser elaborada home page para divulgar o projeto e suas ações. Outra medida importante é a realização de workshops, nos quais os líderes do cluster, utilizando-se de modernos recursos de DataShow, apresentam a metodologia e discutem com os interessados, objetivando identificar novas lideranças e mobilizar apoio para o cluster.

Etapa II - Abordagem Competitiva do Cluster

Primeiro Passo - Averiguar a posição atual e a competitividade do Cluster - Identificam-se os fatores que geram a competitividade do cluster, enfocando a performance das empresas e as vantagens e desvantagens do ambiente de negócios da área do cluster;

Segundo Passo - Analisar mercados - objetivando identificar áreas potenciais onde as empresas do cluster podem criar, aumentar ou manter suas vantagens competitivas. O trabalho é desenvolvido mediante o uso de informações secundárias, complementadas pela realização de pesquisas diretas junto a líderes do setor público e privado e "experts" do mercado (atacadistas, exportadores etc.). É desejável realizar avaliações dos diferentes segmentos, como canais de distribuição e competidores - chave;

Terceiro Passo - Estudar clusters competidores de referência - Análise detalhada de regiões selecionadas, no País e no Exterior, concorrentes do Cluster. O objetivo é identificar vantagens e desvantagens das regiões selecionadas para estudo, relativamente ao cluster que se deseja fortalecer. São os denominados estudos de benchmarking, bastante utilizados nas técnicas de redesenho de processos e que, no caso, utiliza informações de natureza qualitativa e quantitativa;

Quarto Passo - Abordar políticas públicas de infra-estrutura - Análise dos gargalos logísticos, de regulamentação, de promoção de investimentos, de treinamento e de acesso à tecnologia, capazes de comprometer a performance competitiva do cluster nos mercados do país e do exterior. O trabalho envolverá a análise de documentos-chave, entrevistas com lideranças e levantamentos junto a empresas.

Quinto Passo - Identificar, desenvolver e comunicar projetos-piloto chave - Geralmente, a melhoria da competitividade pode ser obtida a partir da solução de problemas simples, porém cruciais para ensejar o desenvolvimento do cluster (a gota d'água). Assim sendo, é recomendável identificar tais problemas e encaminhar as soluções necessárias (que geralmente também são simples), associando a isto adequada estratégia de divulgação, objetivando comunicar os resultados obtidos em termos de melhorias da eficiência competitiva do cluster. Ações desta natureza, de resultados palpáveis e imediatos, contribuem para arejar o ambiente de negócios e para mobilizar novos apoios para o cluster.

Etapas III - Plano Estratégico de Ação

Todo o esforço de análise e de mobilização desenvolvido nas Etapas I e II deverá resultar na elaboração participativa de Plano de Ação que possa conciliar os interesses de todos os atores envolvidos e que tenha como objetivo a melhoria contínua da competitividade do cluster. O Plano Estratégico contempla iniciativas específicas, incluindo políticas públicas e ações de responsabilidade do setor privado - realização de novos investimentos, inovações tecnológicas e ganhos de produtividade, por exemplo -, voltadas para o fortalecimento da capacidade da economia da região, em termos de diversificação e modernização. Todas as ações previstas no Plano de Ação, quer de responsabilidade do setor público, quer a cargo da iniciativa privada, são objeto de negociação entre as partes e devem ser formalizadas em Protocolos de Intenção, Convênios, Contratos e outros instrumentos adequados, constituindo compromissos que possam



Chegando a este estágio de navegação no GERANEGOCIO, desde que você tenha estudado com atenção, você adquiriu os conhecimentos básicos sobre clusters. Faça, agora, um teste para avaliar os conhecimentos adquiridos.



ANEXO C: REPASSES DO ICMS

(Embedded image moved to file: pic05436.pnx)
 SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL
 ASSESSORIA ESPECIAL DO GOVERNADOR

REPASSES DE ICMS COMPROVAM DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL

Municípios do interior ficam mais ricos com o programa de industrialização do Governo e aumentam sua quota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

Os repasses de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) feito pelo Governo do Estado aos 399 municípios paranaenses mostram que

está havendo uma desconcentração industrial no Paraná. Nos primeiros cinco meses do ano, enquanto os repasses para Curitiba apresentaram queda de 1,32%, comparado ao mesmo período de 2000, os recursos para Araucária cresceram 23,9%, para Paranaguá, 20,4%, e para São José dos Pinhais, 19,4%.

Na comparação entre 2000 e 1999, pelo menos 14 municípios tiveram aumento maior de repasses do que Curitiba. Somente cinco pertencem à Região Metropolitana, onde está concentrado o pólo automotivo do Estado. Entre os que abocanharam uma fatia pelo menos 21% maior de um ano para outro estão Foz do Iguaçu, Londrina, Maringá, Guarapuava e Telêmaco Borba, por exemplo.

"O crescimento da atividade econômica, provocado pela industrialização, é responsável pelo aumento da riqueza nos municípios. O repasse do ICMS feito pelo governo mostra que a política de atração de investimentos industriais deu certo e espalhou desenvolvimento por todo o Estado", avalia o governador Jaime Lerner.

Contribuição ? A distribuição da quota-parte do ICMS aos municípios corresponde a 25% de todo o imposto arrecadado no Paraná. Ou seja, é um ressarcimento do Governo do Estado pela contribuição dos municípios no incremento da atividade econômica paranaense.

Os 75% restantes da arrecadação do ICMS são destinados ao Tesouro estadual. Cada prefeitura recebe os recursos da quota-parte do imposto de acordo com o índice de participação, calculado pelo sistema de média ponderada.

Levantamento realizado pela Secretaria da Fazenda mostra que Curitiba é o município que recebe a maior fatia do repasse do ICMS, considerando-se sua condição de maior cidade, com maior número de habitantes e de empresas. Mas, a instalação de indústrias nas diversas regiões do Estado já pode ser sentida.

Nos primeiros cinco meses do ano, Curitiba recebeu R\$ 67,188 milhões, valor inferior aos R\$ 68,089 milhões de janeiro a maio de 2000. Já Araucária, que possui a segunda maior receita do Paraná, recebeu este ano R\$ 31,7 milhões, R\$ 6,1 milhões a mais do que no mesmo período do ano anterior.

Os reflexos da safra agrícola, que fez com que o Paraná batesse recorde histórico em exportação de grãos, movimentaram a cidade de Paranaguá. Embora as exportações não paguem ICMS, os setores de comércio e serviço pagam e ganharam muito dinheiro nos primeiros meses do ano. De janeiro a maio, os repasses do ICMS ao município cresceram 20,4%, somando R\$ 6,8 milhões.

Também tiveram aumentos expressivos nas receitas de ICMS neste ano, os municípios de Foz do Iguaçu (+15,2%) com R\$ 23,3 milhões; Ponta Grossa (+15,2%) R\$ 10,4 milhões; Londrina (+12,7%) R\$ 15,8 milhões; Toledo (+5,3%) R\$ 6,2 milhões e Cascavel (+2,4%) com R\$ 7,9 milhões.

Montadoras - No ano passado, o maior crescimento do repasse de recursos do ICMS foi registrado pelo município de São José dos Pinhais, que recebeu R\$ 33,7 milhões, 55,4% a mais do que os R\$ 21,6 milhões de janeiro a dezembro de 1999. Este incremento é reflexo da instalação das montadoras Renault e Audi-Volkswagen e de suas fornecedoras, que trouxeram emprego, desenvolvimento e riqueza para o município.

O segundo município com maior aumento de recursos repassados, em 2000, foi Campo Largo, com receita de R\$ 12,3 milhões, ou 42,6% acima dos R\$ 8,6 milhões verificados no ano anterior. Em terceiro lugar, ficou o município de Paranaguá, com R\$ 14,7 milhões ? 40,9% superior aos R\$ 10,5 milhões recebidos nos 12 meses de 99.

ANEXO D: FORMULÁRIOS DE PESQUISA DE OPINIÃO

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO JUNTO AOS EMPRESÁRIOS DO DISTRITO INDUSTRIAL.

Inicialmente gostaríamos de agradecer-lhe por concordar em nos fornecer algumas informações iniciais com respeito a sua empresa. Nosso interesse especial bem como o da Acitel e o da Associação das empresas do Distrito Industrial estão voltados para um estudo de como está a estrutura do Distrito Industrial e até o da própria cidade de Telêmaco Borba, visando identificar um conjunto de necessidades, anseios e expectativas das empresas e de seus funcionários. Suas respostas, bem como a de seus funcionários serão tratadas como estritamente confidenciais, preservando-se a privacidade das fontes de informações. Os resultados deste trabalho após tabulados serão divulgados através de um relatório, onde nenhum profissional ou empresa serão citados nominalmente, e sim em um âmbito geral do Distrito Industrial.

Por favor, leia as questões uma a uma antes de respondê-las. Se preferir deixe em branco somente o campo nome.

1. Nome : (Opcional) _____

2. Cargo na empresa : _____

3. Faixa etária :

- () até 20 anos () 21 a 25 anos () 26 a 30 anos () 31 a 35 anos
() 36 a 40 anos () 41 a 50 anos () Mais de 50 anos

4. Escolaridade :

- () 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto
() 2º grau completo () 3º grau incompleto Qual : _____
() 3º grau completo Qual : _____
() Pós-graduado () Outro : mestrado _____

5. Qual o ramo de atividade de sua empresa e quais produtos fabrica ?

6. Quantos anos a empresa exerce suas atividades em Telêmaco Borba ? _____

7. Número de empregados diretos que trabalham na empresa:

8. Número de empregados terceirizados que trabalham na empresa:

9. Número de filiais:

- () até 01 () 02 – 04 () Mais de 04 () Não possui filiais

10. A empresa originou-se da cidade de _____ Estado _____

11. O que atraiu a instalação da empresa no Distrito Industrial de T. Borba :

- () Localização privilegiada

- () Disponibilidade de matéria-prima
 () Incentivo dos órgãos Públicos
 () Mão-de-obra especializada
 () Oportunidade de ampliar seus negócios com a abertura de uma filial.

12. A administração da empresa é exercida por :

- () Por membro da família () Por gerente profissional
 () Por sócio majoritário () Por funcionários

13. Qual o faturamento anual de sua empresa ?

- () R\$ 100.000,00 a R\$ 300.000,00
 () R\$ 500.000,00 a R\$ 1.000.000,00
 () R\$ 1.000.000,00 a R\$ 2.000.000,00
 () Acima de R\$ 2.000.000,00

14. Abrangência de mercado :

Abrangência	Até 10 %	11% à 25%	26% à 40%	41% à 70%	Mais de 70%
Local					
Regional / Estadual					
Nacional					
Exportação					

15. Para onde exporta ? (caso exporte)

- () Europa () América do Norte () América Central () Mercosul
 () Outros países da América do Sul () África () Oriente Médio () Ásia

16. Dentre as instituições abaixo relacionadas, qual é aquela que sua empresa mais tem utilizado para a realização de cursos, seminários, consultoria ou busca de informações especializadas :

- () Senai
 () Sebrae
 () Prefeitura Municipal
 () Instituições de Ensino (FATEB, UEPG, OUTRAS UNIVERSIDADES, COLÉGIOS)
 () Empresas Privadas de consultoria
 () Outras entidades de representação empresarial (ACITEL, SINDICATOS)
 () Consultoria Júnior (FATEB)
 () nenhum

17. Sua empresa é sindicalizada ? () Sim () Não

18. Sua empresa utiliza-se da terceirização ? () Sim () Não

19. A terceirização :

- () Melhora a produtividade da pequena empresa (reduz custos)
 () Facilita a vida do empresário
 () Só funciona para grandes empresas

- ☐ Possibilita a atenção total no negócio principal da empresa
- ☐ Diminui os encargos sociais e as responsabilidades
- ☐ Não se aplica ao meu negócio
- ☐ Qualidade dos serviços prestados

20. Seus investimentos ?

- ☐ Todo lucro que consegue é investido na própria empresa.
- ☐ Não faz distinção entre a sua conta pessoal e da empresa.
- ☐ Atualmente tem investido muito pouco na empresa.
- ☐ Todo dinheiro que sobra aplica-se no mercado financeiro.
- ☐ A situação atual da economia não permite investir na empresa.
- ☐ Investimento em qualificação de mão-de-obra.
- ☐ Investimento em máquinas e equipamentos.

21. Qual é a média de rotatividade no emprego de seus funcionários:

- ☐ 1 a 3 meses ☐ 4 a 6 meses ☐ 7 a 12 meses ☐ Mais de 1 ano
- ☐ Acima de 3 anos

22. Sua empresa utiliza-se de mão-de-obra especializada ?

- ☐ Sim ☐ Não

23. Caso afirmativo, Qual : _____

24. Seus funcionários tem participação nos lucros ? ☐ Sim ☐ Não

25. Sua empresa remunera seus funcionários com base no salário do sindicato ?

- ☐ Sim ☐ Não

26. Sua empresa dispõe de serviços de assistência social para seus funcionários?

- ☐ Sim ☐ Não

27. Sua empresa capacita os funcionários :

- ☐ Antes da contratação
- ☐ Durante a jornada de trabalho
- ☐ O conhecimento que necessitam são aprendidos no dia a dia da empresa
- ☐ Através de órgãos e entidades promotores de programas de treinamento
- ☐ Não capacito

28. Qual é a área que mais necessita de treinamento em sua empresa ? (Admite até 3 opções)

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Produção | <input type="checkbox"/> Serviços de Manutenção | <input type="checkbox"/> Transportes |
| <input type="checkbox"/> Pesquisa Laboratorial | <input type="checkbox"/> Administrativa / Gerencial | <input type="checkbox"/> Terceirizados |
| <input type="checkbox"/> Exportação | <input type="checkbox"/> Marketing e propaganda | <input type="checkbox"/> Legislação |
| <input type="checkbox"/> Tecnologia | | |

29. Enumere em ordem crescente as principais dificuldades encontradas na condução das atividades da sua empresa ?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Falta de capital de giro. | <input type="checkbox"/> Falta de crédito. |
| <input type="checkbox"/> Problemas financeiros. | <input type="checkbox"/> Maus pagadores. |
| <input type="checkbox"/> Falta de clientes . | <input type="checkbox"/> Concorrência muito forte. |
| <input type="checkbox"/> Instalações inadequadas. | <input type="checkbox"/> Ponto inadequado. |

- ☐ Carga tributária elevada. ☐ Falta de mão-de-obra qualificada.
☐ Falta de conhecimentos gerenciais. ☐ Recessão econômica do país.
☐ Problemas com a fiscalização.
☐ Outra, qual ? _____

30. Dentre as afirmativas abaixo relacionadas enumere em ordem crescente de prioridade as dificuldades encontradas pela sua empresa no município de Tel. Borba:

- ☐ Alta rotatividade de mão-de-obra.
☐ Mão-de-obra não especializada.
☐ Falta de transporte de pessoal.
☐ Falta de transporte para a matéria-prima.
☐ Falta de transporte para a produção
☐ Falta de tecnologia em Telêmaco Borba
☐ Falta de máquinas e equipamentos para locação.
☐ Falta de equipamentos de segurança.
☐ Falta de empresas que disponibilizem venda de peças para reposição de máquinas
☐ Falta de matéria-prima.

31. Dentre as afirmativas abaixo relacionadas enumere em ordem crescente de prioridade as dificuldades encontradas pela sua empresa no Distrito Industrial de Telêmaco Borba:

- ☐ Falta de limpeza e coleta de lixo.
☐ Falta de pavimentação.
☐ Falta de pronto socorro.
☐ Falta de um posto de atendimento bancário
☐ Falta de infraestrutura elétrica.
☐ Falta de infraestrutura hidráulica.
☐ Falta de combustível.
☐ Falta de um restaurante industrial.
☐ Falta de urbanização do distrito industrial
☐ Falta de telefones públicos
☐ Falta de um posto de atendimento do sindicato madeireiro

32. Quais são na sua opinião, os fatores mais importantes para o sucesso de uma empresa ?
(Marque as 3 mais importantes)

- ☐ Capacidade do empresário de assumir riscos.
☐ Aproveitamento das oportunidades de negócios.
☐ Ter um administrador.
☐ Bom conhecimento do mercado onde atua.
☐ Capacidade de liderança do empresário.
☐ Uso de capital próprio.
☐ Criatividade do empresário.
☐ Re-investimento dos lucros na empresa.
☐ Boa estratégia de vendas.
☐ Ter acesso a novas tecnologias.
☐ Empresário com persistência e perseverança.

33. Qual o grau de utilização da capacidade instalada de sua empresa: _____ %

34. Na sua produção há reaproveitamento do desperdício de matéria-prima :
☐ Sim ☐ Não

35. Se reaproveita. Qual é o destino dado.

36. A maior parte de aquisição de sua matéria-prima provem de fornecedor :
☐ local ☐ regional ☐ estadual ☐ nacional ☐ importado

37. A perspectiva de crescimento de sua empresa para daqui a 5 anos é _____ %

38. O índice de acidentes de trabalho em sua empresa é :
☐ Baixo ☐ Alto ☐ Médio ☐ Raramente temos acidentes

39. Na sua opinião, os motivos que levam os empregados de sua empresa a sofrerem acidentes de trabalho são :

- ☐ Falta de atenção
☐ Falta de capacidade técnica
☐ Incapacidade física
☐ Cansaço, Fadiga
☐ Falta de treinamento para manusear a máquina ou as ferramentas de trabalho.
☐ Máquinas e equipamentos sem manutenção e/ou obsoletos.
☐ Falta de uma política de segurança no trabalho.
☐ Falta de conscientização do empregado
☐ Outra. Qual : _____

40. Em caso de acidente de trabalho, como é o atendimento dado a seus funcionários no SUS ? Marque com um X ☐ Péssimo ☐ Regular ☐ ótimo

	ACIDENTES GRAVES			ACIDENTES NÃO GRAVES		
	(1)	(2)	(3)	(1)	(2)	(3)
Qualidade de atendimento pelos médicos.						
Qualidade de Atendimento pelos funcionários						
Tempo de Atendimento antes da consulta						
Tempo de Atendimento durante a consulta						
Exame e Diagnóstico da doença.						

41. Qual sua opinião com relação à emissão de atestados médicos dos serviços de saúde do município ? ☐ Satisfeito ☐ Não satisfeito
 Por que ?

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AOS FUNCIONÁRIOS DO DISTRITO INDUSTRIAL DE TELÊMACO BORBA

Inicialmente gostaríamos de agradecer-lhe por concordar em nos fornecer algumas informações iniciais a respeito de sua função na empresa. Nosso interesse especial bem como o da Acitel e o da Associação das empresas do Distrito Industrial estão voltados para um estudo de como está a estrutura do Distrito Industrial e até o da própria cidade de Telêmaco Borba, visando identificar um conjunto de necessidades, anseios e expectativas das empresas e de seus funcionários. Suas respostas serão tratadas como estritamente confidenciais, preservando-se a privacidade das fontes de informações, inclusive para seus superiores. Os resultados deste trabalho após tabulados serão divulgados através de um relatório, onde nenhum profissional ou empresa serão citados nominalmente, e sim em um âmbito geral do Distrito Industrial, pois se trata de um estudo sobre o Distrito Industrial, e não sobre seu emprego ou sobre a empresa a qual esta trabalhando.

Por favor, leia as questões uma a uma antes de responde-las. Se preferir deixe em branco somente o campo nome.

1. Nome : (Opcional) _____

2. Cargo na empresa : _____

3. Faixa etária :

() até 20 anos () 21 a 25 anos () 26 a 30 anos () 31 a 35 anos
() 36 a 40 anos () 41 a 50 anos () Mais de 50 anos

4. Escolaridade :

() 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto
() 2º grau completo () 3º grau incompleto Qual : _____
() 3º grau completo Qual : _____
() Pós-graduado () Outro : _____

5. Quanto tempo trabalha na empresa?

() 1 a 3 meses () 4 a 6 meses () 7 a 12 meses () Mais de 1 ano
() Mais de 3 anos

6. Você sabe o que sua empresa produz, para que serve e qual o destino dado ?

() Sim () Não

E o que é: _____

7. Assinale quais são os benefícios e incentivos concedidos aos trabalhadores na sua empresa :

() Planos de saúde () Seguro de vida () Vale transporte () Vale-refeição
() Participação nos lucros () Prêmios de Produtividade () Creche
() Incentivos não-financeiros () Outras formas de incentivos financeiros
() Outros benefícios. Quais : _____

8. Que remuneração atende suas necessidades e expectativas ?

Valor R\$ _____

9. O seu ambiente de trabalho é saudável e há um comprometimento de toda a equipe com os objetivos da empresa. () Sim () Não

10. No seu ambiente de trabalho você é estimulado a integração, ao trabalho em equipe, onde as diferentes opiniões venham a gerar novas soluções para os problemas diários.

() Sim () Não

11. No seu setor ocorrem acidentes de trabalho?

() Sim () Não

12. Caso ocorra, eles são:

() Poucos acidentes de trabalho

() Muitos acidentes de trabalho

() Difícilmente ocorrem acidentes de trabalho

13. Na sua opinião quais são os motivos que levam os funcionários a sofrer acidentes de trabalho:

() Falta de atenção dos funcionários

() Carga horária de Trabalho muito elevada

() Falta de equipamentos de segurança

() Falta de treinamento para manusear as máquinas e equipamentos

() Cansaço/ fadiga

() A não utilização dos equipamentos de segurança oferecidos pela empresa

() Ambiente de trabalho muito perigoso

14. Você se sente motivado(a), valorizado(a) do desempenho de suas funções?

() Sim () Não

15. Caso negativo, quais são os motivos de não estar motivado?

() Falta de ambiente de trabalho saudável

() Falha de comunicação

() Falta de oportunidade para expor suas idéias

() Superiores muito autoritários

() Conflitos no ambiente de trabalho

() Falta de valorização profissional

() Falta de incentivos e benefícios tais como: plano de saúde, seguro de vida, vale transporte, vale refeição, etc.

16. Quanto a sua jornada de trabalho? () Ideal () Excessiva () Pouco Produtiva

17. Sua empresa lhe disponibiliza equipamentos de segurança? () Sim () Não

18. Em relação ao distrito industrial de Telêmaco Borba quais as maiores dificuldades que você encontra: (até 3 opções)

() Falta de transporte coletivo regular

() Falta de posto de saúde

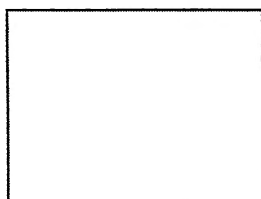
() Falta de telefones públicos

() Falta de posto de atendimento bancário

() Falta de pavimentação/urbanização

() Falta de um restaurante industrial.

() Outros, quais : _____

An empty rectangular box with a black border, intended for a drawing or additional notes.